

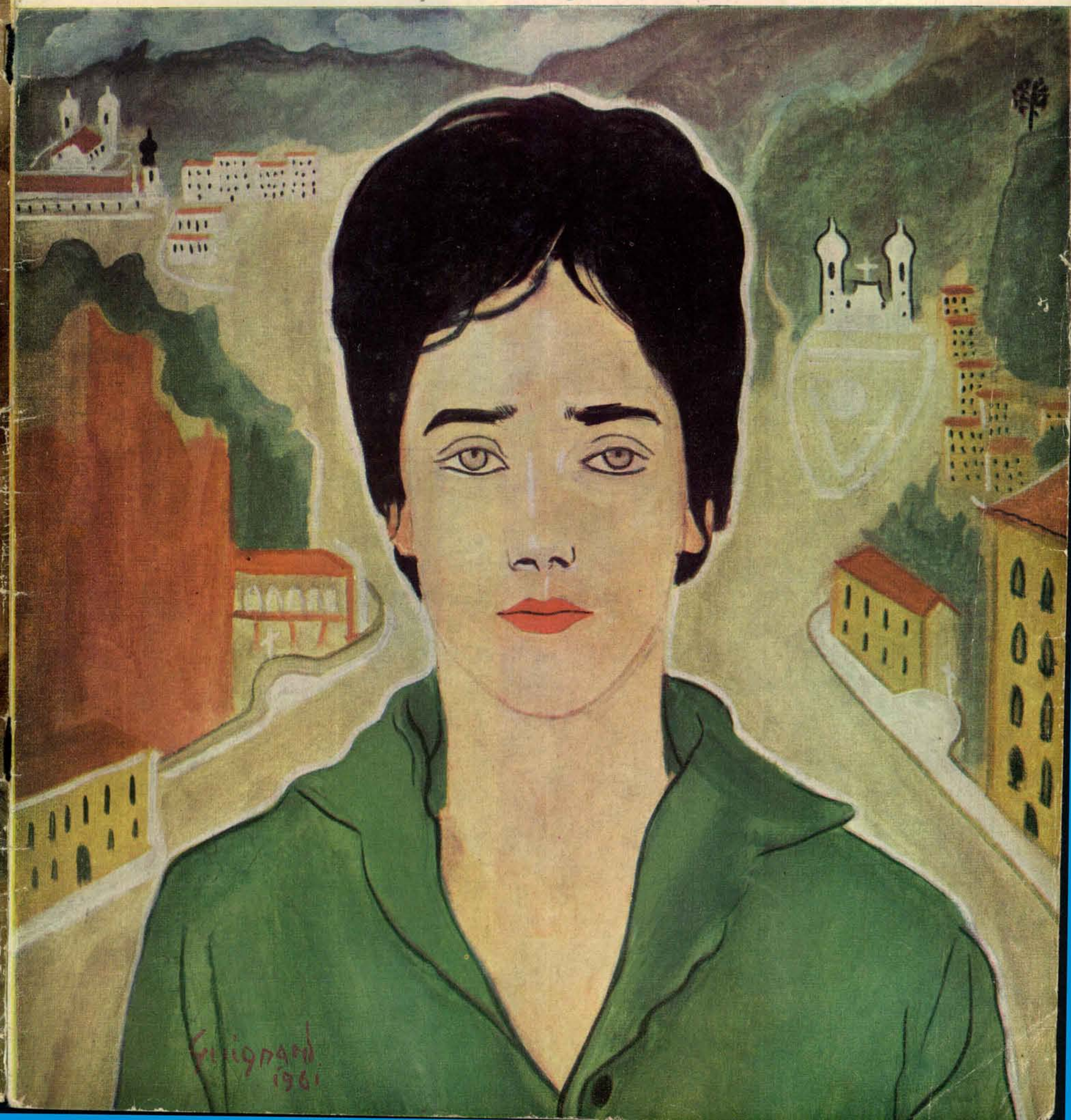
ALTEROSA

JANEIRO — Cr\$60,00

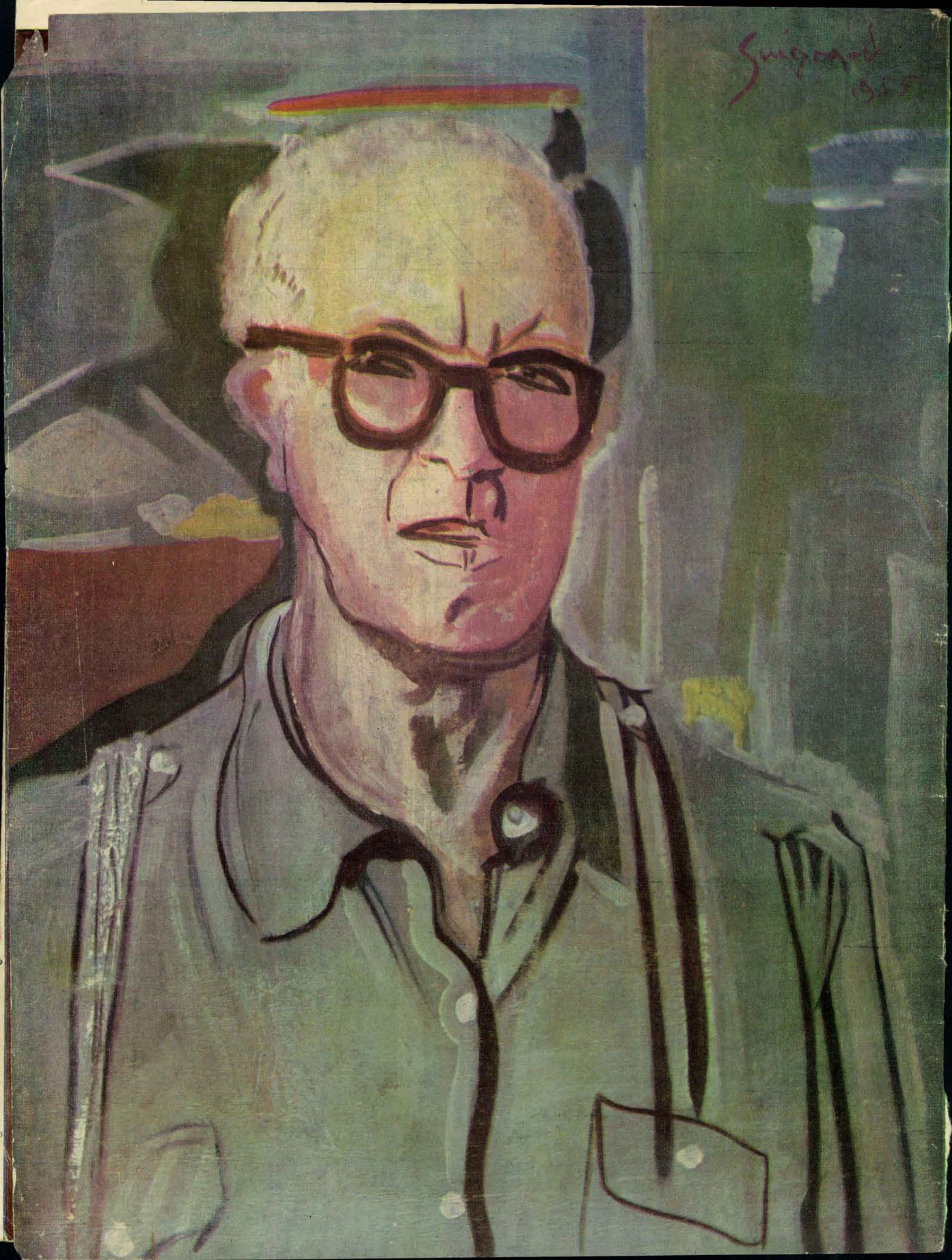
Jackie
Kennedy:
A Face
Oculta

Em 10 Pgs
Santos Faz
Milagres
Com A Bola

Goulart
Vence 1º.
Round: - E
Agora João?



Singman
1955



GUIGNARD

INÉDITO

Igreja de Antônio Dias, Ouro Preto, 2 horas da tarde: julgando que os olhos vigilantes da zeladora nunca iriam suspeitar que suas mãos, tão famosas como as de Portinari, fôssem cometer o primeiro (e único) pequeno crime, um homem claro de 60 anos pôs no bolso um pequeno navio de prata encontrado num canto do altar. Houve o alarme e a polícia, chamada pela zeladora, fez o cerco em torno da Igreja. O delegado, que pensava ter descoberto o chefe de uma quadrilha de ladrões de imagens, ficou espantado ao ouvir o nome do prêso: Alberto da Veiga Guignard. Profissão: pintor. Mais tarde, sem perder o bom humor, Guignard declarou, durante o inquérito: — «Vi a naveta, pobrezinha, abandonada, sem amigos e fiquei penalizado. Queria levá-la para fazer-lhe companhia». Foi absolvido.

Esta história, ocorrida há 5 anos, permanece até agora, como alguns dos quadros do «Grande Mestre» morto há pouco tempo, inédita. Do Guignard, que tinha alma de passarinho-criança, pode-se contar ainda que 6 dias antes de morrer revelou a um amigo seu medo da morte: — «Mas é do mau gosto dos entêrros». Vivendo uma solidão só quebrada pelos sonhos com amores impossíveis, Guignard tinha um hábito dos que vivem só: ele mesmo pregava os botões de sua roupa. Seu pássaro preferido: canário cabeça de fogo, um dos mais simples passarinhos brasileiros. Distribuir balas às crianças e às mocinhas que passavam pelas ruas de Ouro Preto, era uma de suas alegrias.

Não gosta de promover: — «O artista que busca promoção revela-se um inseguro. Eu estou seguro de mim mesmo». Quando se irritava com os críticos de arte sentia vontade de lhes passar o pincel, que ficaria inútil em suas mãos. Era capaz de fazer um quadro em 3 horas. Exemplo: o retrato da Sra. Terezinha Vargas de Oliveira Penna, da sociedade de Belo Horizonte e que é a capa de **Alterosa**. Sentia-se íntimo de Cristo e gostava de retratá-lo, da forma que aí aparece: trata-se de um quadro da coleção do sr. Samuel Koogan. Fêz três auto-retratos: gostava mais deste (foto em cores). Era feliz como um pássaro.

(segue)



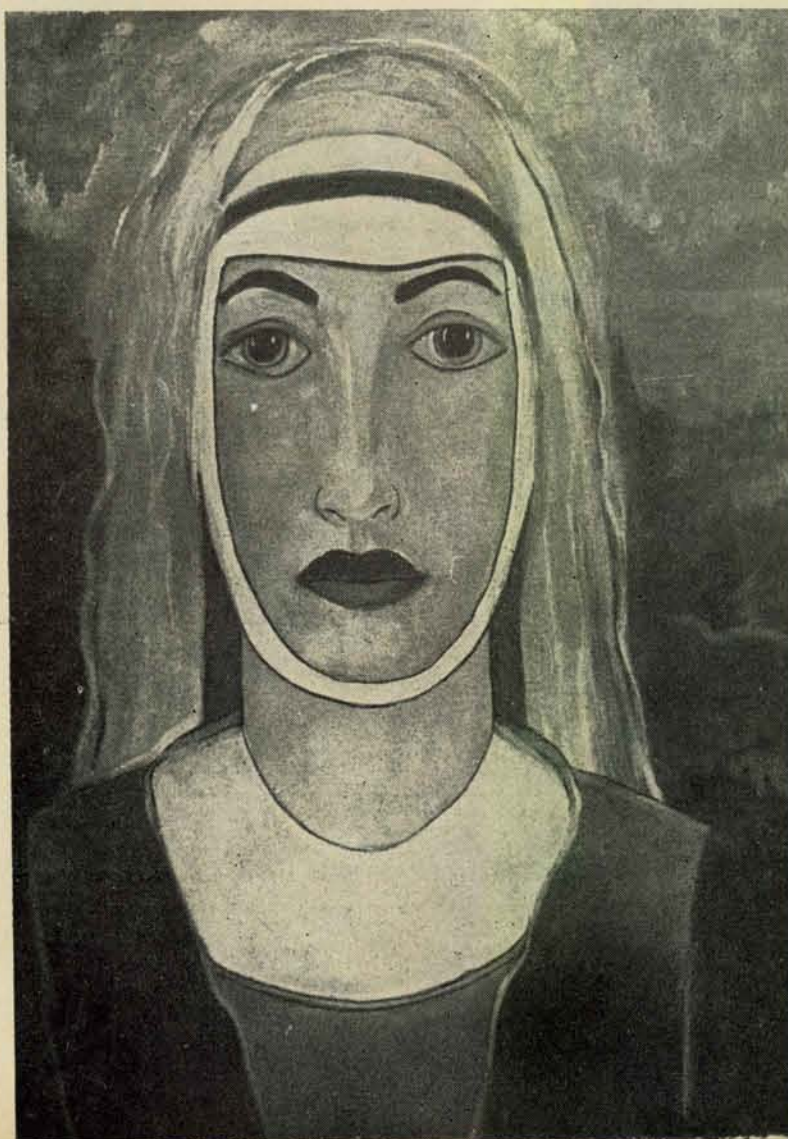
Reportagem: Geraldo Andrada

Fotos em cores: Juarez Drosghic e Yvon Chausson

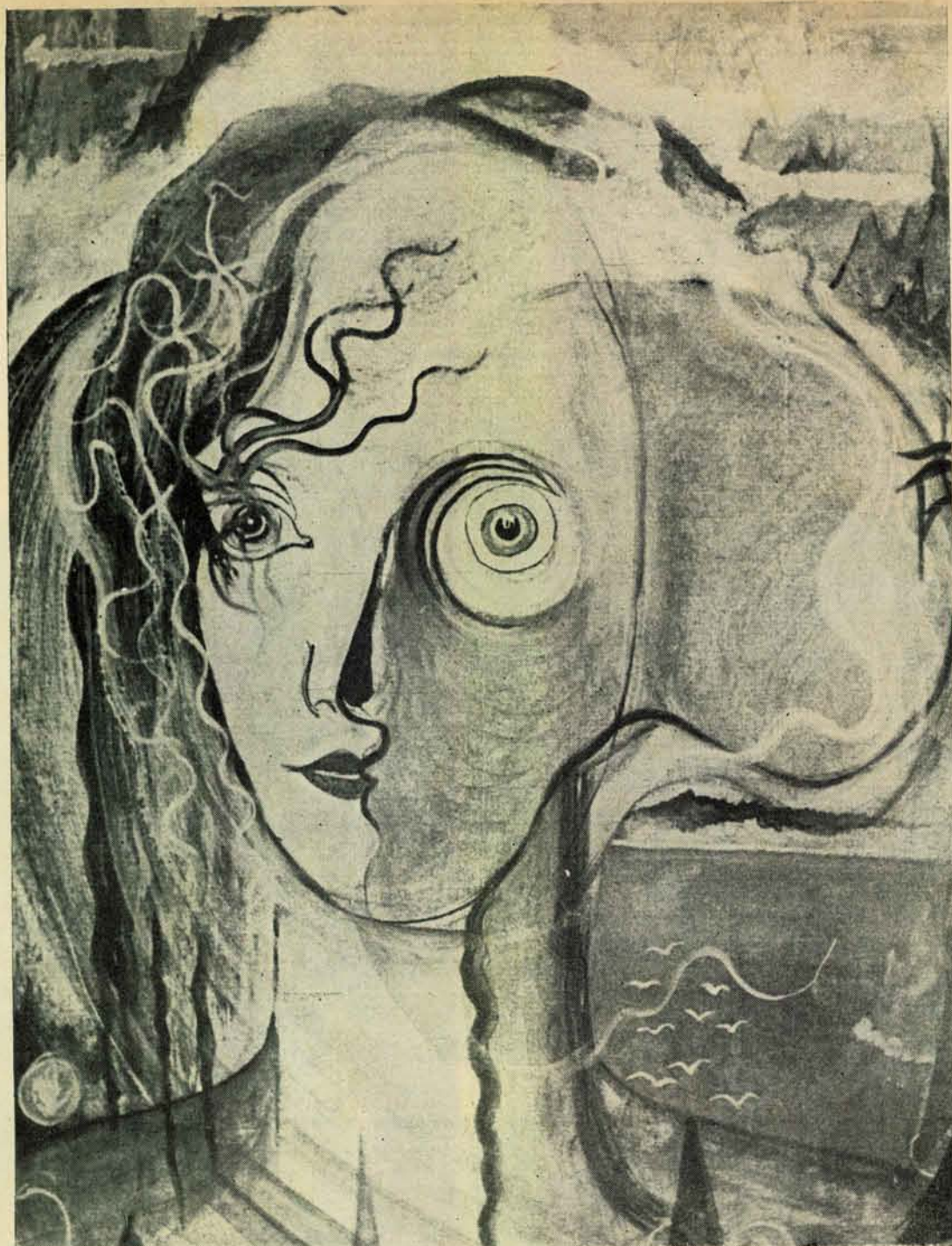
Pequena Mostra Do Mestre



A história de uma vila, com suas igrejinhas, é contada no «Painel», da coleção do Sr. Samuel Koogan. A «Madona», é outro grande quadro do Mestre de Ouro Prêto: foi inspirado em sua enfermeira.



Nova visão de Cristo: o «Calvário», de que Guignard gostava muito. Pertence ao Sr. Ignácio Machado Barroso e é avaliado em Cr\$ 800 mil.



«Vida e Morte»: tentativa de fazer surrealismo, coisa que Guignard iniciou e não quis prosseguir. Êste quadro nunca esteve em exposição. (Coleção do Sr. Flávio Gutierrez)



Detalhe do teto que Guignard pintou para a residência do Sr. Paulo Gontijo, em Belo Horizonte: poucas pessoas tiveram o privilégio de vê-lo até hoje.



Diferencial

Uma vez que o diferencial se enterrou na lama... até logo! De nada lhe adianta o motor mais poderoso do mundo. E tampouco tração nas quatro rodas. À medida que v. vai acelerando, as rodas se enterram cada vez mais.

O que decide a parada em estradas lamacentas ou arenosas é a distância livre entre os pontos mais baixos do chassi e o solo. Aquilo que se chama de vão livre.

O vão livre da Kombi Volkswagen é de 24 centímetros: o seu diferencial fica acima do nível do chassi.

As camionetas de outras marcas (pick-ups, furgões etc.) têm diferenciais salientes, que em média distam apenas 16 cm do chão.

Uma Kombi passa facilmente por cima de um litro de leite colocado em pé, sem sequer tocá-lo: nenhuma outra camioneta

é capaz de fazer o mesmo. Isso significa que uma Kombi passa onde outros atolam. Outra vantagem da Kombi Volkswagen na lama: o motor traseiro, que força as rodas traseiras a aderirem firmemente no chão, de onde resulta melhor tração e maior aproveitamento da potência do motor.

Procure o seu Revendedor Autorizado Volkswagen.



Um Nôvo Irmão: BNSP

Quinteto ofensivo formado, de improviso, durante a inauguração do Banco Nacional de São Paulo: na extrema direita, seu presidente, Sr. Marcos Magalhães Pinto, na meia direita o grande craque e industrial Pelé, no centro o presidente do Banco Nacional de Minas Gerais, Sr. Eduardo Magalhães Pinto, na meia esquerda o famoso Zito e na extrema esquerda o Sr. Antônio de Pádua Rocha Diniz, diretor vice-presidente do Banco Nacional de São Paulo.



Rua Libero Badaró, 605, São Paulo: de 12, 15 até 17 horas e 15 minutos, dezenas de pessoas apressadas, que não podem esperar para resolver seus negócios, entram e saem por uma porta larga que abre para um ambiente moderno. E' assim há 30 dias, desde quando, com as bênçãos do Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota foi inaugurado o Banco Nacional de São Paulo, o mais nôvo irmão do Banco Nacional de Minas Gerais e que tem como presidente um banqueiro de 27 anos: Marcos Magalhães Pinto.

Fazendo parte da rede bancária do grupo Magalhães Pinto, o Banco Nacional de São Paulo, a cuja inauguração compareceu, além do Sr. Marcos Magalhães Pinto, o Sr. Eduardo de Magalhães Pinto, presidente do

Banco Nacional de Minas Gerais, foi criado com o objetivo de ajudar no esforço, que não pode parar, pelo desenvolvimento econômico de São Paulo. Segundo seu diretor vice-presidente, Sr. Antônio de Pádua Rocha Diniz, o BNSP é «uma homenagem ao Estado líder da Federação».

Dois campeões do mundo, Pelé e Zito, os primeiros depositantes do BNSP, compareceram à solenidade de inauguração, mostrando-se, como vários industriais presentes — o Sr. Fernando Gasparian foi um deles — entusiasmados com os objetivos do Banco Nacional de São Paulo. Os outros diretores do BNSP são os Srs. Murilo Macedo, superintendente, Walter Carneiro de Carvalho e Luciano Magalhães de Oliveira.



Recebidos, entre outros, pelo Sr. Antônio de Pádua Rocha Diniz, os banqueiros Eduardo Magalhães Pinto e Marcos Magalhães Pinto chegam à Capital paulista para assistirem à criação do irmão mais nôvo do Banco Nacional de Minas Gerais: o Banco Nacional de São Paulo.

Com Um Soldado A Menos

Desde o dia 8 de dezembro, o Expediente que saía há 17 anos, em *Alterosa* não é mais o mesmo: debaixo do título Crefe de Publicidade já não consta o nome de Oscar de Oliveira que, nesses anos de convívio, e dezenas de agências de publicidade e de anunciantes mineiros, aprenderam a chamar de «Seu» Oscar. Em seu lugar, agora, figura outro, mas no coração de seus amigos ficou um vazio que se transforma em tristeza cada vez que vem a lembrança: «seu» Oscar não existe mais.

Considerado um dos pais da publicidade de Minas, Oscar de Oliveira morreu como pediria para morrer, se lhe fôsse dado escolher: quando sentiu o aviso da morte — o terceiro em pouco mais de um ano em seu coração cansado — estava trabalhando na profissão que amou. E o fazia, olhando o futuro, sem saber que o futuro para ele tinha seus minutos contados. «Seu» Oscar despediu-se do mundo às primeiras horas da noite do dia 8, ao lado do plano de publicidade que idealizara e estava fazendo para *Alterosa*, em 63.

Nascido em 23 de novembro de 1898, em Rio Nôvo, Minas, Oscar de Oliveira fez o ginásio, no Instituto Grambery, de Juiz de Fora. Cêdo começou a trabalhar. Primeiro, em Mariana, depois, em Belo Horizonte, na Loja Galhardi, como comerciário. Mais tarde, no Rio de Janeiro, onde ficou 10 anos como empregado das Lojas Nocce. Quando voltou a Belo Horizonte, com o saldo de suas economias, montou a sua loja, a Loja das Rendas. Mas ainda assim não estava satisfeito: seu sonho era a publicidade. Por isso, pouco tempo depois, não vacilou em abandonar a sua vida livre de patrão para abraçar a carreira que sonhava, ao aparecer a primeira oportunidade: aceitando um convite do jornalista Miranda e Castro, veio para o Departamento de Publicidade de *Alterosa*, onde ficou 17 anos.

Casado, desde 1929, com a Sra. Oraida de Castro, natural de Juiz de Fora, deixa ainda 7 filhos: Moacir e Maria José, casados, e Otávio, Roberto, Maria de Lourdes, Carlos Fernando e Carlos Eduardo. Deixou também 5 netos e o irmão Lindolfo de Oliveira, residente em Bicas.

Seu substituto, na Chefia do Departamento de Publicidade, é o jornalista José Alberto da Fonseca, da nova geração mineira de jornalistas. José Alberto, ex-crítico de cinema, repórter político e redator de jornais diários, já vinha exercendo o cargo de Chefe do Departamento de Circulação da Sociedade Editôra *Alterosa*, desde o princípio de 62.

ALTEROSA

A revista da família brasileira
ANO XXV

Nº 361

Propriedade da
Soc. Editôra Alterosa Ltda.
Rua Rio de Janeiro, 926, 3º andar, fone 2-4251, Caixa Postal
279, end. teleg.: «Alterosa», Belo Horizonte, Minas Gerais,
Brasil.

Fundadores

Miranda e Castro e N. M. Castro

Superintendente

Lúcio Nunes

Editor

Roberto Drummond

Redatores e Repórteres

José Salomão David Amorim
Osvaldo Amorim
Pepito Carrera
Derly Marques
José Maria Mayrink

Paginador

Jarbas Juarez

SERVIÇO INTERNACIONAL:

Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera
Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press..

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA:

Wilson Manso Pereira, gerente-geral; assistentes-técnicos: Jua-
rez Drosghic e Oldemar Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: José Alberto da Fonseca.
RIO: Mário Vignal — Rua Buenos Ayres, 41, Sala 703 —
Tel.: 43-2026.
Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 —
Fone 26-1881 (assuntos administrativos).
SÃO PAULO: Delta Publicidade — Rua Marquês de Itu, 306
— conjunto 86 — Tel.: 32-2493.

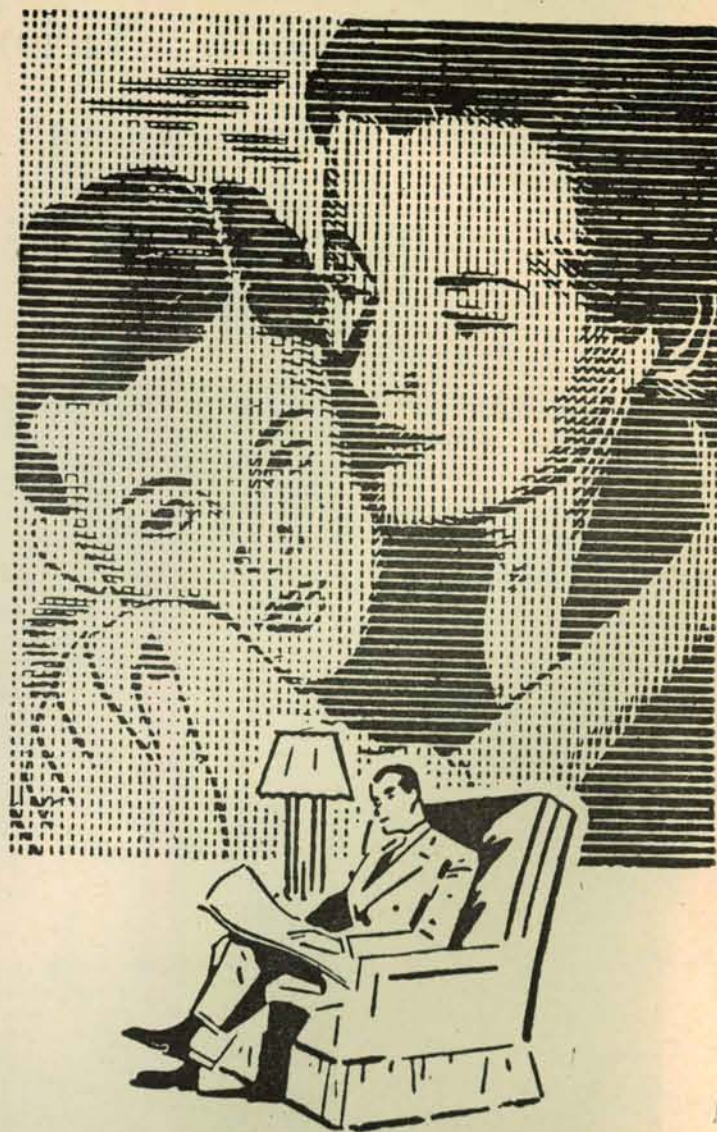
ASSINATURAS

6 números	porte simples	Cr\$ 400,00
12 números	porte simples	700,00
24 números	porte simples	1.300,00
6 números	registrado	570,00
12 números	registrado	1.050,00
24 números	registrado	2.000,00
6 números	aéreo	700,00
12 números	aéreo	1.250,00
24 números	aéreo	2.400,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portu-
gal e Espanha. Para outros países: US\$ 3,00, para 2 anos; US\$
2,00, para 1 ano; US\$ 1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 60,00
Numero atrasado	Cr\$ 80,00
Portugal e colônias	Esc. 6,00



SIM, É PRECISO HAVER UMA PAUSA PARA MEDITAÇÃO

Se luta HOJE para proporcio-
nar aos seus entes queridos o
máximo conforto, sentir-se-á
feliz por deixar-lhes AMA-
NHÃ recursos bastantes para uma situa-
ção de segurança e bem-estar. Eis por
que deve haver, na sua vida agitada, uma
pausa para meditação. E compreenderá
que somente através do Seguro de Vida
é que poderá realizar esse ideal.

Companhia de Seguros
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA

VIDA — INCÊNDIO — RESPONSABILIDADE
CIVIL — SEGURO COLETIVO — TRANS-
PORTES — ACIDENTES PESSOAIS — ACI-
DENTES DO TRABALHO — ROUBO — RIS-
COS DIVERSOS



Uma imagem vale mais do que um texto!... Principalmente na reprodução de obras de arte, como este Cristo — de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Mas, para sua reprodução — com tal riqueza de detalhes somente uma equipe como a de Alterosa.

Para seus clichês e fotolitos, confie no trabalho de Alterosa. Com seus 15 anos de tradição no campo gráfico, Alterosa reafirma seu propósito de se manter na liderança, servindo com rapidez, perfeição e pontualidade, a todos os seus clientes.

Alterosa
Rua Rio de Janeiro, 926 — 3.º andar
telefone 2-4251 — Belo Horizonte

Twist Do Dólar

De Roberto Drummond
Editor de Alterosa

E Nova Fase, Aumentam Alterosa: Cr\$20

Sua revista, feita para ser lida durante 30 dias sem que seus assuntos fiquem velhos e percam o interesse, passa a custar, agora, Cr\$ 60, o mesmo preço de uma maçã que, além de não satisfazer a uma família inteira, como Alterosa consegue, perderá todo sabor após um mês, ainda que permaneça numa geladeira. O início de sua nova fase, que a fez nascer de novo em agosto, multiplicando suas atrações (e suas despesas) é que, ao lado do aumento do dólar e da inflação, obriga Alterosa a acrescentar Cr\$ 20 em seu preço, depois de passar, como nenhuma outra revista, todo o ano de 62 sendo vendida a Cr\$ 40.

Enquanto o dólar para importação de papel, que era comprado a Cr\$ 100 antes da Instrução 204, hoje salta de preço em cada 24 horas, nunca custando menos de Cr\$ 450, a nova fase faz Alterosa pagar caro para ser uma das mais modernas revistas do País: andando a cavalo, de avião, a pé, de trem e ônibus, seu repórter-volante Oswaldo Amorim viajou, em 6 meses, quase 8 mil quilômetros, mais que todos os repórteres da antiga Alterosa em 23 anos. Por essa e outras razões, cada exemplar que ficava em Cr\$ 65, 20, no tamanho menor, fica em Cr\$ 115, 20: quando Alterosa chegar às bancas, este mês, estará tomando um prejuízo de Cr\$ 55, 20, em cada revista, sem contar os 40% que dá ao distribuidor.

Crescer E Multiplicar

Até julho, véspera da nova fase, o telefone 2-4251, de nossa redação, parecia aposentado: mas agora ele toca cerca de cinquenta vezes por dia, com a média de um interurbano em cada 24 horas. É uma ligação para a United Press International, no Rio, pedindo fotografias do bloqueio de Cuba. Pode ser um simples contato, pelo fio, com um deputado em Brasília, para recolher dados para uma reportagem política de interpretação. Há casos de não se conseguir nada, apenas acrescentar despesas na nova Alterosa. Um exemplo: um de nossos reescrevedores, José Salomão, deu seis interurbanos para Montes Claros, onde um novo Otelo teria revivido a tragédia de Shakespeare. Seria uma reportagem sensacional — e exclusiva — mas se os três primeiros telefonemas confirmaram tudo, os últimos, não: era exagêro.

Os interurbanos são apenas um detalhe, com pouca significação, na nova fase. O novo formato começou por multiplicar o consumo de papel que é três vezes maior que antigamente, porque Alterosa dobrou o tamanho e vê crescer sua tiragem em cada mês. Ocorre ainda que o preço do papel atual, bem melhor que o antigo, é quatro ve-



Alterosa dobrou de tamanho e, se multiplicou suas atrações, também viu multiplicadas suas despesas: por isso está custando um pouco mais.

O Twist Do Dólar

Desde o momento que começa a ser feita até a hora em que é colocada nas bancas ou enviada para os assinantes, Alterosa gasta dinheiro. Ou pagando fretes, que subiram também por causa do novo formato ou envelopes, agora bem maiores. E, sem querer, ela se vê obrigada a dançar um twist, muito mais difícil, com o dólar: não só na importação do papel. Os filmes, tanto para a fotografia, como para a gravura fazer os clichês, dependem do dólar. Uma transparência em cores, para a capa, com o formato 18X24, que será ampliado, fica em cerca de Cr\$ 50 mil.

A nova Alterosa consome muitos filmes para fotografias, por exigências jornalísticas. Em Santos, nosso repórter Oswaldo Amorim fez 140 fotografias, sabendo que somente 20 ou pouco mais, seriam aproveitadas. Também o papel para copiar as fotos segue a dança do dólar e, como o filme, sobe de preço quando o dólar cresce (E o dólar só baixou durante a crise Cuba X E.U.A.). Já as fotografias de página inteira, ou quase inteira, implicam no maior consumo do papel. Nossos leitores gostam de algumas fotografias, como as de Jackie Kennedy, Brigitte Bardot, do Papa João XXIII. Só há uma maneira de consegui-las: através das agências de notícias internacionais, que cobram de acordo com o dólar. Uma boa fotografia pode custar até Cr\$ 5 mil e uma reportagem internacional costuma ficar em Cr\$ 45 mil.

O Lado Humano

Uma frase tirada da correspondência chegada em fevereiro: — «**Alterosa** precisa engordar, melhorar de aspecto e, se possível vestir roupa nova, de acordo com figurino moderno». Essa opinião, do Sr. Ricardo Rodrigues, de Belo Horizonte, revelava um anseio de milhares de leitores da fase antiga. Mas como em todas as revoluções, a que se realiza em **Alterosa**, exige soldados e bons soldados, os quais, ao contrário dos outros revolucionários, não vivem só de idealismo e precisam ganhar bem. A nova equipe, com uma média de idade de 26 anos, é duas vezes mais bem paga que a da antiga **Alterosa** porque todos estavam em outras redações e foram trazidos para cá, ganhando, pelo menos, o que já recebiam.

O aumento de 100% no volume de cartas, de 700% na venda avulsa em todo País, mostram que o início da nova fase é bem recebido. Mas é quando ficamos sabendo que o preço unitário da revista, que fica menos cara por sua grande tiragem, mas ainda é cara, não é só de Cr\$ 115,20. Há o que não tem preço: a vontade de fazer, sempre, a próxima revista melhor que a atual. Mesmo em casa, os soldados de **Alterosa** ainda pensam nela: o paginador Jarbas Juarez pesquisa para conseguir, dentro da nova linha jornalística traçada para nossa revista, a maneira de apresentar os assuntos com beleza, atração e variedade. O repórter fotográfico Pepito Carrera, busca ângulos novos para as fotografias. Os reescrevedores, entre os quais José Salomão, preocupam-se com os títulos e os textos.

Tudo isso para fazer, em Minas, uma revista igual às outras. E a nova **Alterosa** já descobriu dois grandes colaboradores: um grande poeta, Bueno de Rivera, que só agora faz experiências no jornalismo e um rapaz de 17 anos, Henrique Souza Filho, o Henfil humorista de traço. O grande cabeleireiro Déo, o pintor Vicente de Abreu, o cronista Ivan Ângelo, que é o melhor de Minas, completam a equipe que trabalha, dentro e fora da redação para fazer um jornalismo sério e honesto, um jornalismo para a família.

R.D.

DE PARIS AO RIO GRANDE DO SUL

LEITORES COMENTAM SUA REVISTA

De Paris, a Srta. Ana Maria Vilela, que é mineira e mora na Cité Universitaire, Boulevard Jourdan 7, diz numa carta cheia de saudades de Minas que está recebendo e lendo «com entusiasmo a nova **Alterosa**». — «Como é bom, para quem está longe, ter em mãos uma revista brasileira e, principalmente mineira, que a gente lê e não tem vergonha de mostrar aos franceses. Minas está de parabéns pela excelente revista que tem».

Enquanto isso, de Uruguaiana, R.G.S., o Sr. Argeu Veiga, agente de **Alterosa**, depois de pedir um aumento de 100% no número de revistas que vendia, revela que os gaúchos estão achando nossa nova fase «simplesmente maravilhosa, porque a matéria é bem selecionada e variada e, acima de tudo, muito bem distribuída». — «Os senhores estão fazendo uma revista agradável aos olhos e ao espírito. Meus aplausos».

Ainda do Rio Grande do Sul, mas desta vez da cidade de Santa Rosa, o Sr. F. Frangoso, para quem é muito interessante a publicação de reportagens sobre medicina e religião — Concílio Ecumênico e Luta De Cientistas Mineiros Contra a Doença de Chagas — fala sobre a nova **Alterosa**: — «A mudança de tamanho teve grande repercussão, mas o conteúdo e a paginação ultrapassaram a expectativa».

A geografia do sucesso de **Alterosa** é ainda maior: de Mossoró, Rio Grande do Norte, quem escreve é o Sr. Manoel de Assis, nosso agente, revelando que a «nossa revista agradou tanto pela feição quanto pelo conteúdo». E de Jaú, São Paulo, a Sra. Anna Ribeiro de Campos Moreira, ex-assinante de **Alterosa** mostra-se tão empolgada que pede novamente para ser assinante. — «A nova revista tem belas páginas e ótimas leituras. Agora sim».

A Sra. Valéria Siqueira — Rua Cristóvão Barcelos, 11, Apto. 702, Guanabara — manda em seu nome e no de sua família «o nosso aplauso à operosa equipe que agora dirige e faz a revista: gostamos muito da nova apresentação de **Alterosa**».

Como antiga leitora, a Sra. Valéria Siqueira sente saudades de algumas seções antigas: a de humorismo, que se chamava «Quitandinha» e «as maravilhosas reportagens permanentes de Orlane Cavalcanti diretamente de Hollywood». Já de Belo Horizonte, duas pessoas falam sobre **Alterosa**: a primeira é a Sra. Odete Donah — Rua Tremedal 127 — que confessa ter lido nossa revista, pela primeira vez, em novembro, quando a Sra. Maria Tereza Goulart foi a Capa. — «Foi uma descoberta — diz a Sra. Odete Donah — porque fiquei encantada com a variedade e o interesse dos assuntos. Serei uma leitora habitual».

A segunda pessoa é a Srta. Neyde Tupinambás — Rua Três Pontas — que pergunta: — «Afim de quem é esse Ivan Ângelo que faz crônicas tão gostosas na última página da nova **Alterosa**?». Ivan Ângelo, com 25 anos, começou a fazer crônicas no «Diário da Tarde», de Belo Horizonte, pouco depois de lançar seu livro de contos «Duas Faces», de parceria com o contista Silviano Santiago. Foi depois cronista do «Correio de Minas» e hoje é exclusivo de **Alterosa**.

Os sócios do «Clube de Leitura dos Estudantes do Curso de Mestría Agrícola» de Viçosa, R.G.S., já incluíram a nova **Alterosa** entre as grandes revistas que nunca deixam de ler. E o que revela uma carta assinada pelos Srs. José Walter Silvester (diretor) e Almiro Ernesto Bayer (secretário) para os quais «é uma honra receber sempre **Alterosa**». Além dos dois, a nova diretoria do «Clube de Leitu-

ras» para 63 é formada pelos Srs. Igor Weidlich (2º secretário), Miguel Bresolin (1º tesoureiro), Delcio Heinrich (2º tesoureiro), Francisco Ramos (1º bibliotecário) e Walcir Dressler (2º bibliotecário). Desejamos sucesso aos novos diretores.

Revelando que se sentiriam muito felizes se vissem suas quatro filhas, Elizabeth, Senildes, Dirce Maria e Cláudia Maria numa fotografia publicada em **Alterosa** o Sr. Sebastião Meira e a Sra. Vanilda Fernandes Meira, de Couto Magalhães, Minas, perguntam se é possível satisfazerem seu sonho. Sim. Com muito prazer **Alterosa** publicará a foto das quatro irmãs, que segundo os pais nasceram em novembro e, apesar da diferença de idade, parecem gêmeas. E' preciso apenas que elas apareçam numa fotografia e que o negativo — e não a cópia — seja enviado a nossa redação. Ao ser fotografadas as meninas devem olhar o passarinho com muita naturalidade, sem fazer pose. Assim aparecerão em «Diálogo Com o Leitor».

O Jornalista Francisco Luiz Teixeira, da «Tribuna Fiel» de Governador Valadares, de cuja Câmara Municipal é o vice presidente, sugere que **Alterosa** publique uma reportagem sobre a ex-Figueira do Rio Doce que vai festejar seu «Jubileu de Prata» dia 30 com 122 mil e 495 habitantes. Ao ser fundada, Valadares tinha 3 mil e 380 moradores, mas hoje é uma das grandes cidades de Minas e uma das que mais crescem no Brasil. Diz ainda o Sr. Francisco Teixeira que «Governador é uma cidade com características diferentes das demais, pois com sua tenra idade» tem um lugar de destaque entre todas. Nosso Editor já está estudando a idéia e se for possível, como tudo indica, um de nossos repórteres procurará o Sr. Luiz Teixeira em Valadares para que possa ser ajudado na coleta de dados.

JACKIE NÃO TEME A QUEDA

Com a mesma
segurança com que
passeia a cavalo
carregando John Junior
e tendo ao lado, num
pônei vermelho, sua
filha Caroline,
Jackie Kennedy, que
não teme nenhuma
espécie de queda, nem
mesmo a que faz
qualquer mortal beijar
a poeira, vive
tranquila ao lado do
marido: não sente
ciúmes, nem medo de
guerra. Tudo porque
Jackie é mulher que
confia em si mesma
como conta a
reportagem à página 70.
(Foto USIS).



SUMÁRIO

Futebol	12	Dez Páginas Sobre O Santos Futebol Clube: Nascimento E Glória Do Time De Pelé
Poesia	21	Bueno De Rivera Faz O Primeiro Grande Poema Sobre Pelé: — «Pelepoema»
Religião	30	Dom Serafim, Bispo Auxiliar de Belo Horizonte Conta O Que Viu No Concílio Ecumênico: Artigo Exclusivo
Política	64	Goulart Já E' Presidente De Verdade: — E Agora João?
	68	O Que São As Reformas De Base, Que Podem Tirar O Sono De Jango?
O Grande Assunto De Minas	24	Coronel Pedro, O Homem Que Convive Com A Morte: As Aventuras, As Ameaças, As Lendas Sobre O Bigode Do «Terror Dos Jagunços»
Cinema	52	Luisa Maranhão, A Nossa Sofia, Vai Viver Agora Romance de Jorge Amado
Sociedade	56	Café Society De Belo Horizonte Descobre Fórmula Para Driblar A Inflação
Reportagem Fotográfica	74	TeleObjetiva Conta História Do Amor Dos Simples: Ainda Se Rouba Beijo em Minas
Internacional	70	A Face Oculta de Jackie Kennedy: Revoluções Novas Sobre A 1a. Dama
O Outro Lado Da Vida	60	Os Industriais Da Catástrofe: Qual O Segrêdo Dos Que Anunciam Tragédias Para 63 Com A Bola De Cristal
Humor	78	Henfil Faz Rir Às Custas De Fidel, e Kennedy, Mao Tsé Tung, Kruschov
	79	E Outros Grandes.
Crônica	80	Ivan Ângelo Fala Sobre «A Mulher Só»
Notícias Telegráficas	22	Em Poucas Palavras
	35	Elas, Os Passos Da Fama
Para A Mulher	36	Linha-63 Para Seus Cabelos
	44	Vicente Abreu Ensina Decoração
	50	Modas: Século VI Veste Elegantes
	40	Cleópatra, Drama Da Mulher Pequena
	46	Paris Decreta A Volta Dos Chapéus



DE
OSVALDO
AMORIM,
NOSSO
ENVIADO
ESPECIAL

O SANTOS FAZ



MILAGRES



A presença de um menino de 8 anos e pés descalços, sonhando acordado com a glória de vestir, um dia, a camisa 10, desde que descubra todos os segredos da bola, assim como seus onze heróis que aparecem no fundo recebendo instruções do técnico Lula, não é apenas uma coincidência na vida do time de Pelé. Entre os milagres já alcançados pelo Santos, que paga uma média de Cr\$. 400 mil mensais a suas estrelas e consegue ter, no fim do campeonato, um lucro líquido de 50 milhões, figura mais este: vinte e duas crianças, tri-campeãs infantís pela Vila Belmiro, estão sendo treinadas como se fôssem guerrilheiros, para dentro de cinco a dez anos, serem convocadas pelo clube, quando os atuais soldados - inclusive o mais bravo, Pelé - estiverem cansados. Pensar no futuro, quando tem no presente a glória de ser o maior do mundo, de poder dizer não aos dólares que querem levar Pelé e, ainda, de fazer de seu presidente Atiê Jorge Coury deputado federal, é parte da revolução feita pelo Santos no futebol. "Talvez nós não possamos ver os novos craques jogando - diz o vice-presidente Modesto Roma, que tem quase 60 anos - mas nossos filhos verão por nós".



Alegria Do Menino Pelé É O Símbolo Dos Heróis Da Vila

Nem a glória, nem a fortuna, modificam um rapaz de Três Corações, Minas, que aos 17 anos foi campeão mundial de futebol e aos 22 é considerado maior do que Kopa, pelos franceses, do que Puskas, pelos húngaros, do que Del Sol, pelos espanhóis: alegre, simples e feliz, Pelé não tem, nas relações com seus companheiros do Santos, qualquer atitude que o identifique, pela arrogância de um Di Stefano como o maior craque de que o mundo já teve notícia. E de vez em quando, nos intervalos de um treino, quem aparece sob a responsabilidade de gênio da bola e de grande industrial, é o menino Edson Arantes do Nascimento: como o Rei de uma fábula que não teve brinquedos na infância e só foi descobri-los ao assumir o trono, Pelé gosta de brincar. João Carlos, um dos novatos do Santos, é a sua vítima numa luta livre de 3 minutos, vencida por Pelé com a classe de um Hélio Gracie.

Ganhando o maior salário do Santos — mais de Cr\$ 500 mil mensais, o que ele não informa direito com medo do Imposto de Renda — Pelé recebe, nas vitórias, o mesmo prêmio dos outros, ainda que faça mais gols e jogue melhor: o Cr\$ 1 milhão, pelo título de campeão mundial de clubes, foi dado igualmente a todos os jogadores. Como seus companheiros, Pelé concentra-se, treina normalmente e só não recebe instruções de Lula porque o técnico acha que «Pelé» é capaz de decidir uma partida sozinho e é melhor que jogue livremente, como sabe jogar». Lula não se preocupa com Pelé porque sabe que é simples ao Santos contar com ele. E mais: sente que desde o dia em que Waldemar de Brito apareceu com aquele menino, a vida do Santos começou a modificar. De Bangu do campeonato paulista, sonhando muito com a glória, o Santos passou a fazer milagres. O primeiro deles foi fabricar Pelé.

Tornando-se o artilheiro do campeonato paulista, Pelé começou no Santos num ano — 1957 — em que o time tentava o que só agora conseguiu: ser tri. Mas se aquele menino, que ainda não era chamado de «Pêrola Negra», não pôde conseguir nada naquela época, novos milagres começaram a ser feitos. Crescendo no mesmo ritmo do futebol brasileiro, que saiu de várias desilusões para sorrir na Suécia e mais tarde, no Chile, o Santos criou uma nova escola de futebol «made in» Brasil. Jogando para o gol, seus onze heróis parecem crianças em campo, com a felicidade de quem, no fundo, sabe que está dando glórias para seus irmãos subdesenvolvidos. Homens como Pelé,



Sentindo-se de
nôvo criança, como
o Rei que
só descobriu os
brinquedos
quando adulto,
Pelé brinca
de Hélio Gracie.



Zito, Coutinho, Dorval, conseguiram fazer um futebol-arte, que é tão brasileiro como os sambas de Noel Rosa e os romances de Jorge Amado, pelo ritmo, pela cadência quase carnavalesca, pela alegria. E Pelé, quando salta de punhos fechados para festejar um nôvo gol, faz lembrar o brasileiro mais simples que fica um ano economizando «pra tudo se acabar na quarta-feira», no fim do carnaval, como diz o poeta Vinicius de Moraes com a música de Tom Jobim.

Foi no Santos, através de Pelé e seu irmão em campo Coutinho, que nasceu a tabelinha, troca de passes rápidos, pequenos, e que é chamada de «o mais curto caminho para o gol». As mais cerradas defesas podem ser vencidas, como num passe de mágica, pela tabelinha. Antes de qualquer outro time, o Santos virou mestre da tabelinha, agora adotada por nossos grandes quadros e imitada em todo o mundo. O alegre «olé», de que o Botafogo gosta tanto, surgiu também dos pés de Pelé e seus companheiros, não para irritar o adversário mas com dois objetivos táticos: brincar com a bola de pé em pé para ganhar tempo no fim do jogo ou desorientar o adversário quando ele estiver à frente no marcador. O treino de dois toques, começou, quase junto da tabelinha, no Santos. E assim como Garrincha, Nylton Santos e Didi, no Botafogo, contribuíam para o futebol-arte, que além de eficiente é um espetáculo tão bonito como um «ballet» ou como as evoluções de uma escola de samba, o Santos, o time que joga mais feliz, não caiu no erro dos outros grandes — inclusive do escrete brasileiro que trouxe o Bi-Campeonato do Chile. Com muita auto confiança, o Santos joga em busca do gol, vive o gol e ganhando ou perdendo, nunca recua através do 4-3-3, arma do futebol do medo. Nos últimos três anos, quando iniciou sua batalha pelo tri-campeonato, o Santos fez 511 gols, todos eles festejados por seus astros como se, cada um deles, fôsse o primeiro. Sobre o Benfica, em Portugal, o ataque do Santos desencadeou um bombardeio que trouxe 5 gols. Qualquer que seja o adversário, Pelé e seus homens ficam tranqüilos, buscando oferecer a maior festa do futebol, que é o balançar da rede. Assim, com um time cuja idade média é de 26 anos, o Santos mantém uma academia de futebol que tem as virtudes do escrete bicampeão, mas se não tem tantos astros, leva a vantagem de seguir o 4-2-4, de aconselhar o futebol desinibido, corajoso e tranqüilo. Talvez seja êsse o grande milagre atual do Santos: desprezar uma tática que fez de um País o bi-campeão mundial de futebol.

Frase Do Papa: Roma Conta Sucesso Do Santos



— «Quem gasta pouco se acomoda, quem gasta muito trata de ganhar muito». Esta frase, do vice-presidente Modesto Roma, milionário de 1 metro e 90 de altura e 120 quilos que tem um papel tão importante no Santos quanto o de Santiago Bernabeu no Real Madri, conta a história do sucesso do time de Vila Belmiro, o que mais caro cobra por uma exibição no exterior: Cr\$ 25 milhões. Gastar muito, para ganhar mais, é o grande segredo do Santos, mas há uns oito anos, quando Modesto Roma e o revendedor de café e ex-craque santista Atiê Jorge Coury iniciaram a revolução do clube, foram chamados de loucos. — «São milionários sem o quê fazer».

Até 54 o Santos era um time medíocre que, um ano mais tarde, com gente nova, conseguiu um sonho de 20 anos: sagrar-se campeão paulista. Mas os planos de Roma e Atiê iam além. Como numa grande indústria, começaram a investir o dinheiro tirado do próprio bolso. Trataram de contratar mais jogadores: até Jair da Rosa Pinto, o Jajá, foi santista em 56. Zito já era da equipe de 55, depois foram surgindo outros como Pepe, Dorval e o maior de todos: Pelé. Uma das últimas grandes contratações do Santos foi Gilmar, o goleiro bi-campeão que está na Vila Belmiro há um ano. De repente o Santos passou a ser um grande time, quase se tornando tri-campeão em 57. Mas o deficit era imenso, nem é bom pensar, dizem Roma e Atiê.

Em relação aos outros times brasileiros, os craques do Santos eram milionários, sinônimos de homens felizes. Dos grandes gastos a política evoluiu para um tripê: não vender jogadores, formar jogadores, contratar sempre bons jogadores. O Santos sabia porque, logo após a Copa da Suécia, recusava uma fortuna por Pelé: — «Ganharemos mais com ele aqui». A equipe cara, de grandes entrêlas, hoje dá lucro. Trinta jogos do Santos em 62, renderam sessenta milhões, trezentos e sessenta mil e novecentos cruzeiros, marcando o recorde de clubes em São Paulo. Sua receita total somou, até setembro, duzentos e vinte e sete milhões, quinhentos e cin-

qüenta e dois mil, duzentos e sessenta e dois cruzeiros e vinte centavos. A despesa, incluindo os jogos no exterior, subiram a cento e oitenta e sete milhões.

E' quando a frase de Modesto Roma começa a compensar. Em 54, eram sete mil os sócios do Santos; hoje há o dôbro, porque em Santos, onde sua torcida de Vila Belmiro não é muito maior do que a do Corinthians, mesmo os não santistas querem ter o privilégio de ver Pelé e os outros em campo. Formando novos jogadores — o mineiro, Lima, lançado em 62 em várias posições, chegando até a substituir Pelé, é um deles — o Santos tem dois grandes quadros. Foi o primeiro clube brasileiro a ver seus dois principais goleiros — Gilmar e Laércio — serem convocados para o escrete brasileiro. O técnico Lula não tem grandes dramas, embora o Santos jogue menos quando sua grande figura, Pelé, esteja de fora. Mas ficou tranqüilo quando viu, há pouco tempo, Gilmar machucar-se: lançou Laércio sem susto algum. Mengálvio, convocado também para o escrete vive uma má fase: é um dos melhores jogadores brasileiros, mas é reserva em Vila Belmiro. Para tôdas as posições, há um ou dois bons reservas: se Pepe vai mal, Lula pode lançar Tite.

E é Lula quem diz, ao contar os sucessos do Santos, que a política de grandes jogadores, com grande reservas, é que ajudou a fazer do Santos o maior time do mundo, tri-campeão paulista, campeão da América do Sul, campeão intercontinental. Um jogo do Santos, no Brasil, compensa até ao clube que lhe paga Cr\$ 4 milhões, porque a renda vai além dos Cr\$ 5 milhões pelo menos, o que nem o Botafogo, o segundo grande time do mundo, consegue. O Sr. Atiê Jorge Coury, eleito deputado federal com 30 mil votos — já era estadual — acha que para o bom rendimento dos jogadores é preciso que estejam satisfeitos, desinibidos e sem nenhum problema financeiro. — «E' preciso pagar bem». Os aspirantes do Santos ganham cêrca de Cr\$ 40 mil, o que só os jogadores considerados grandes, em Minas, conseguem. — «No San-



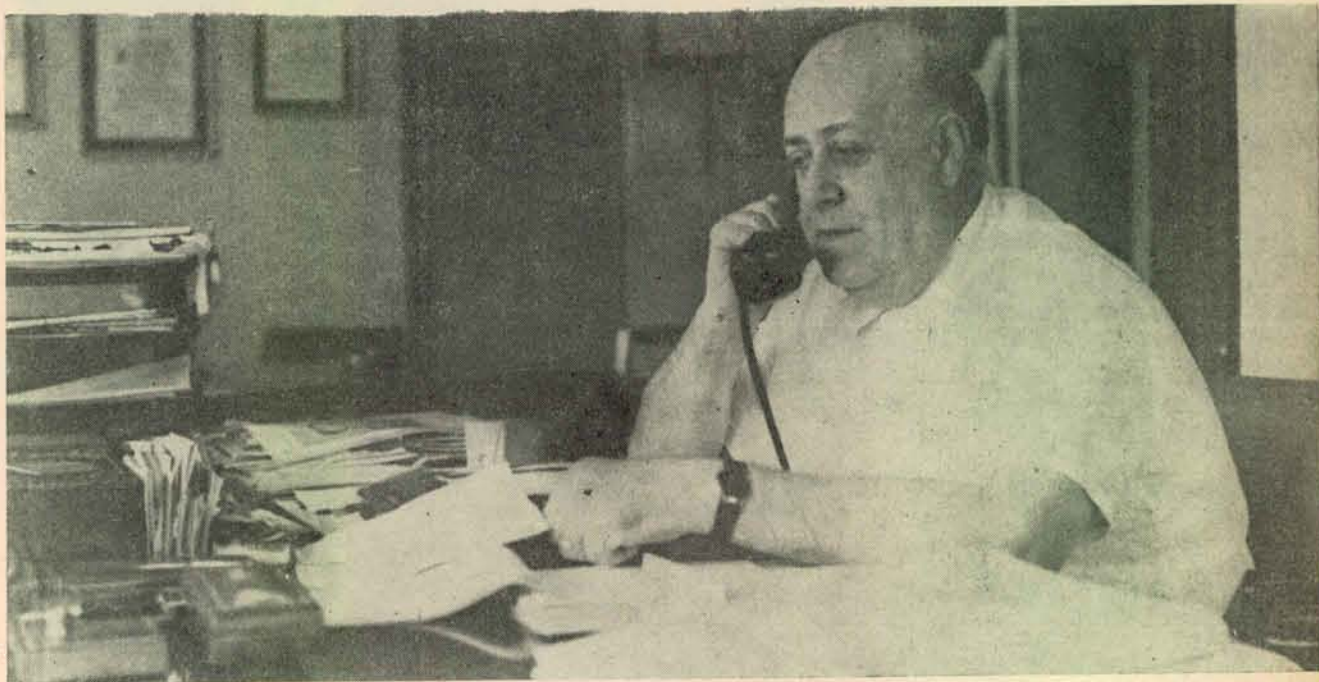
Lula é o técnico mais feliz do mundo: nunca sentiu medo, nem dor de cabeça, porque além dos maiores jogadores o Santos tem os melhores reservas.



tos não há isso de os jogadores caírem de produção — explica Atiê — como nos outros clubes: é que todos estão felizes».

Naturalmente os homens que criaram o Santos, na sua nova fase, o fizeram, acima de tudo, por amor ao futebol. Mas sabem que estão adotando uma política econômica do «dá cá, toma lá» e se pagam bem recebem de volta a dedicação dos jogadores. Um exemplo: Pelé treina como qualquer iniciante em busca de glória. O serviço burocrático do Santos, com 42 funcionários, funciona como o de uma grande empresa e até economistas famosos já foram chamados a dar opinião sobre seus negócios, que vão cada vez melhor. O presidente Paulo Azeredo, do Botafogo, costuma ter vacilações: deixou que Didi se fôsse, quase vendeu Amarildo, sente-se tentado a vender, conforme a fortuna, até Mané Garrincha. Nem Modesto Roma, nem Atiê Coury vacilam, na política de grandes estrelas: Pelé é inegociável, Zito, ídem, Gilmar, ídem, Coutinho, ídem. Quase todos são inegociáveis.

— «Quando recusam muito dinheiro por qualquer grande jogador — diz Modesto Roma — sabemos que estamos é ganhando, com a simples recusa». O Santos não esquece o futuro: com o melhor plantel do futebol brasileiro, possuindo reservas que podem jogar em quaisquer grandes clubes, cuida de incentivar o seu juvenil, que é hexa-campeão e até o infantil, que acaba de ser tri-campeão da cidade de Santos. Há ainda, sempre, novos jogadores querendo um lugar ao sol e ganhar para sonhar: Zoca, irmão de Pelé, é um deles. João Carlos é outro. E' por causa dessa política, que nem o Botafogo executa, que o Santos é um time feliz, por seus gols felizes e a tranquilidade de seus homens. Mas qualquer jogador que tivesse sido vendido abriria o precedente — e o Santos, até hoje, estaria sendo chamado de «Real Madri dos Pobres», fazendo a pequena política sem horizontes dos clubes que não resistem Cr\$ 10 milhões por um jogador. — «Aqui não vendemos, compramos». Quem fala de nôvo é o vice-presidente Modesto Roma.

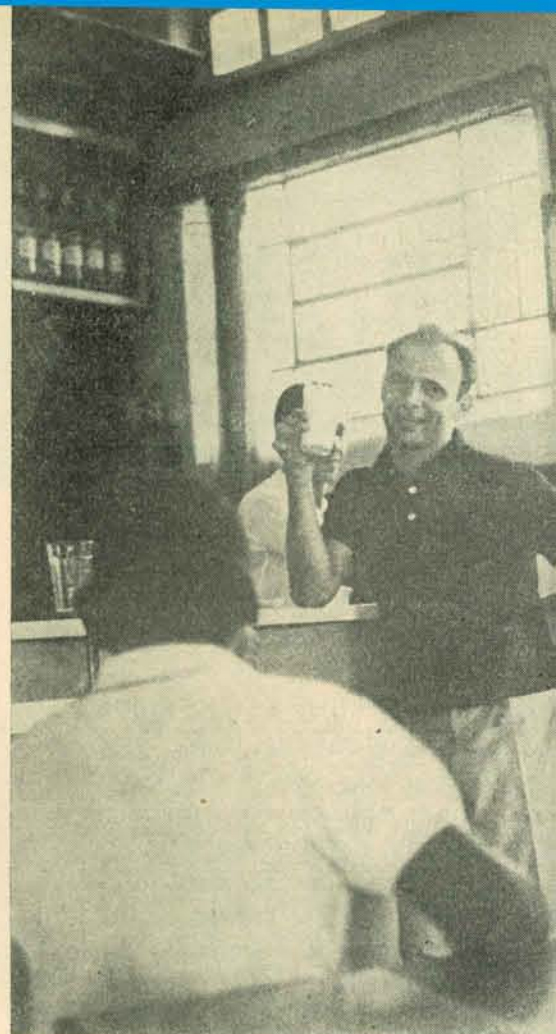


Modesto Roma, milionário de 120 quilos e que vale quanto pesa para o Santos, pode cuidar agora, com maior tranquilidade de sua empresa marítima. Atiê Jorge Coury, eleito deputado federal, já tem até tempo para um hobby: gosta de cães.

Quando Ser Craque É Um Drama No Santos



Pagão, que Pelé considera melhor do que Di Stefano, está rico e pode caminhar tranqüilo pelas ruas de Santos. Mas como Laércio, o grande reserva de Gilmar, vive seu drama: apesar de craque, não é titular no Santos. O motivo: Pagão joga na mesma posição que Pelé.



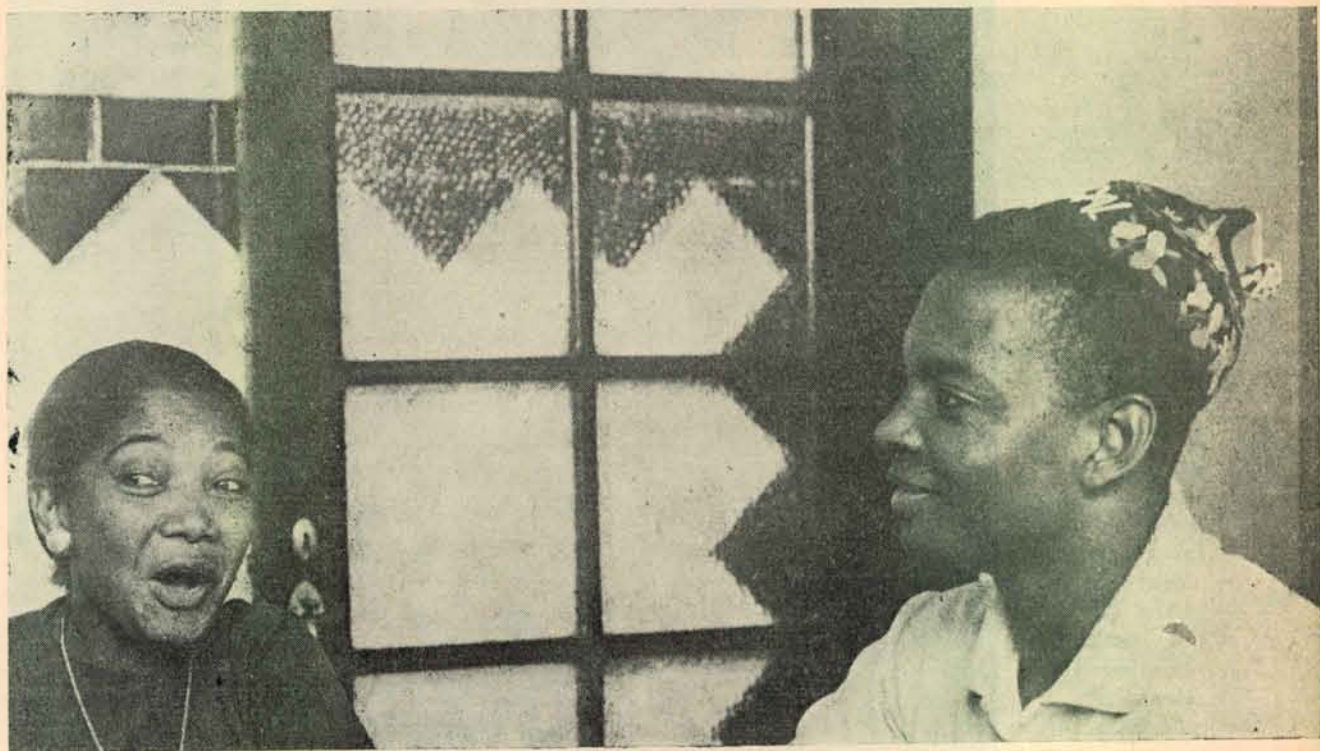
Este môço que atravessa, de calção, uma rua da Vila Belmiro, poderia, na opinião de Pelé e Zito, ser estrêla de qualquer outro clube do mundo. Mas apesar de sua classe, que faz lembrar o Velho Di Stefano, Pagão é reserva no Santos porque, como Amarildo no escrete brasileiro, possui a infelicidade de jogar na mesma posição do que Pelé: só tem vez quando o «Pérola Negra» machuca. Ainda assim é difícil: por mais que Pagão brilhe, nunca será um nôvo Pelé. Ele poderia roubar o lugar de Coutinho, mas Coutinho se entende, em campo, melhor com Pelé e tem a vantagem de ser esperto e marcar gols..

Como Pagão, há no Santos outros grandes craques cansados de esperar uma oportunidade. Um deles foi convidado para o escrete brasileiro: é o goleiro Laércio, que só joga, como agora, se Gilmar sofre alguma contusão. Um dos grandes da nova fase do Santos, o mineiro Formiga, amigo íntimo da bola, fez há dias um desabafo: — que sair do Santos, dar adeus ao futebol por estar cansado de ser craque na reserva. Agora é Mengálvio quem vive drama igual: um môço mineiro de 20 anos, Lima, nascido em São Sebastião do Paraíso, roubou-lhe a posição.

Tudo isso acontece, apenas, no Santos, por causa da política, certa, de seus dirigentes que querem ter o melhor plantel, um plantel capaz de deixá-los tranqüilos em quaisquer situações. Mas porque nem Pagão, nem Laércio trocam o Santos por outro? São dois os motivos: 1 — eles confiam em seu futebol e lutam por um lugar ao lado do maior clube do mundo; 2 — ganham muito bem em Vila Belmiro, podendo viver, às vezes melhor, do que alguns titulares dos grandes quadros nacionais. Pagão, por exemplo, tem seu automóvel, um Volkswagen. Laércio também.

Quase todos os grandes do Santos têm carro e dos titulares, os que não estão motivados é simplesmente por não sentirem vontade. Tite, o reserva de Pepe, além de

O Santos não bebe álcool: Pepe, dono do chute mais poderoso de Vila Belmiro, toma leite, assistido por Pelé. Enquanto isso, o mineiro Lima, o príncipe do Santos, conversa com Dona Georgina, de quem os craques santistas gostam como uma segunda mãe: ela é dona da pensão onde moram ou já moraram todos eles. Ao lado de Tite, Zito sorri, simbolizando a alegria de alguns moços felizes.



andar elegantemente vestido e de poder vestir bem a família, pode passear de automóvel. Os jogadores do Santos, por isso, são os novos heróis das crianças paulistas, levando vantagem grande sobre Bat Masterson e outros heróis da televisão: simbolizam o que todas crianças sonham ser.

Sempre bem vestidos e alegres, eles são rapazes sem problema que, ao contrário das vedetas do futebol do passado, não precisam ter medo do futuro: são jogadores do maior time do mundo, filhos do futebol bi-campeão. Rapazes simples que saíram do interior de São Paulo, de Minas ou do Rio Grande do Sul, os homens do Santos não perderam a sua espontaneidade. Gostam demais de tirar fotografias e alguns fazem até pôse. Nenhum tem problema financeiro e alguns, prevenidos como Pelé e Zito, cuidam de montar indústrias para garantir um futuro mais certo ainda.

Menos os casados, quase todos moram na pensão de Dona Georgina — onde Pelé ficou até pouco tempo — que os trata como mãe, acompanha os sucessos de todos, marca hora para chegarem em casa e tudo faz para que se sintam como uma grande família. Na pensão de dona Georgina, que Pelé visita diariamente — agora mora em casa de Pepe, O Gordo — há sempre alguém cantando ao som de violão ou uma radiola tocando música de sucesso. Quando o Santos viaja, diz dona Georgina, a «casa fica triste e eu doida para que meus filhos voltem». Todos os jogadores do Santos mandam cartões para dona Georgina, mulher jovial que não aparenta ter 40 anos e é dona da confiança do técnico Lula, que sabe perfeitamente que nas mãos dela os jogadores estão bem entregues. Dona Georgina, casada com um ex-craque do basquete santista, tem duas filhas e sua casa é a mais famosa e mais fotografada de Santos.

— São uns rapazes muito bons, muito bem educados e muito humanos esses do Santos — conta ela — talvez porque todos eles já foram pobres.

O.A.



O Pelé que
deixa
Coutinho, seu
irmão, nas
tabelinhas,
saltar em
busca do
gol, ganha o
primeiro
poema de
sua vida,
feito por um
dos maiores
poetas
brasileiros
no momento:
Bueno de
Rivera,
colaborador
de Alterosa.



Bueno De Rivera

Faz De Pelé

A Sua Nova Musa

NASCIMENTO

(Em tom descritivo)

Num dia do mês de Outubro,
de novecentos e quarenta,
quando era mais limpo e azul
o céu de Três Corações,
a cegonha, voando lenta,
entrou de manso os portões
da casa pequena e pobre
de Celeste e de Dondinho:
trazia prêso no bico
envolto em renda um negrinho.

Quem era êsse anjo núbio?
Quem era o lírio de côr?
Era o avante do time
dos anjos de Nosso Senhor.
Jogava bola nas nuvens
e deu um chute tão forte
que a bola rompeu o véu.
As onze mil virgens choraram
quando êle caiu do céu.

Dondinho olha os cambitos
do filho amado e proclama:
— «Êsse terá ouro e fama,
não será um fracassado.
Vingará o pai, fará minhas
suas vitórias; será
ídolo, sol, general
do futebol
nacional!
Seu nome será Pelé,
quer dizer pelejador,
e tem relação com pé,
olé, pelota e pegador».

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

(Em ritmo de balanceado)

Eis nosso herói
em Bauru.

Foge da escola,
joga peladas,
faz sururú

Nascimento E Glória De Edson Arantes

ou

Uma Estrêla Negra Nasceu Na Terra

em briga feia
e sonha acordado
com bolas de meia.

Um dia, Dondinho
o chama num canto:
— «Ou você dá um jeito,
«seu» cara de santo,
ou dou jeito em você!»
Pelé se transforma:
de saci capeta
passa a engraxate,
vira estafeta.

Jogava no América.
quando Waldemar
que também foi cobra
o convida e o leva
para beira-mar.
Toma a Noroeste,
deixa a mãe em prantos.
Na estação, Dondinho,
mancando da perna,
(a água no joelho)
abraça-o e sereno
dá-lhe um conselho:
— «Vá, filho amado,
conquistar a glória
que seu pai não teve!
Vá, mostre ao branco
da cidade grande
como um pobre negro
vinga os ancestrais.
Seu bisavô escravo
estará ao seu lado
na hora da batalha.
E cada chicotada
será devolvida
com o balaço bruto
do bisneto herói!»

O CORISCO

O mar joga as ondas no estaleiro.
E' oleoso e brando o mar de Santos.
Em Vila Belmiro, um jovem sente
que o corisco da glória

clareia a sua noite.
(Mas, calmo e humilde, um negrinho
pastoreia a bola na grama).

A COPA NA SUÉCIA

(Declamação)

Setenta milhões de lenços brancos
acenam desesperados.
Vinte e dois jogadores voam trêmulos:
vão em busca da Copa, aquela terra
não conquistada ainda, aquela ilha
perdida em oceano glacial.
Vinte anos de recalques,
no fel dos gramados.
Víamos, ao fim das Copas, a bandeira
que nos cobre e nos guia ser pisada
aos pés dos campeões.
Triste bandeira amarela de ódio,
verde da bile de milhões.

Esta seria a vez — disseram. E foi!
Áustria, a da valsa imperial,
morde as chuteiras de Mazzolla!
Inglaterra, a do orgulho milenar,
choca-se no paredão Gilmar!
País de Gales, duro como gelo,
entra em campo
para o grande jogo decisivo.
Os nossos aplicam a bela mágica
dos passes: nada! Rola a bola: nada!
Só traves, traves e mais traves. Nada!
Então, um touro de asas bufa e parte
e como montanha de fogo sobre o gelo
esmaga o Gales duro:
era o tufão Pelé vencendo o muro!

OLÉ!

(Em ritmo de gozação)

Olé! Olha o jeito de freguês
do português.
Olé! Veja a cara de marreco
do sueco.
Olé! Olha o tombo do magano
italiano.
Olé! Agora chegou a vez
do inglês.
Olé! Olha a queda no terreno

do chileno.
Olé! Veja o jeito do Uruguai,
como cai.
Olé! Veja só o desatino
do argentino.
Olé! Olha o boi em baby-doll
do espanhol.

Pelé a Mané,
Mané a Didi,
Didi a Vavá,
Vavá a Pelé,
Pelé para o gol.
OLÉ!...

OS AMORES

(Em ritmo de samba-canção)

Pelé é condor negro
voando sobre geleiras.
As louras amam sua pele
da côr da noite. E a noite
não é feita de brincadeiras?

Morenas também saciam
seu prazer ao ver Pelé.
E as escurinhas na alegria
do seu reino fazem dêle
o seu senhor e seu guia.

Pelé é amado e pertence
a todas sem ser de uma.
Driblando negras e louras,
não dá pelota a nenhuma.

MARCHA TRIUNFAL

(Ao som da Banda dos Fuzileiros Navais)
Salve Pelé, o defensor da glória
do nosso belo futebol de fintas!
Salve, negro jaguar,
senhor fenomenal da bola,
que a dama nos pés e trança e amarra
e desamarra o jogo!
Salve, goleador fecundo,
que esmaga toda a defesa e violento
desfecha o tiro: «Pimba!»
Salve Pelé, que abala os nossos nervos
e faz maior êsse Brasil no mundo!

O ex-Presidente Jânio Quadros, numa carta amarga, mas com um certo humor britânico, enviada de Londres ao deputado José Aparecido, depois de se queixar da solidão e da falta de dinheiro, exclama: — «Ah Lossacco», nome do deputado trabalhista que o acusara de ter dólares na Suíça.

O coração de Pelé balança entre cinco amores, eis a descoberta do repórter Oswaldo Amorim, de **Alterosa**, após ouvir, na sede do Santos, o «Pérola Negra» telefonar para cinco moças diferentes e dizer-lhes a mesma coisa: — «Você está meio aborrecida, meu bem. Logo hoje que eu estou mais apaixonado do que nunca».

Carlos Drummond de Andrade, citando Eça de Queiroz para responder ao Escrivão Do Crime de Itabira, Sr. Hildebrando Martins, que ameaçou processá-lo por ter sido retratado no poema «O Sátiro», do livro «Lição das Coisas»: — «Queira fazer o obséquio de retirar-se de meu poema».

Popovitch, o único cosmonauta soviético solteiro vai gravar um disco com apaixonadas canções, acompanhando-se ao violão.

Dom Helder Câmara deixará a Guanabara para ocupar o lugar do Arcebispo Dom João Resende Costa, em Belo Horizonte. Dom João, por sua vez, será promovido a Cardeal, com a função de substituir Dom Carlos Carmelo Motta, em São Paulo, que está cansado e irá para Aparecida do Norte.

O I.N.A.P., que será o Instituto Nacional de Ação Popular, com o objetivo de defender exatamente o contrário do Instituto Brasileiro de Ação Democrática, que atua na meia e na extrema direita, já está quase criado. Seus principais fundadores: professores Oswaldo Gusmão e Herbert José de Souza, do I.S.E.B.,

«Roteiro Turístico do Brasil» é o nome de um livreto com fotos em cores e em preto e branco, que o Serviço de Expansão Comercial do Brasil em Nova York está organizando para mostrar aos americanos o quê que nosso País tem de diferente. As Igrejas de Minas e as obras do Aleijadinho fazem parte do livro.

O ex-Chanceler San Tiago Dantas está sendo chamado, pelo deputado José Maria de Alkmin, de o «Pelé da política brasileira». O motivo: chuta muito bem com as duas pernas, pois usou a esquerda no Ministério do Exterior e se prepara para usar a direita no Ministério da Fazenda.

O Deputado José Aparecido, se não ocupar a Secretaria do Interior, passará seis meses na Câmara Federal para, então, voltar a Minas com a missão de ser o primeiro Secretário Do Desenvolvimento e Bem Estar Social, pasta que será criada.

Dom Serafim Fernandes, Bispo Auxiliar de Belo Horizonte e grande apaixonado pelo futebol, explicando porque o padre não precisa casar para entender os problemas conjugais: — «O técnico Martin Francisco, criador do 4-2-4, nunca chutou uma bola, mas conhece a fundo todos os segredos do futebol».

Recorde do Governador Leonel Brizola, durante sua visita a Belo Horizonte: deu à tarde uma entrevista de 2 horas; falou de 20 às 23 horas para cerca de 3 mil pessoas; esteve na televisão de 23 horas até 2 da madrugada; conversou sobre política e encampações até 5 da manhã.

O romancista Guimarães Rosa, autor de «Grande Sertão: Veredas», vive uma grande expectativa: seu conto «À Hora E A Vez De Augusto Matraga» marca sua primeira experiência no cinema através de um filme feito por Roberto Santos e Ferdinando Aguiar.

«O Diário», o único jornal católico de Belo Horizonte e o mais conservador da imprensa mineira, entrará em nova fase, à «Jornal do Brasil», em março quando suas rotativas já estarão funcionando. A informação é de seu diretor, José Mendonça.

O «Muro de Berlim» divide Belo Horizonte ao meio, repetindo em Minas sua função entre os alemães: entre 5 mil pessoas que visitaram uma exposição de fotografias a seu respeito, 2 mil e 500 acharam «uma vergonha» a sua existência e 2 mil e 500 aplaudiram.

O Sr. Jorge Carone, novo prefeito de Belo Horizonte, pretende repetir o Sr. Miguel Arrais: saltar, em 3 anos, da Prefeitura para o Governo. O Sr. Carone está cuidando, inclusive, de iniciar um namoro com as esquerdas.

Palavras

O Governador Magalhães Pinto mostra-se entusiasmado com a repercussão na imprensa de todo País, de seus pronunciamentos sobre política e reformas de base. Até jornais desconhecidos, como «A Primavera do Pará» abrem manchetes sobre o Governador de Minas.

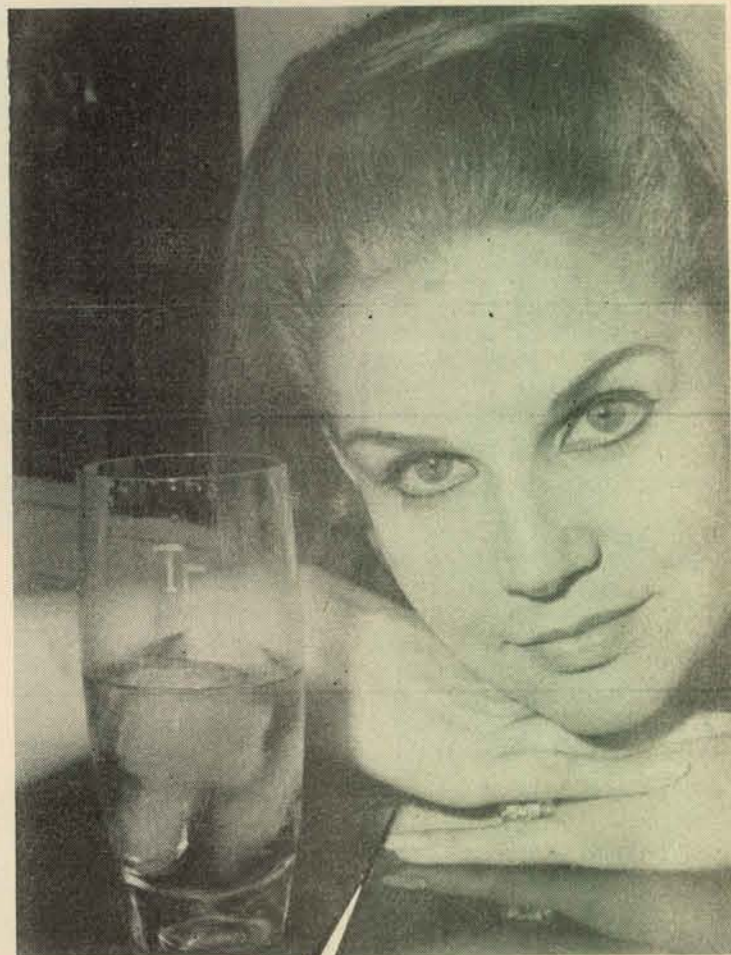
Benito Barreto, romancista mineiro que ganhou o «Prêmio Cidade de Belo Horizonte» com seu livro «A Plataforma Vazia», o que lhe rendeu Cr\$ 50 mil, está escrevendo seu segundo romance que terá, como uma de suas melhores cenas, uma parte real: a perseguição aos protestantes da cidade de Ferros, ameaçados de um massacre pelo Vigário local e uma multidão de mil pessoas que queriam afogá-los no rio em nome de Senhora Sant'Ana.

Os «jingles» do compositor Miguel Gustavo, cantados pelos maiores nomes da música popular brasileira figuram, numa pesquisa sigilosa feita em Minas, em primeiro lugar na lista dos fatores que levaram a maior parte dos brasileiros a dizer «não». Já a presença do Sr. João Goulart provocou muito «sim».

A Frente Parlamentar Nacionalista viverá nova fase com o objetivo de influir, mais decisivamente, nos acontecimentos políticos do País. Uma das primeiras iniciativas para revigorá-la será o encontro dos parlamentares nacionalistas, dia 18, na Guanabara. Além do Sr. Bento Gonçalves, o encontro é convocado pelos deputados José Aparecido, Max Da Costa Santos, José Sarney e Bocaiuva Cunha.

Além do Sr. Sebastião Paes de Almeida, já há mais três candidatos dentro do PSD, ao Palácio da Liberdade: o banqueiro Gilberto Faria e os deputados Paulo Pinheiro Chagas e José Maria de Alkmim.

A nova seção de Alterosa, «Progap» — sigla tomada emprestada à Associação Brasileira de Propaganda — está fazendo sucesso entre as grandes agências de publicidade do País. A razão: é a única, na grande imprensa brasileira, que oferece duas páginas só para divulgar as atividades dos publicitários e da indústria brasileira.



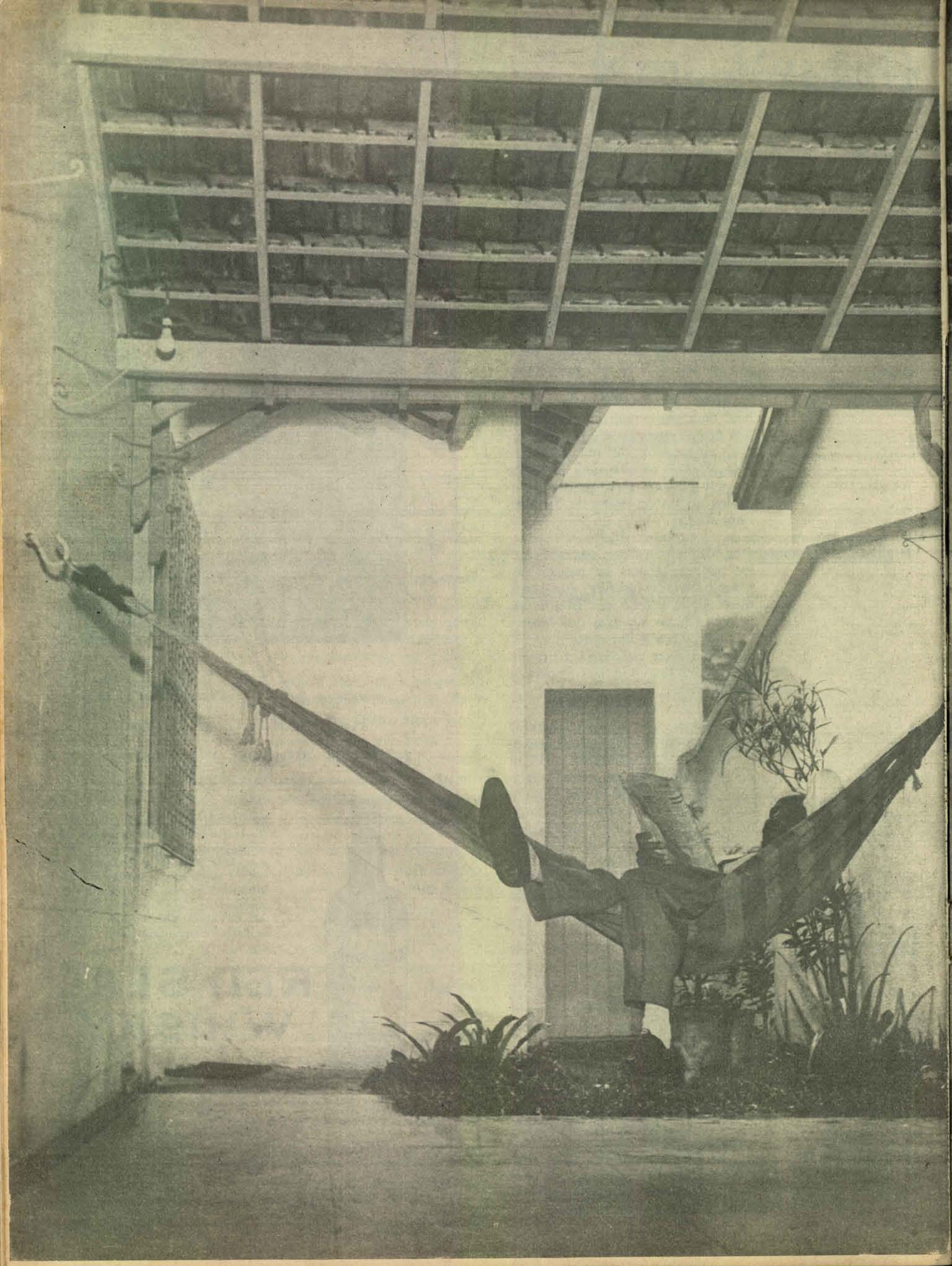
TÔNIA CARRERO - consagrada atriz de cinema, teatro, rádio e televisão.

"Red Seal... Ah!... como meus amigos o adoram!"



RED SEAL - o whisky exigido pelos "experts" e pelos obstinados consumidores de whisky escocês engarrafado na origem. RED SEAL (Sêlo Vermelho), um produto obtido com o genuíno MALTE-WHISKY importado diretamente de Hillcrest Blending Co. - Glasgow - Scotland, pela ERVEN LUCAS BOLS - 4 séculos na defesa da melhor qualidade!

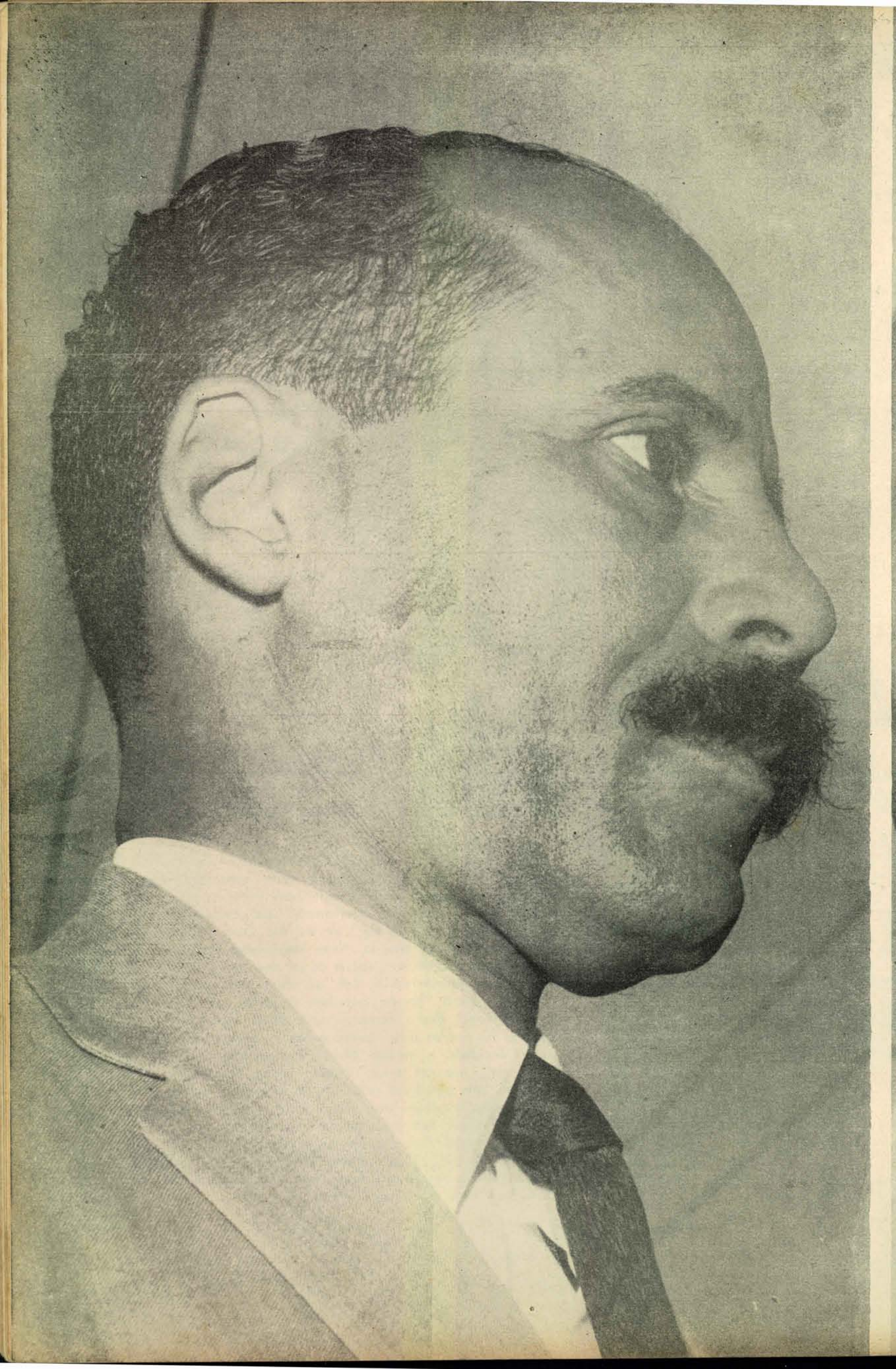
RED SEAL WHISKY

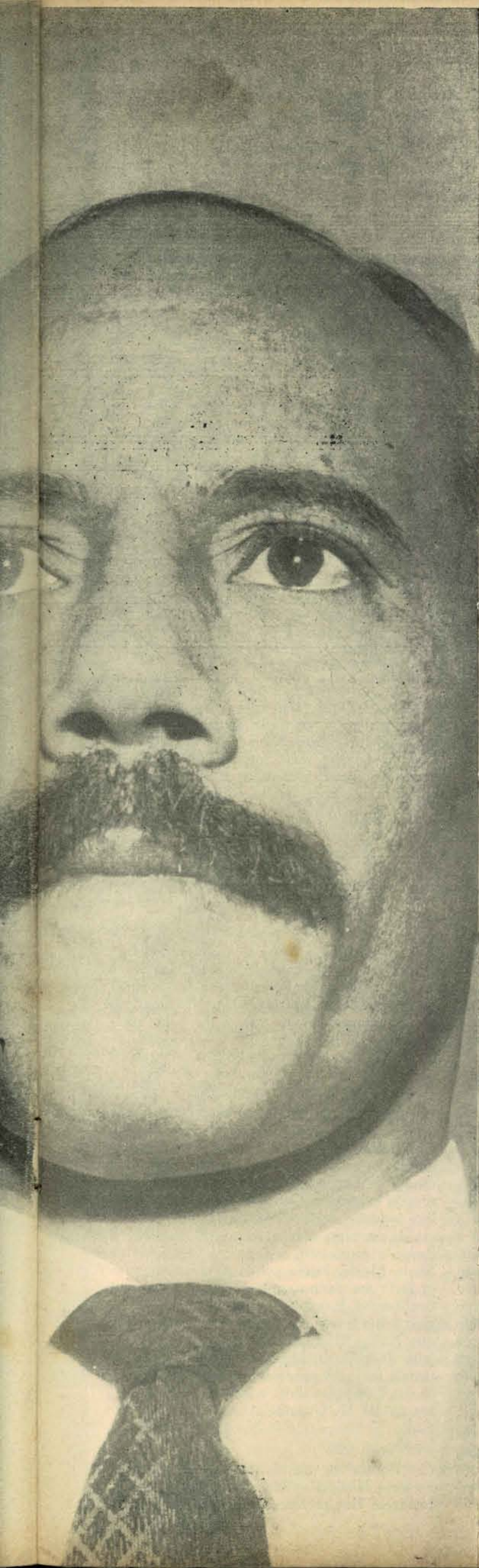


ÊSTE HOMEM CONVIVE COM A MORTE



O coração dêste homem, que é o nosso Bat Masterson, só que não usa bengala, bate cinco vezes mais que o normal. Ele já desfez 12 crimes misteriosos, feitos na tocaia e, entre os 300 pistoleiros profissionais que ainda estão vivos na cadeia ou sôltos no Vale do Rio Doce, Minas, todos têm um sonho: matá-lo. Nove emboscadas, das quais não saiu ferido nem de leve apesar de ser alvo de 47 tiros, serviram para transformá-lo, sob os olhos supersticiosos dos jagunços, num "homem que tem o corpo fechado". Mas o Coronel Pedro Ferreira, cuja última façanha foi descobrir, há poucos dias, quem matou e quem mandou matar o deputado e médico Nacip Raydan com 3 tiros pelas costas, não crê nisso. Assim, mesmo descansando numa rêde, tem perto das mãos um revólver 45 e poderá usar um outro, guardado num ponto estratégico, mas sigiloso. Homem que não gosta de dar as costas nem para os amigos, o Coronel Pedro revela ter 47 anos, mesmo número de balas que não conseguiram liquidá-lo: - "Isso é o mesmo que ter escapado, desde 1 ano de idade, de um atentado em cada aniversário".





NA LENDA DE UM BIGODE, A HISTÓRIA DO CORONEL

No Vale do Rio Doce, onde o salário da morte varia de Cr\$ 5 mil a Cr\$ 150 mil conforme a importância de quem morrerá na tocaia, correm três lendas sobre o bigode do Coronel Pedro. Diz a primeira que sua força quase sobrenatural, que consiste em sobreviver às emboscadas, reside nele. Se fôr raspado, o Coronel será um homem comum e sem coragem, assim como Sansão ficou depois que cortaram suas tranças: não prenderá nenhum pistoleiro. Conta a segunda que se alguém somar os fios de bigodes do Coronel, terá o número exato de pistoleiros que ele já prendeu. Os fios brancos, que ninguém consegue ver apesar de o Coronel Pedro não usar tinturas, revelam o número dos que ele matou, ao prender ou revidar às tocaias. A última versão revela que o Coronel Pedro cultiva seu bigode exclusivamente com a intenção de ficar com cara de mau, para atemorizar os jagunços, homens que se impressionam facilmente: são muito supersticiosos. Por causa da fama do bigode do Coronel, quando um jagunço, encorajado por algumas doses de cachaça, resolve ameaçá-lo de longe, dentro de alguma venda, nunca diz que irá matá-lo: — «Vou raspar o bigode do Coronel Pedro». Badú, jagunço que nasceu em Itabuna, Bahia — conterrâneo dos jagunços que o romancista Jorge Amado transportou para seus romances do cacau — é o que mais sonha escanhoar o Coronel. Mas está prêso na Casa de Correção, cumprindo pena por mais de 40 mortes, feitas todas na tocaia e com lances cinematográficos: vestia-se de mendigo para poder chegar perto de suas vítimas. As ameaças de Badú não atemorizam o Coronel Pedro, que sorri quando lhe falam sobre o bigode, que tem uma história, bem diferente. O Coronel Pedro, que nasceu com sete meses, sessenta dias antes das outras crianças, tinha 15 anos quando começou a Revolução de 30. Numa madrugada, sem que o pai, o 3º Sargento João Francisco dos Santos, soubesse ele fugiu de casa para alistar-se. Aumentou a idade e 5 horas depois dava seu primeiro tiro em Guaranésia. Depois em Guaxupé, mais tarde em Muzambinho no «Combate do Cafetal do Conde», que durou três dias e três noites. Os jornais chamaram-no de «Herói de Minas Gerais», de «Menor Combatente do Brasil» e quando acabou a revolução, o menino de Uberaba era o anspeçada Pedro Ferreira dos Santos, que começava sua carreira na Polícia Militar como um bravo. Só que dentro do quarto, com o espelho na mão, a imagem que aparecia, deixando-o abatido, era a de um garoto, que nem bigode tinha. O anspeçada Pedro Ferreira precisava de um bigode: por isso vivia raspando o que não existia. E quando surgiu o leve buço, passou a cultivá-lo com carinho de quem trata uma flor. Prometeu a si mesmo nunca mais cortá-lo. Cumpriu a promessa e afirma que «nem depois de morto deixarei de ter meu bigode». Se alguém, só para fazê-lo contar a história do bigode, fala sobre as ameaças dos jagunços, o Coronel Pedro se exalta como a dizer: — «Antes disso, eu raspo o deles». (Quase todos os jagunços usam bigode para impôr respeito). Para quem conhece o Coronel, o bigode impede que se veja o homem verdadeiro, aquele que gosta de brincar com o neto mais velho, Pedrinho, de conversar sobre livros de Victor Hugo, de contar histórias e soltar passarinhos presos porque cantar não é crime. — Quem vê a cara, não vê o coração do Coronel — dizem no Vale do Rio Doce. Acostumado ao perigo o Coronel não pode mostrar que é manso, que gosta de rir, que é um homem como os outros. Quando despede da mulher, Sra. Adalgisa Ferreira dos Santos, não sabe se volta, mas sabe que ela fica rezando com medo de que ele volte, mas morto. É um homem que ao ouvir a campainha tocar, em Governador Valadares, nunca sabe se é um amigo ou um inimigo, apesar de os amigos serem muito maiores. Não pode dar o ar de manso.

Quando Um Revólver Não É Arma



Para dona Adalgisa, esposa do Coronel Pedro, é penoso aguardar que ele volte de suas viagens: ela teme que algum jagunço consiga matá-lo. Mas sempre sorri, para animá-lo, quando o Coronel viaja.

Mais que o revólver calibre 45, de que não se separa nem para dormir, a grande arma do Coronel Pedro Ferreira para agarrar os pistoleiros do Vale do Rio Doce, é a sua argúcia. Homem que lê, sempre que pode, sobre psicologia, o Coronel é capaz de identificar um jagunço apenas por um tique nervoso ou pela maneira de encarar, sempre de olhos baixos, a pessoa com quem fala. Uma das descobertas do Coronel Pedro: o jagunço é, antes de tudo, um covarde. Prefere a tocaia pelo medo de um revide e, quase sempre, atira de dois metros de distância, de onde só errará o alvo se a arma negar fogo. Ex-trabalhadores de fazenda, os jagunços são supersticiosos e matam para ganhar a vida, da mesma forma que plantavam milho para ganhar dinheiro.

O Coronel Pedro só faz o uso do revólver para se defender porque um de seus prazeres é armar ardís para os jagunços: estudá-lhes a psicologia e os costumes e, só então, ataca, quase sempre de surpresa. O mais famoso pistoleiro do Vale do Rio Doce, Badú, conhecido como «O Tigre Da Mata», já foi prêso várias vezes pelo Coronel, sem troca de tiros. O último dos quarenta crimes de Badú foi tentar matar, em Barra de Salinas, o fazendeiro Telésforo Mata, o que ele executou com requintes: como só conseguiu baleiar o fazendeiro, matou dois de seus filhos e o sogro. Depois icinerou os cadáveres.

Foi em 59. O Coronel Pedro, que era Major em Governador Valadares, foi incumbido de prender Badú: podia trazê-lo vivo ou morto. Mas o queria vivo. — «Cuidado, Coronel», lhe diziam. Ele sorria. Alguns informantes, interrogados pelo Coronel, contaram um fato que julgavam sem importância: Badú tinha uma ferida, quase crônica, na perna. — «E' agora», pensou o Coronel, vou agarrá-lo facilmente, é só ter calma». Como seu conterrâneo «Negro Damião», personagem de Jorge Amado em «Terras Do Sem Fim», Badú é também um supersticioso. O Coronel Pedro fez com que um famoso curandeiro da região espalhasse em todo o Vale do Rio Doce que descobrira um remédio milagroso capaz de curar feridas.

O curandeiro morava numa mata, onde seria fácil o Coronel e seus homens ficarem de sentinela, aguardando. Três semanas depois, um homem descalço, de chapéu de couro e grandes bigodes, apareceu tomando a bênção ao curandeiro e querendo curar a ferida. — «Você está prêso — disse o Coronel, vai curar a ferida na cadeia». Badú não teve como reagir. O Coronel venciu o último «round», pois como jovem delegado de Itambacuri estreara prendendo o mesmo Badú, que hoje tem liberdade para ficar no pátio da Casa de Correção, como um bom detento, o que «é muito perigoso» segundo o ex-anspeçada Pedro Ferreira.

Sabe o Coronel que não pode lutar da mesma forma que os pistoleiros, senão nunca teria prendido 300 deles: deve ser hábil, um pouco psicólogo e tão bem informado como um bom repórter político, que sabe interpretar os fatos. Foi isso que lhe valeu sua

maior façanha: descobrir quem matou o deputado Nacip Raydan, médico pessedista de Santa Maria do Suassuí. Gastou 7 meses, prendeu 20 pistoleiros que procurava e frustrou três tocaias, que iriam liquidar os prefeitos de Santa Maria do Suassuí, de São Sebastião do Maranhão e um fazendeiro de Itambacuri.

As primeiras suspeitas caíram sobre os cunhados do deputado Nacip Raydan que mandaram matar seu pai. Raydan vingava, pagando para matar todos os executores das tocaias. Qualquer um iria por essa pista, menos o Coronel Pedro para quem essa circunstância seria capaz de levar outros a acabar com Raydan. Desde o início das investigações, há 7 meses, como um repórter político ele estudava as relações de Raydan com os chefes regionais. Raydan, médico que não cobrava receitas, tinha grande prestígio, podia influir até nas cúpulas de outros partidos, como o do P.T.B.. Até onde as ambições políticas dos outros líderes se chocavam com as de Nacip?

O desfêcho: o ex-prefeito pessedista Geraldo Benigno, seu irmão Rodolfo Lima, líder udenista, o escrivão do crime e secretário do PSD João Alves de Oliveira, tido como o homem mais inteligente de Santa Maria do Suassuí, conciliaram seus interesses políticos com os do fazendeiro Alirio Bastos e do ladrão de cavalos José Ferraz Salgado, chefe de uma grande quadrilha. Geraldo Benigno tentara voltar à Prefeitura: Nacip não quis. Trocou o PSD pelo PTB: Nacip manobrou o PTB estadual. Era uma pedra no caminho de Benigno. Rodolfo Lima achava que, sem a presença de Nacip, seria o grande líder regional. Para o escrivão João Alves, a morte de Nacip, sim, significava o nascimento do verdadeiro líder do lugar: ele mesmo, o homem «mais inteligente de Santa Maria». O que Alirio Bastos queria era apenas ver-se livre das perseguições de José Sena, protegido de Nacip. Já José Ferraz Salgado esperava, aliando-se aos futuros chefes da região, poder roubar seus cavalos sossegadamente.

Wantuil de Paula Neves, famoso por ser o autor da morte do capataz de Nacip, em 1960, a mando do mesmo Geraldo Benigno, foi escolhido para fazer a tocaia. Mas diante da importância do Deputado Raydan recuou e indicou Ozacipe Lopes de Carvalho, jagunço de Galiléia, que estudou a forma de executar o crime durante vários dias: desde a morte até a fuga no cemitério de Santa Maria. Pediu pouco para matar, mas poderia ter ganho mais de Cr\$ 100 mil, se conhecesse Raydan: nunca o tinha visto, nem sabia quem era, apenas fora informado que Nacip tinha cabelos meio brancos e um jeito de galã de filmes da Pel-Mex. Deu 3 tiros e fugiu. A primeira testemunha foi presa dia 7 de novembro: o último dos mandantes no dia 17. Ozacipe revelou que fugiu de Santa Maria para São Victor no porta-malas de um carro.

Porque os mandantes preferem, como no caso Nacip Raydan, usar jagunço e não, tomarem eles preferem a iniciativa? Explica

O número da casa em que o Coronel Pedro se hospeda, em Belo Horizonte, é o mesmo do calibre de seu revólver: 45.

o Coronel que, em primeiro lugar, há uma «grande mão de obra ociosa» no Vale do Rio Doce: cerca de mil pistoleiros estão às ordens, para quaisquer tipos de morte. Nas horas vagas, são trabalhadores de fazenda ou garimpeiros. Sonham com a fortuna, numa região em que muitos enriqueceram depressa, quase da noite para o dia. São homens que não sabem dizer não a um rico fazendeiro, seu grande e único senhor nas grandes fazendas. Depois, para um homem rico, é inconveniente ele mesmo puxar o gatilho: gastará muito mais com advogados, se exporá a riscos de grande repercussão nos negócios. Ainda: é fácil desmentir um jagunço, dizendo que não o contratou para matar. E só agora há a preocupação de liquidar com o cangaço em Minas.

Para matar, os jagunços usam disfarces que o Coronel conhece como a palma de sua mão: vestem-se de mendigos: Pedem emprêgo à própria vítima. Fazem amizade com a pessoa que será morta, simulam uma pequena briga, matam e fogem. O Coronel os compara a uma onça, que só ataca quando sabe que o bote será certo: frente a frente, como num duelo, nenhum pistoleiro mata. E' capaz até de apanhar na cara sem reagir. Eles se respeitam muito: Ozacipe ocupa o lugar deixado por Badú na admiração dos atuais e futuros pistoleiros, que têm seguido uma escala: deixam as fazendas e os garimpos, passam para o 6º Batalhão de Governador Valadares, descobrem a boemia, querem ganhar mais, são expulsos por indisciplina e ficam sem o quê fazer. Mas aprenderam a atirar no 6º Batalhão e se tornam jagunços.

A fama do Coronel Pedro custou-lhe, além de nove emboscadas, uma permanente preocupação: não sabe se morrerá amanhã. Desde quando, logo depois de fazer cursos no Rio e em Belo Horizonte e de passar alguns anos no IV Batalhão, foi ser delegado em Teófilo Otoni sua vida começou a ser ameaçada 24 horas por dia. E' delegado em Valadares e Coronel reformado da Polícia Militar de Minas. Há mais de 20 anos sua função principal é prender jagunços. Além do crime de Nacip Raydan desfêz mais 12, todos misteriosos, todos feitos na tocaia. Trazendo um revólver na cintura e outro oculto, em lugar misterioso, luta judô. Se a munição acabar, se defenderá: prendendo Clemente Borges, famoso jagunço de Teófilo Otoni quando fugia num avião, o Coronel teve que mostrar seus bons conhecimentos. Atracou-se com Clemente logo que ele desceu do avião, sem saber que era esperado.

O Coronel sabe que não pode descansar. Mesmo que sua mulher o deseje. Porque dona Adalgisa e as quatro filhas vivem intranquílias. Para o Coronel Pedro melhor seria viver em paz em sua fazenda. Cuidando de seu gado. E passar os fins-de-semana em Valadares, na casa nova que está construindo, contando histórias ao neto, Pedrinho. E quando alguém tocar a campainha ele mesmo irá atender, certo de que quem chama é um amigo, nunca um jagunço.

O.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO TEIXEIRA CARDENAS

DEPÓSITO DE VENDAS:

Rua Carijós, 732 s/103
Caixa Postal 2137
Belo Horizonte — M.G.

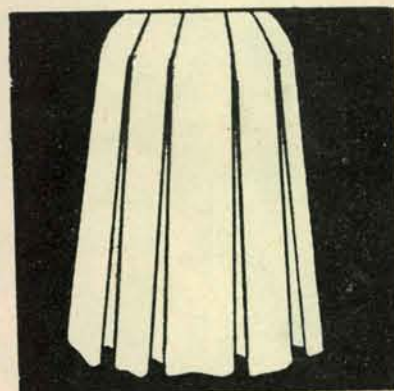


APRÊSTOS
PARA
COBRIR
BOTÕES E
CINTOS

Feliz

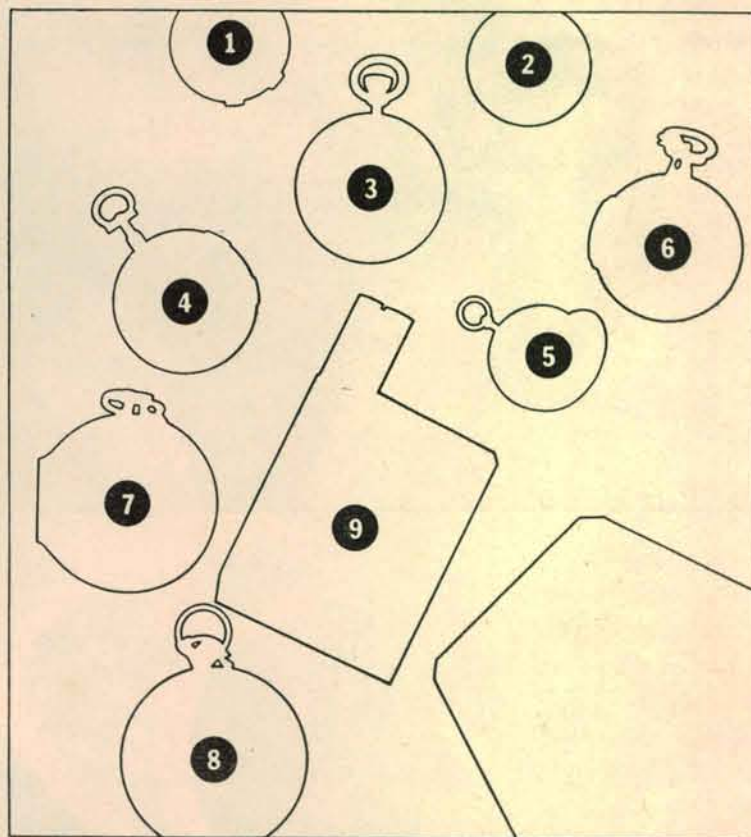
Ano

Nova

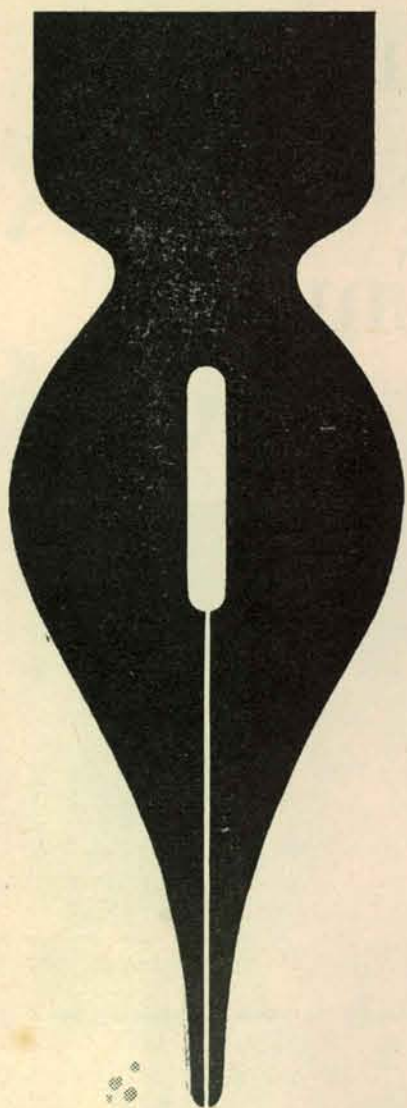


«JOARC»
A MAIS FAMOSA E
MODERNA FORMA DE
PLISSÉ

Agora, V. Sa. (s), poderá (ão) enviar seu (s) pedidos diretamente pelo Reembolso Postal, sem despesa alguma de vossa parte.



1 Relógio em ouro e esmalte; tempo do Império 2 Relógio francês, em ouro e pérolas, séc. XVIII 3 Relógio inglês, masculino 4 Relógio francês, séc. XVIII, em ouro, esmalte, diamantes e rubis 5 Relógio de ouro e esmalte, para senhora, 2º reinado 6 Relógio inglês, séc. XIX, em ouro 7 Relógio suíço, em ouro, séc. XIX 8 Relógio francês, séc. XVIII, cobre lavrado 9 Cigarros LUIZ XV ... os mais agradáveis minutos para Você!



Velha, eu?
Estou em plena
forma: uso
Super Quink!

Com a garantia do nome Parker, Super Quink proporciona escrita mais fácil, rápida, segura, duradoura — e muito mais brilhante! Oito lindas cores. E lembre-se: Super Quink contém Solv-X, que limpa e protege a caneta enquanto escreve.

30 cm ³	Cr\$ 85,00
59 cm ³	Cr\$ 100,00
473 cm ³	Cr\$ 450,00
946 cm ³	Cr\$ 800,00



TINTA DE ESCREVER

PARKER

super Quink



Distribuidores exclusivos para todo o Brasil.

COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.

Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio

Como Eu

Ví O Concílio

Do

Vaticano II

Dom Serafim Fernandes de Araújo Bispo Auxiliar de Belo Horizonte, revela, num artigo exclusivo para Alterosa:

Terminou dia 9 de dezembro a primeira fase do Concílio Ecumênico. A pergunta geral é esta: «que fez o Concílio até o momento?» Foram quase dois meses de trabalho. Vamos colocar em ordem cronológica o que aconteceu. E nesta ordem examinemos e comentemos os fatos e coisas.

Deixando de lado a viagem de 113 Bispos brasileiros em avião a jato da Panair do Brasil, com missa a bordo numa altura de 10.800 metros, com grande serviço de proteção de voo (orações) dos nossos parentes, amigos e diocesanos, poderíamos narrar todos os esplendores da abertura. É fácil imaginar-se: Roma nos seus grandes dias, a Basílica de São Pedro engalanada, uma procissão de 2.500 bispos de pluvial e mitra branca, representações diplomáticas escaqueadas de 85 nações, etc. No rito das cerimônias destacamos como partes mais importantes o Veni, Creator Spiritus entoado pelo Santo Padre e seguido por toda a magna assembléia, a Profissão de Fé feita pelo Papa no meio do silêncio da multidão ajoelhada, e repetida pelos bispos, as orações das Igrejas Latina e Oriental, a Missa Solene. Contudo, o fato mais importante deste dia e desta solenidade foi o discurso ou alocução do Santo Padre, João XXIII. Da boca do Sumo Pontífice a linha mestra do grande conclave. Resumiríamos o importante documento nos seguintes tópicos:

a) Os Concílios na Igreja são «a celebração solene da união de Cristo e da Igreja e por isto trazem ao mundo a universal irradiação da verdade, o reto caminho da vida individual, doméstica e social, o fortalecimento das energias espirituais»...

b) O Concílio Vaticano II é «um grande dom de Deus para o nosso tempo». A Igreja iluminada pela luz deste Concílio enriquecer-se-á espiritualmente e com forças novas poderá olhar intrépida o futuro.

c) É um Concílio que se celebra livre de qualquer ingerência de forças estranhas, e livre principalmente da autoridade civil. E que apesar de todas as tribulações confia na Providência que quer uma nova ordem de contatos humanos.

d) O sagrado depósito da doutrina cristã será guardado intacto e ensinado de forma mais eficaz. «Para que a doutrina de Cristo atinja os múltiplos estados da atividade humana, seja com relação aos indiví-

duos, seja às famílias ou à vida social, é necessário que a Igreja não se afaste do sagrado patrimônio da verdade, recebido dos séculos, mas ao mesmo tempo, deve se colocar no presente, atenta às novas condições e formas de vida introduzidas pelo mundo moderno».

e) Espera-se deste Concílio «um salto para frente em direção a uma penetração doutrinal e uma formação das consciências, em correspondência mais perfeita de fidelidade à autêntica doutrina, também está no entanto, estudada e exposta com formulação moderna. Uma coisa é a substância da doutrina antiga do «depositum fidei», outra é a formulação de seu revestimento». Condição essencial para quem quer uma linha eminentemente pastoral.

f) Quanto aos erros, no momento, a esposa de Cristo prefere usar o remédio da misericórdia. Quer mais inculcar sua doutrina válida e verdadeira do que renovar condenações.

g) Promover com todas as forças de sacrifício, orações e trabalhos a unidade da família cristã e humana.

AS COMISSÕES CONCILIARES

Até o Concílio, funcionaram recebendo sugestões, coordenando, preparando textos e esquemas, as comissões preparatórias ante-conciliares. Terminaram sua tarefa e se dissolveram com o Concílio. Como em qualquer congresso, deveriam os padres conciliares nomear 16 membros para cada uma das 10 comissões, chamadas comissões conciliares. Feitas as consultas preliminares entre os bispos de todas as nações, foram constituídas comissões de caráter verdadeiramente universal. A título de ilustração vão aqui os nomes das 10 comissões:

- 1) Doutrina de fé e costumes
- 2) Bispos e governos das dioceses
- 3) Igrejas Orientais
- 4) Disciplina dos sacramentos
- 5) Disciplina do clero e povo Cristão
- 6) Religiosos
- 7) Missões
- 8) Sagrada Liturgia
- 9) Seminários, Estudos e Educação católica
- 10) Apostolado, Imprensa e Divertimentos

Sete bispos brasileiros participam dessas comissões.



PRIMEIRO ESQUEMA: LITURGIA

Este foi o primeiro assunto de estudos. Mesmo sem querer entrar nos diversos detalhes deste esquema, devemos dizer que foram tratados e discutidos: a Missa, os sacramentos, os sacramentais, o Ofício divino, o ano litúrgico, a música sacra, as vestes litúrgicas, a arte sacra. E a linha dominante foi sempre tudo fazer para que o povo fiel tenha uma verdadeira, ativa e frutuosa participação do culto e no serviço de Deus. A primeira condição é que os ritos sejam breves, compostos de um modo simples e claro, adaptados para uma inteligência mais fácil dos fiéis, sem necessidade de muitos comentários. Da fonte do altar, dos sacramentos e da oração da Igreja, o povo deve beber sua própria fortaleza, seu próprio alento.

Colocou-se também o problema da adaptação de alguns ritos às tradições, cultura e necessidades dos diversos povos e religiões. Dificilmente povos e comunidades de cultura e mentalidade diferentes podem compreender nossos símbolos e coisas. Seria querer, por exemplo, que o chinês de cultura de milênios fôsse como nós ocidentais.

Outro problema ligado à participação dos fiéis na liturgia e à compreensão dos ritos é o da língua. Continuar com o latim, tudo em vernáculo, ou parte em vernáculo parte em latim? Já podemos adivinhar qual será a resposta da votação, dada a linha pastoral do Concílio. Serão reestruturados diversos ritos seja na Missa, seja nos Sacramentos.

Belíssimo, sem dúvida, este esquema de Liturgia. Vai abrir as fontes da água mais límpida para a grande sede de Deus de todo o povo cristão.

SEGUNDO ESQUEMA: FONTES DA REVELAÇÃO

Esquema preparado durante dois anos por pessoas as mais competentes não conseguiu passar pelo Concílio. Julgado fora da linha de abertura, da linha pastoral e ecumênica foi rejeitado, com a votação do plenário e com a intervenção do Santo Padre que nomeou uma comissão especial de Cardeais para juntamente com a Comissão de Teologia e o Secretariado da União dos cristãos refundir ou fazer outro esquema. Em tempo oportuno será novamente julgado pelo plenário.

TERCEIRO ESQUEMA: INSTRUMENTOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Pela primeira vez na história um Concílio se ocupou do assunto: Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema. Nem poderia ignorá-lo: há atualmente no mundo 8.000 jornais com 300.000.000 de exemplares diários, 22.000 outros periódicos com 200.000.000 de exemplares. No cinema aparecem 2.500 películas por ano, em 170.000 salas com 17 bilhões de espectadores. Seis mil estações de rádio e 400.000.000 de aparelhos. Mil estações de televisão e 120.000.000 de aparelhos. A força quase onipotente destes meios que fazem, criam e dirigem a opinião pública, deformam e formam consciências, precisa da orientação e carinho da Igreja, mãe e mestra dos povos. Uma orientação mais positiva, no sentido de que o bem se espalhe por todos os meios e de todas as maneiras através destes meios.

QUARTO ESQUEMA: UNIDADE DA IGREJA

No momento apenas as relações com as Igrejas Orientais separadas, cujas aproximações doutrinárias com a Igreja Católica são mais íntimas. O estudo deste esquema deu ocasião a que se pedisse uma oração comum pela união dos cristãos a ser rezada pelos católicos, ortodoxos e protestantes.

QUINTO ESQUEMA: IGREJA

Apenas iniciado. Trata-se do esquema-chave do Concílio, pois Corpo Místico, Bispos, Dioceses, Leigos serão capítulos obrigatórios, no estudo da constituição íntima da Igreja.

OS OBSERVADORES

Quarenta observadores de 17 federações de Igrejas cristãs separadas tomaram parte no Concílio como convidados e observadores. Colocados em lugar de honra, tribuna em frente à tribuna dos Cardeais, receberam toda a assistência através do Secretariado da União, que é como uma Comissão especial e independente dentro do Concílio, presidido pelo Cardeal jesuíta, Agostinho Bea. Todo o material do Concílio, esquemas, tradutores estiveram à disposição dos observadores. Com o ambiente o mais cordial possível, sentiu-se verdadeiro entrosamento de aproximação, de diálogo, de compreensão, que querendo Deus (e Deus o quer) irá terminar na união.

Ao lado de um
amigo, Dom Serafim
(o mais alto)
caminha diante da
Basílica de São
Pedro, na Cidade
do Vaticano, aonde
foi realizada a
primeira fase do
Concílio Ecumênico.

A título de curiosidade eis a relação das Igrejas separadas presentes:

Orientais:

- 1) Igreja Copta do Egito
- 2) Igreja Síria Jacobita
- 3) Igreja Armena
- 4) Igreja Russa fora da Rússia
- 5) Igreja Ortodoxa Russa

Comunidade protestantes:

- 1) Comunhão Anglicana
- 2) Federação Mundial Luterana
- 3) Aliança Mundial Presbiteriana
- 4) Igreja Evangélica da Alemanha
- 5) Convenção Mundial das Igrejas de Cristo
- 6) Comitê Mundial dos «Quakers»
- 7) Conselho Internacional Congregacionalista
- 8) Conselho Mundial Metodista
- 9) Conselho Mundial das Igrejas
- 10) Igreja Velho-Católica
- 11) Associação Internacional pela Liberdade Religiosa Cristã

Além desses representantes, quase avulsos, se encontravam os Hóspedes do Secretariado como os Pastores da Comunidade Protestante de Taizé (França) e outros.

PRÓXIMA ETAPA

Dia 8 de setembro, se Deus quiser, terá início a segunda etapa. Durante esses nove meses de recesso do plenário estarão trabalhando ativamente as 10 Comissões Conciliares, mais o Secretariado da União. Normas especiais foram estabelecidas para as atividades desse intervalo. Reexame e aperfeiçoamento dos esquemas, com atenta e adequada elaboração dos mesmos dentro da linha geral do Concílio na sua perspectiva universalista e pastoral. Consulta imediata aos bispos apenas reformulados os esquemas. Para tal trabalho foi nomeada uma Comissão Especial de coordenação e orientação. Dela fazem parte alguns Cardeais, alguns Bispos e é presidida pelo Cardeal Secretário de Estado.

Continuemos em estado de Concílio, nas nossas orações e reexame também de nossa vida individual, familiar e social, sentindo a força do Espírito Santo que dirige a sua Igreja e prontos para a realidade de um futuro maravilhoso que se nos apresenta. O Concílio está sendo e será o «grande dom de Deus» para os nossos tempos.

Como Escrever Contos Para Alterosa



CAMPEÃO DA AVENIDA, o campeão das sortes grandes, continua enriquecendo os seus fregueses. Vendeu:

9 de Novembro, da Mineira
16.534 com 2 milhões
35.042 com 2 milhões
16.533 com 50 mil
16.535 com 50 mil
35.041 com 50 mil
35.043 com 50 mil
16 de Novembro, da Mineira
19.226 com 150 mil
25.922 com 150 mil
23 de Novembro, da Mineira
9.493 com 2 milhões
26.269 com 2 milhões
18.059 com 400 mil
18.101 com 100 mil
9.492 com 50 mil
9.494 com 50 mil
26.208 com 50 mil
26.270 com 50 mil

Sortes Grandes?

CAMPEÃO DA AVENIDA

e... não se discute!
AVENIDA, 770 — AVENIDA, 612
Caixa Postal 225
Belo Horizonte

O SUPREMO PADRÃO
DA PLÁSTICA FEMI-
NINA OUTRORA RE-
PRESENTADO PELA

**VÊNUS DE
MILO**

E' HOJE CRIAÇÃO DA

**A CINTA
MODERNA**

Faça uma visita às nossas
lojas onde verdadeiras es-
pecializadas lhe indicarão
a cinta, modelador ou por-
ta-seios que lhe convém



Atendemos pelo REEMBOLSO POSTAL

A Cinta Moderna

CINTAS — MODELADORES
PORTA-SEIOS — LINGERIE

Av. Afonso Pena, 932 - Belo Horizonte - Minas
MATRIZ NO RIO: Rua Uruguiana, 47

Um prêmio de Cr\$ 2 mil e a publicação de um trabalho assinado por você, numa revista de circulação nacional — eis as duas oportunidades que Alterosa lhe oferece, de uma só vez, através do seu Concurso Permanente de Contos, patrocinado pela Cia. de Seguros Minas-Brasil.

Para participar do concurso envie seu trabalho à redação de Alterosa, à rua Rio de Janeiro, 926, 3º andar, Belo Horizonte, preenchendo as seguintes condições:

1 — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço 2, com o máximo de 11 e o mínimo de 8 páginas.

2 — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por Alterosa.

3 — Caso o concorrente use pseudônimo, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa do prêmio que lhe couber.

4 — Os dois melhores trabalhos recebidos no mês serão divulgados em Alterosa e premiados, cada um, com Cr\$ 1 mil.

5 — Não se devolvem os originais, que não forem aproveitados.

7 — Os prêmios serão enviados aos autores, por Alterosa, sessenta dias após a sua publicação.

Breve, Alterosa lançará o novo e grande concurso, também em colaboração com a Companhia de Seguros Minas-Brasil, em novas bases e com os prêmios aumentados.



• «Le Belvedere»:
O Restaurante
Inconfundível

• Apartamentos
Modernos

• Ambiente
Familiar
Bom Gosto
e Distinção

• Bar Tejuco
Ambiente de Arte,
Música
e Alegria



VARIZES

Tratamento sem
operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para tratamento das varizes (nas pernas). Use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia em água açucarada e fricção a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES. Para hemorroidas (mamilos externos e internos) inclusive os que sangram usa-se a pomada no local e toma-se juntamente o líquido. Com este tratamento em pouco tempo poderão ser debelados tais males.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS



HEMO-VIRTUS

POMADA E LÍQUIDO

Limpeza da pele em casa

Agora em sua casa num minuto apenas, antes de deitar-se - faça a mais completa limpeza de pele com **CRAVOSAN**! Penetrando profundamente nos poros - Cravosan dissolve as impurezas e manchas da pele; remove pó, gorduras, e elimina rugas, cravos, sardas e espinhas. Cravosan - limpa - suaviza e amacia.

CRAVOSAN

remove a maquiagem
Forma original do Instituto de beleza
"Guillon" de Paris.
NAS FARMACIAS E PERFUMARIAS

ELAS

Anita Ekberg, a famosa atriz sueca que continuou, fora da tela, as aventuras do filme de Fellini, numa sensacional promessa feita à mãe, depois de 3 anos de separação: — «Vou deixar a doce vida». Anita Ekberg anunciou que vai casar outra vez e tomar juízo.

Zilda Couto, elegante belorizontina que tem representado Minas na lista das «Dez Mais» de todo o País, terá o seu retrato a óleo feito pelo grande pintor Carlos Schiar, que virá passar uma temporada em Ouro Preto.

Maria Tereza Goulart ganhou, mês passado, um presente duplo do «Papai Noel» João Goulart: um «Karman-Ghia», carro esporte do mesmo tipo do que o jogador Garrincha acaba de comprar e um «J.K.», este para usar em Brasília. O «Karman-Ghia» ficará no Rio.

Pascale Petit, estrêla francesa, já está sendo chamada de «A Cleópatra dos Pobres»: seu filme, feito na Itália, custou doze vezes menos do que o interpretado por Liz Taylor.

Geórgia Quental, que é uma das novas atrizes do cinema brasileiro, está disposta a deixar a profissão que a fez famosa: a de manequim. Depois de trabalhar em «O Bôca De Ouro», baseado na peça de Nelson Rodrigues, pretende filmar no México.

Bibi Ferreira, vivendo seu maior sucesso na versão brasileira de «My Fair Lady», nunca deu tantos autógrafos em sua vida como agora: até a Sra. Maria Tereza Goulart entrou na fila para guardar a assinatura da filha de Procópio Ferreira.

Geraldine Chaplin, de 18 anos, faz sucesso dançando o «can-can» em Londres sob os aplausos de todos, menos de um homem de cabeça branca: trata-se de seu pai, o célebre Carlitos, que preferia vê-la brilhar como atriz.

Jackie Kennedy, surpreendida pela teleobjetiva de um «paparazzi» em versão norte-americana acabou dando, sem querer, um conselho de beleza às mulheres do mundo: fazer ginástica, tôdas as manhãs, durante 15 minutos. Objetivo: manter a plástica em forma.

Farah Diba, comemorando com atraso o aniversário por causa do terremoto que fez 20 mil mortos no Iran, ouviu de seu filho Reza, de 2 anos, uma frase que Soraya daria a vida para poder ouvir: — «Feliz aniversário, mamãe».

Sofia Loren não disse que «sim», nem que «não» às notícias de que será, na tela, a «Gabriela, Cravo e Canela» inventada por Jorge Amado e que a Metro pretende filmar. Tem se limitado a ignorar o assunto.

Déo Explica A Linha 63

Reportagem de Déo, membro da Association
Internationale de Coiffeurs de Dames, exclusivo para
Alterosa.



Os dois penteados têm
igualmente um coque
enfeitado por broches.
A diferença: um é
partido no meio da
cabeça, enquanto o outro
é jogado todo para o
lado, além de ter uma
mecha penteada
horizontalmente sobre
a testa.



Duas características definem a nova linha dos cabeleireiros europeus para a temporada de 63: o aparecimento dos coques e o uso de enfeites, em quase todos os penteados. Os enfeites surgem com uma função muito importante, servindo de ponto-base para a feitura de todos os penteados. São usados em dois lugares estratégicos: no alto e no meio da cabeça ou substituindo os brincos em cima das orelhas. A nova linha mantém a tendência dos cabelos de tamanho médio. Os dois primeiros penteados das fotos apresentam igualmente coques e enfeites. Num, os cabelos, sem partir, sobem de um lado para cruzar horizontalmente a testa, abaixo do coque. Do lado direito descem abaixo das orelhas, terminando em curvas. No outro, são partidos no centro da cabeça, descendo em forma de arco, para terminar em curvas para os lados. O terceiro penteado dispensa o coque, mas acentua a importância do enfeite, como ponto de irradiação dos cabelos. Finalmente, o da noiva: os cabelos todos reunidos em coque, deixam aparecer sob o véu transparente os enfeites de flôres, além da pequena franja que fica de fora do véu.

Aqui, eliminou-se o coque, permanecendo o broche, que serve de ponto de irradiação do penteado. A partir dos olhos, os cabelos formam cachos.



Este foi criado especialmente para as noivas: o cabelo todo reunido em coque no alto da cabeça é coberto pelo véu transparente, deixando ver as flôres que o enfeitam; Só sobressaem do véu os cabelos que formam a franja.



Jackie E Maria Tereza Na Nova Linha



O enfeite, na altura da orelha, é o ponto-base do penteado: para êle convergem os cabelos, em curva e ondedos. O outro penteado dispensa o enfeite. Os cabelos são em curvas e para trás ou para os lados.

Aqui, o enfeite é transferido para a altura das orelhas, convergindo para ele, levemente ondedos, os cabelos que vêm do alto e de baixo. Nos dois penteados seguintes não aparecem os enfeites, mas ambos sugerem o coque e ficam muito bem para as mulheres de rosto fino, como a sra. Maria Tereza Goulart. A diferença entre eles é que num os cachos se voltam para trás, enquanto o outro termina em ponta que invade o rosto, além de exigir cabelos mais compridos. O último penteado ao qual a sra. Jackie Kennedy aderiu, tem duas partes bem definidas pelo enfeite nas orelhas: em cima os cabelos são penteados lisos; a partir do enfeite as transformam em cachos, um para cada lado. Além dos cabelos, que cobrem as partes laterais da testa, há ainda a franja. O resto do rosto fica livre, assim como a nuca e o pescoço.



No alto, quase um coque. Depois, os cabelos afinam em ponta que invade o rosto: Maria Tereza Goulart aderiu a este penteado. Jackie Kennedy já apareceu em fotografias com o outro.

De Cleópatra A Liz,
Um Drama:
Como Não Ser Pequena





Desde Cleópatra, a mais famosa personagem feminina da história, até Elizabeth Taylor, sua intérprete no cinema, a mulher pequena tem vivido um pequeno-grande drama: como desviar a atenção masculina do tamanho para seus outros encantos. A arma de Cleópatra para alcançar êsse objetivo consistiu, além da preocupação estratégica de deixar sempre nus os ombros bem feitos, no uso de braceletes de ouro, na pintura do rosto e nos penteados. Assim, ela conseguiu conquistar, entre outros, o famoso Cesar, muito mais alto do que ela como mostra a cena com Rex Harrison e Liz Taylor. Mostrando que ser pequena não é nada, a própria Elizabeth Taylor, especialista na arte de apaixonar os homens, é tida como uma das mulheres mais bonitas do mundo: ela soube usar a beleza do rosto, fazendo com que ninguém, até agora, notasse que é pequena. Que caminho deve ser seguido pela mulher brasileira que não é alta? E' o que vamos responder.

Seis Caminhos Para Esconder Tamanho



A mulher pequena brasileira e mineira, que mede menos de 1,59 metros de altura, tem seis caminhos diferentes que pode seguir para resolver o seu problema de elegância:

- 1 — Vestir-se como menina.
- 2 — Calçar sapatos muito altos.
- 3 — Usar penteados altos.
- 4 — Manter o pêso proporcional à altura.
- 5 — Realçar o que tem de bonito.
- 6 — Adaptar-se à moda.

Vestir roupas juvenis para parecer eternamente uma criança não é mais solução para compensar a insuficiência do tamanho. O artifício teve muito êxito no tempo de Judy Garland mas hoje está abandonado: Gina Lollobrigida veste roupas ousadas, com decotes, vestidos vaporosos para noite, e, apesar de pequena, seu marido, o grandalhão Mirko Scofic, sempre que perguntado, responde: «Eu e Gina vivemos muito bem e não a troco por nenhuma Jane Mansfield». Além disso, roupas juvenis não ficam bem numa mulher de 30, quando já começam a aparecer no rosto os primeiros sinais de amadurecimento.

Na mulher pequena, tudo que é desproporcional chama a atenção e pode tornar a emenda pior do que o soneto: é por isto que os cabeleireiros desaconselham os penteados muito altos que devem ser substituídos por outros mais discretos. Pelo mesmo e por outros motivos de ordem médica, os saltos exageradamente altos devem ser evitados, pois cansam muito e podem até provocar dor de cabeça. Na escolha do salto, há uma medida que deve ser observada: A mulher de altura média tem 60 centímetros da cintura à cabeça e 99 da cintura aos pés. Se tem as pernas um pouco mais curtas, deve usar os saltos altos, mas ainda aqui sem exagero. Em qualquer hipótese, não deve abandonar as sandálias ou sapatos baixos no verão, porque também nesse detalhe a moda feminina avançou e não mais respeita «tabus».

A mulher pequena não pode comprar roupas feitas, nem adotar qualquer modelo que vir em figurinos, pois, via de regra, não lhe ficam bem: os manequins franceses e italianos e, mesmo os brasileiros, como Geórgia Quental, são muito altos. Além disso, magros. O melhor



Imitando Cleópatra, que foi a mais famosa mulher pequena da História, Elizabeth Taylor também chegou a rainha em Hollywood.

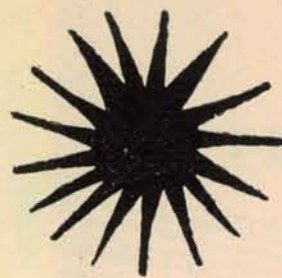
Para isso fez o mundo esquecer o seu tamanho, mostrando o que tem de bonito: os olhos e cabelos negros.



é adaptar a moda ao seu tamanho: se os cintos grandes, de 10 centímetros de largura, estão na moda, troque-os por outros de 5 centímetros. Não use, mesmo que estiverem na moda, vestidos de quadrados grandes, listras largas ou atravessadas, fazendas muito pesadas e peles altas, que realçam ainda mais o seu tamanho justamente o contrário do que os especialistas em beleza aconselham, isto é, «vestir-se de maneira a fazer os outros esquecerem que você é baixa». Entretanto, use à vontade mangas morcego e basques longas.

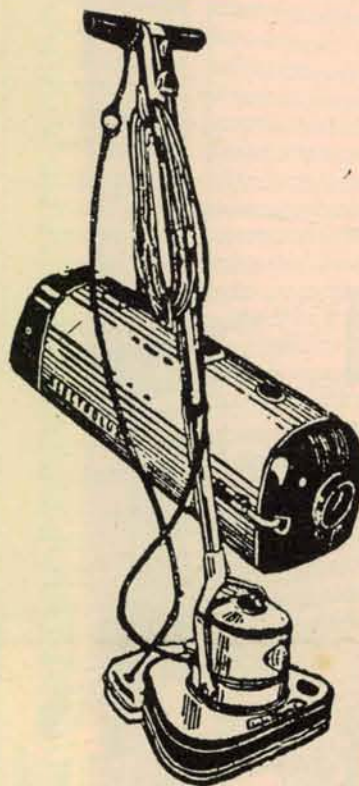
O princípio de que a leveza e a graciosidade são as duas armas mais poderosas da elegância se aplica com muito mais razão à mulher pequena: um quilo a mais ou a menos põe a perder todo o seu cuidado no vestir-se. Por isto, antes de escolher qualquer artifício de beleza recorra à ginástica diária. O peso ideal é meio caminho andado para a elegância: o exemplo disso é Maria Tereza Goulart que consegue rivalizar-se com Jackie Kennedy no mundo da elegância internacional. A pequena Tereza e a grande Jackie são consideradas as primeiras damas mais bonitas do mundo. As medidas ideais para a mulher brasileira de altura média, que é o pequeno talhe, são: 1,59 metros de altura; 50 a 52 quilos de peso; 62 centímetros de cintura (para as mocinhas: 58 a 60 centímetros); 92 de quadris; 50 de coxa; 86,5 de busto; 33 de pescoço.

Entre todos os recursos para «disfarçar» o tamanho há um que os especialistas não dispensam à mulher pequena: o de realçar os encantos pessoais. Foi deixando cair a capa que cobria seus ombros que Cleópatra conquistou Marco Antônio. O exemplo de Cleópatra está na ordem do dia, com Elizabeth Taylor que se tornou rainha de um reino diferente usando o encanto de seus olhos negros: em Hollywood já conquistou e desprezou quatro maridos e fez a Fox gastar o que não podia para ser estrêla de «Cleópatra». Se as suas sombrancelhas são bonitas cuide bem delas para chamar a atenção; se os lábios, escolha a cor do baton que mais combine com a sua pele, tendo cuidado de traçar bem os contornos; se os olhos, procure realçar a sua beleza; se os pés, dê-lhes um banho diário e até dois, no calor, para livrá-lo dos efeitos da poeira.



Descanso e conforto
Enceradeira e Aspirador

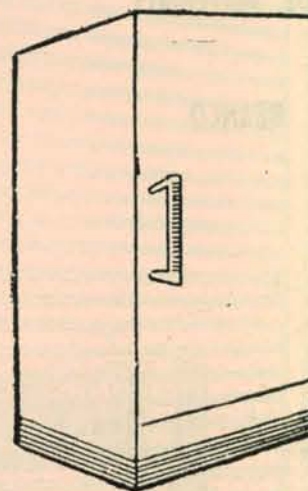
Electrolux



- modernos auxiliares da limpeza do lar
- Refrigeradores A QUEROZENE e elétricos

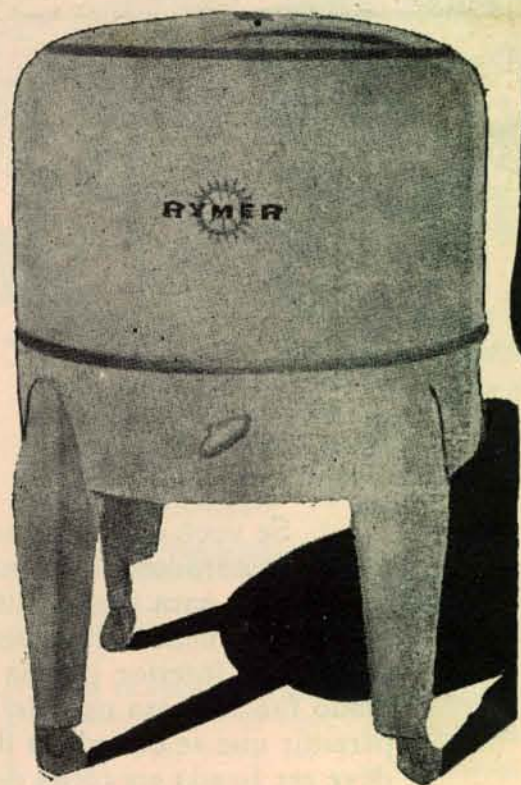
Grande estoque de Batedeiras de bôlo, Liquidificadores, Barbeadores elétricos, Congelador de carne de 7 pés

- Cia. Fábio Bastos oferece tudo isto com ótimos preços ou em suaves prestações mensais



RYMER

A máquina de lavar mais prática do mundo.



Poupe

tempo
trabalho
dinheiro

CIA. FÁBIO BASTOS

Av. Paraná, 472

Rua Adalberto Ferraz, 246 — Tel. 2-3386
BELO HORIZONTE

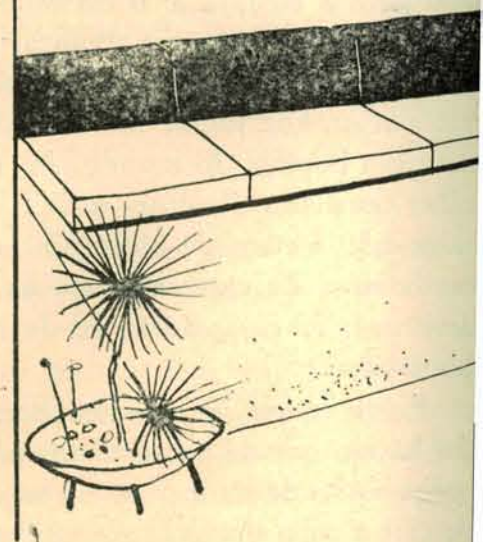
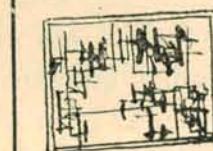
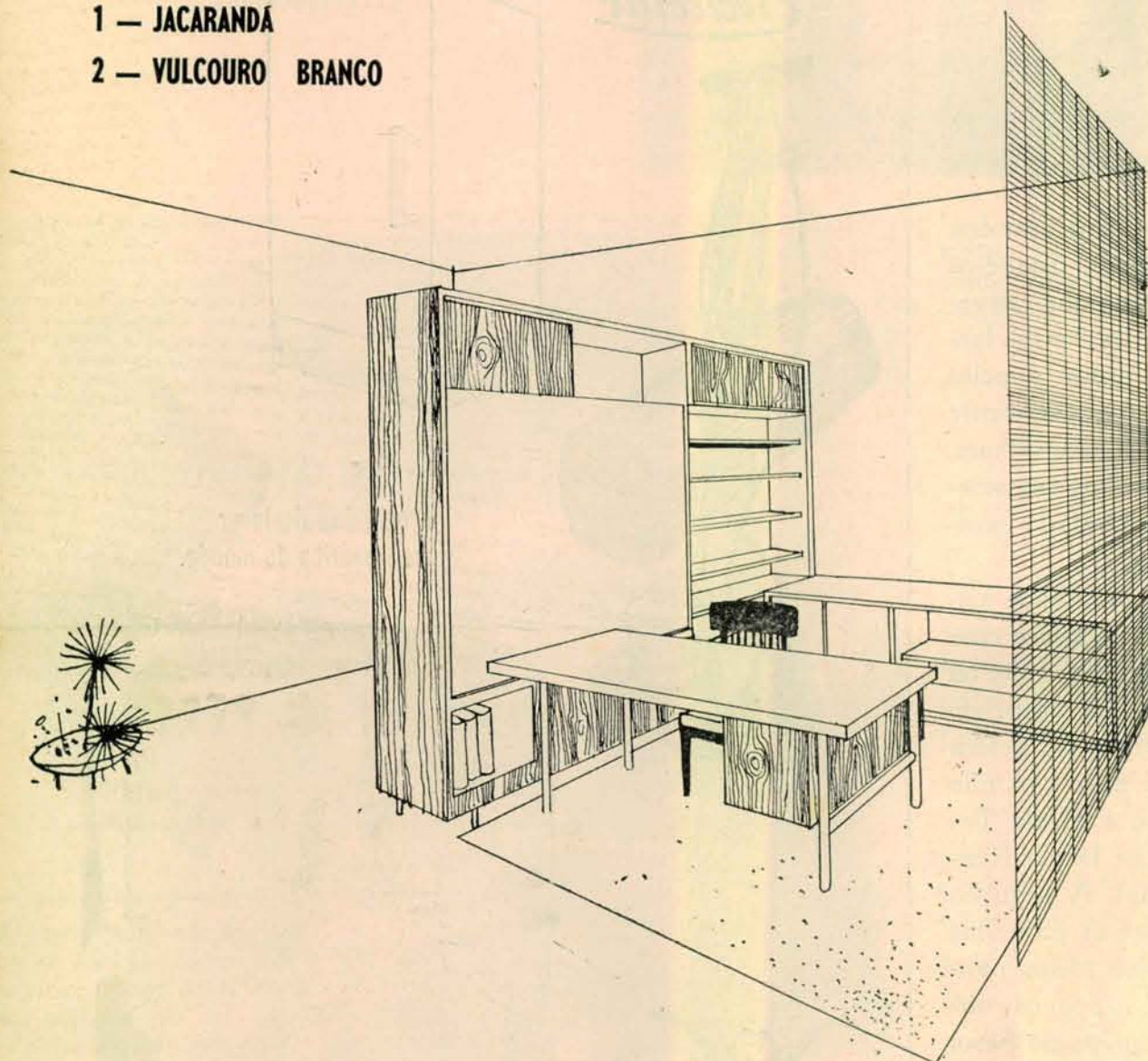
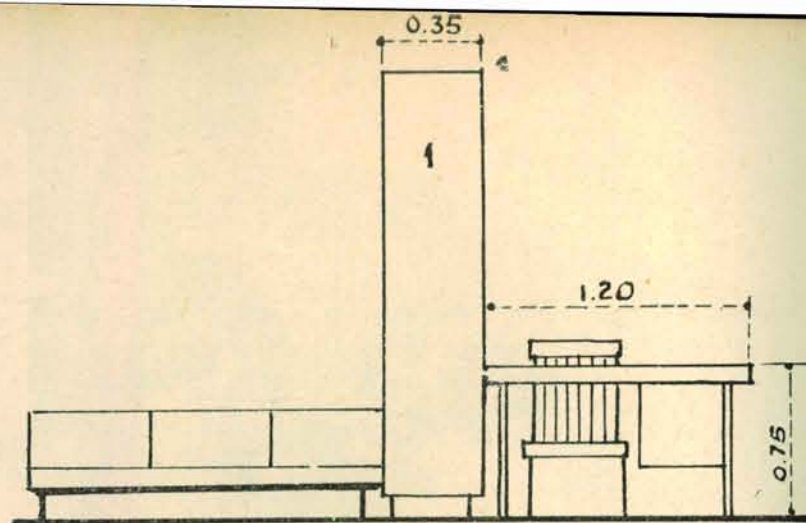
• Também em Juiz de Fora, Brasília e Governador Valadares

DECORE SEU ESCRITÓRIO

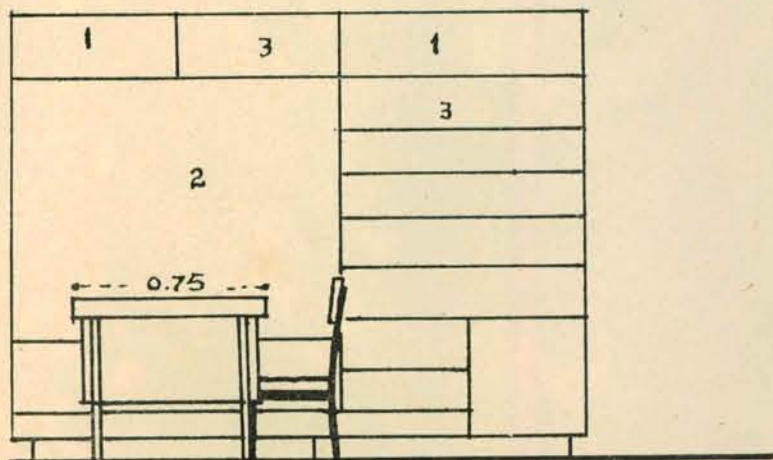
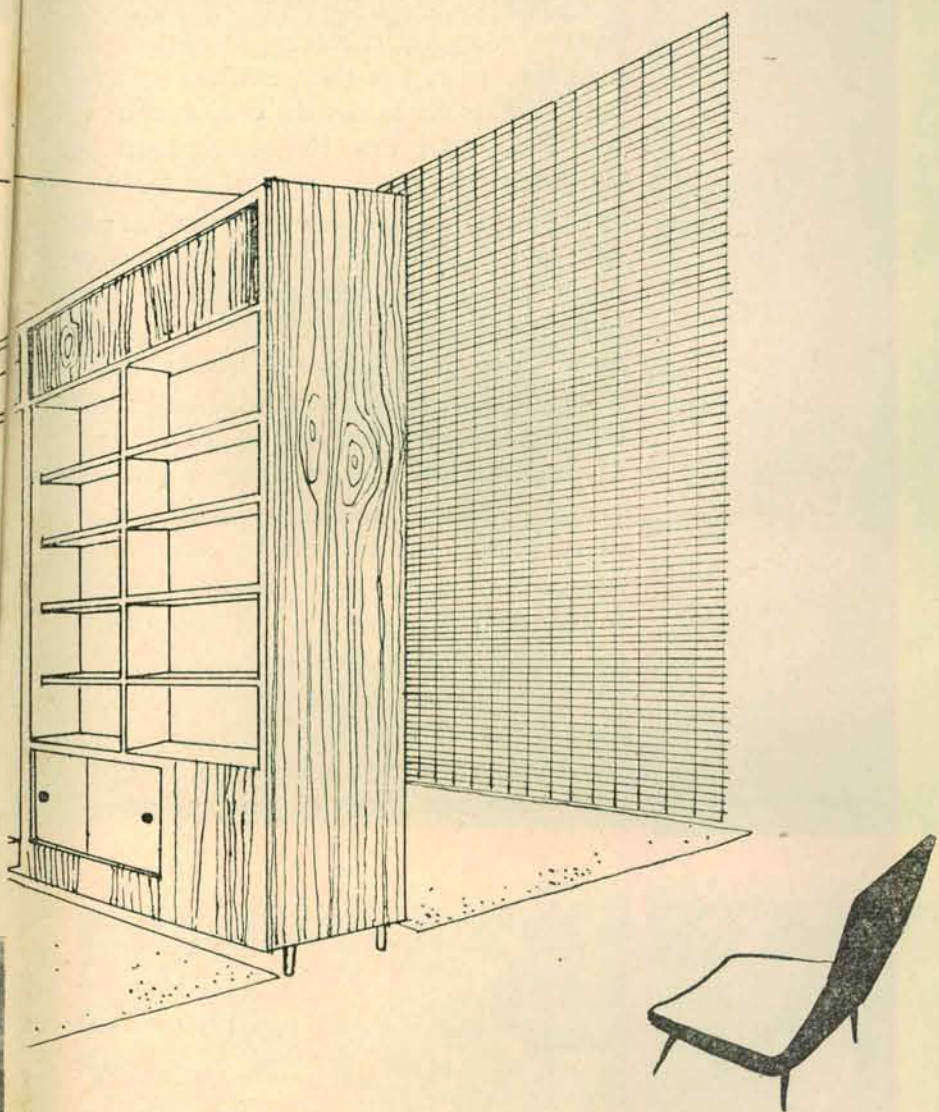
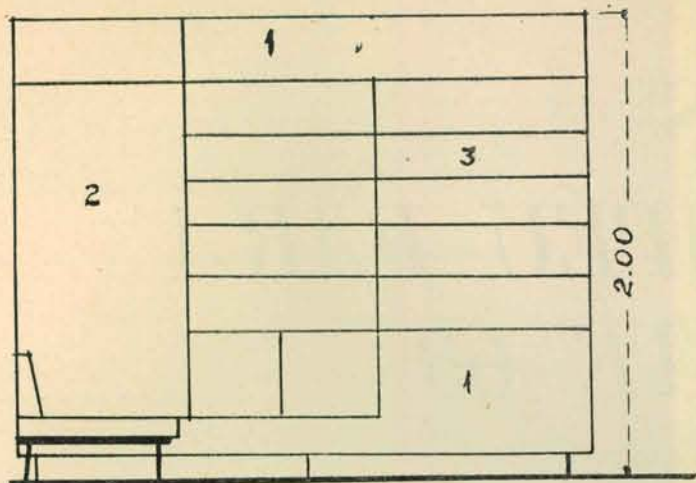
ESPECIFICAÇÃO DE MATERIAIS

1 — JACARANDÁ

2 — VULCOURO BRANCO

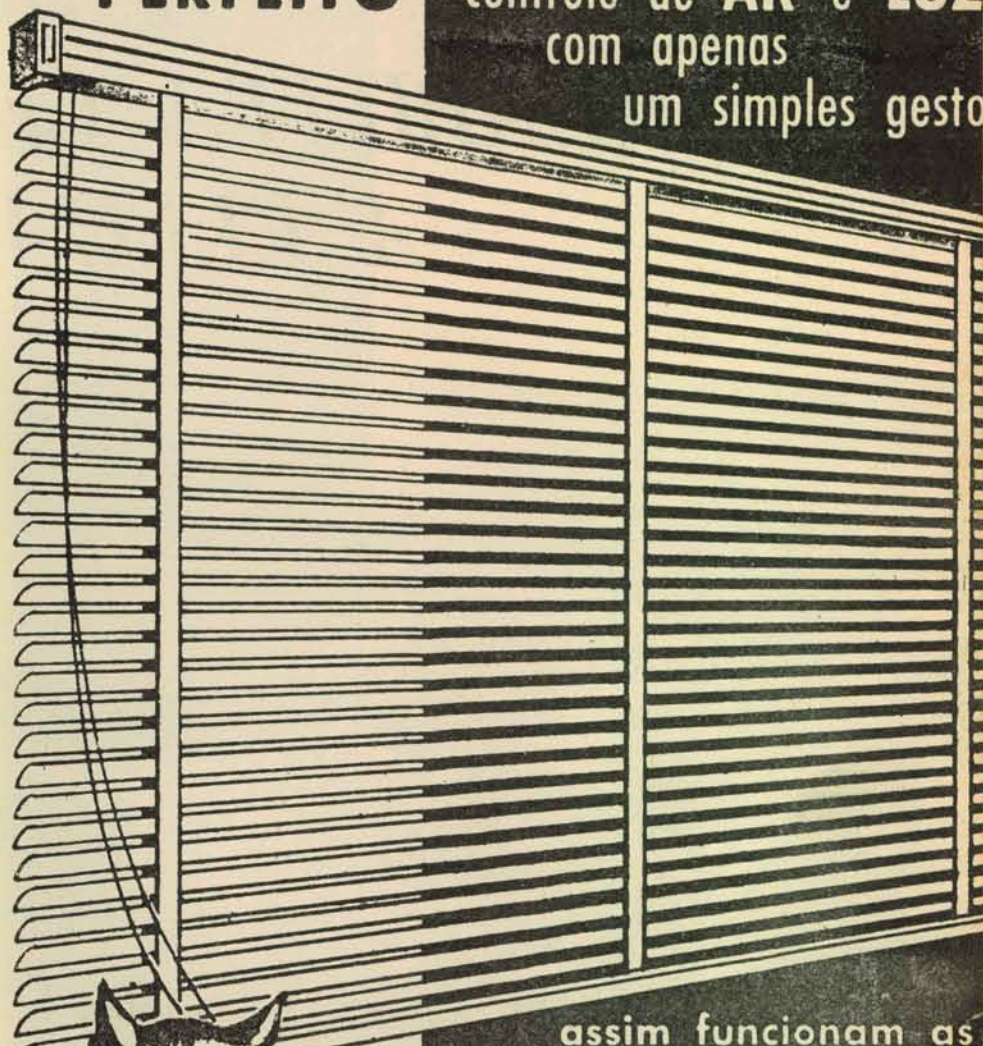


Se você dispõe de espaço em uma área de uns 20 metros quadrados, aproximadamente, eis aqui uma solução simples para seu escritório. A disposição foi tomada a fim de permitir um pequeno descanso. Para isso é preciso que o interior possua boa iluminação. O armário, tendo função para os dois lados, é colocado de forma a permitir que se obtenham dois ambientes. Sua colocação deve ser fixada em tócos de madeiras incrustadas na parede, com pés metálicos parafusados no piso, para permitir boa estabilidade. Nos lados vedados, forrar com vulcouro branco. As peças devem ser folheadas em jacarandá. As prateleiras e fundo em peroba e envernizadas em branco. A mesa em pau marfim, e as caixas das gavetas também folheadas em jacarandá. O «sommier», estufado, é um vulcouro branco e preto. Um tapete de bouclê verde para o lado reservado ao escritório, outro, em vermelho, para a parte de estar. Na janela, uma cortina de madeirit em toda a extensão da parede, pintada em branco fôsko, o teto pintado em cinza fôsko, e as paredes em branco.



PERFEITO

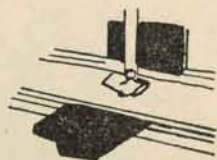
controle de **AR** e **LUZ**
com apenas
um simples gesto



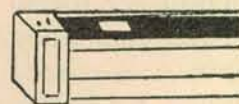
assim funcionam as

PERSIANAS
Kirsch

Pela sua alta qualidade, beleza sóbria das linhas, suavidade das suas cores pastel e perfeito controle de **LUZ E AR** - se impõem em qualquer ambiente e se harmonizam com qualquer decoração.



LÂMINA REMOVÍVEL P/ LIMPEZA
As lâminas, esmaltadas a fogo em lindas cores, são facilmente removíveis para limpeza mediante simples afastamento do fecho e do cordão.



SANEFA EM FORMA DE ESTOJO
Harmoniosa com o ambiente. No seu interior, delicado mecanismo de precisão, inoxidável, de extrema durabilidade.



Vistosa base, construída de aço inoxidável, com triplo reforço interno que impede o seu envergamento mesmo quando for extensa.



home fittings do Brasil s.a

SÃO PAULO

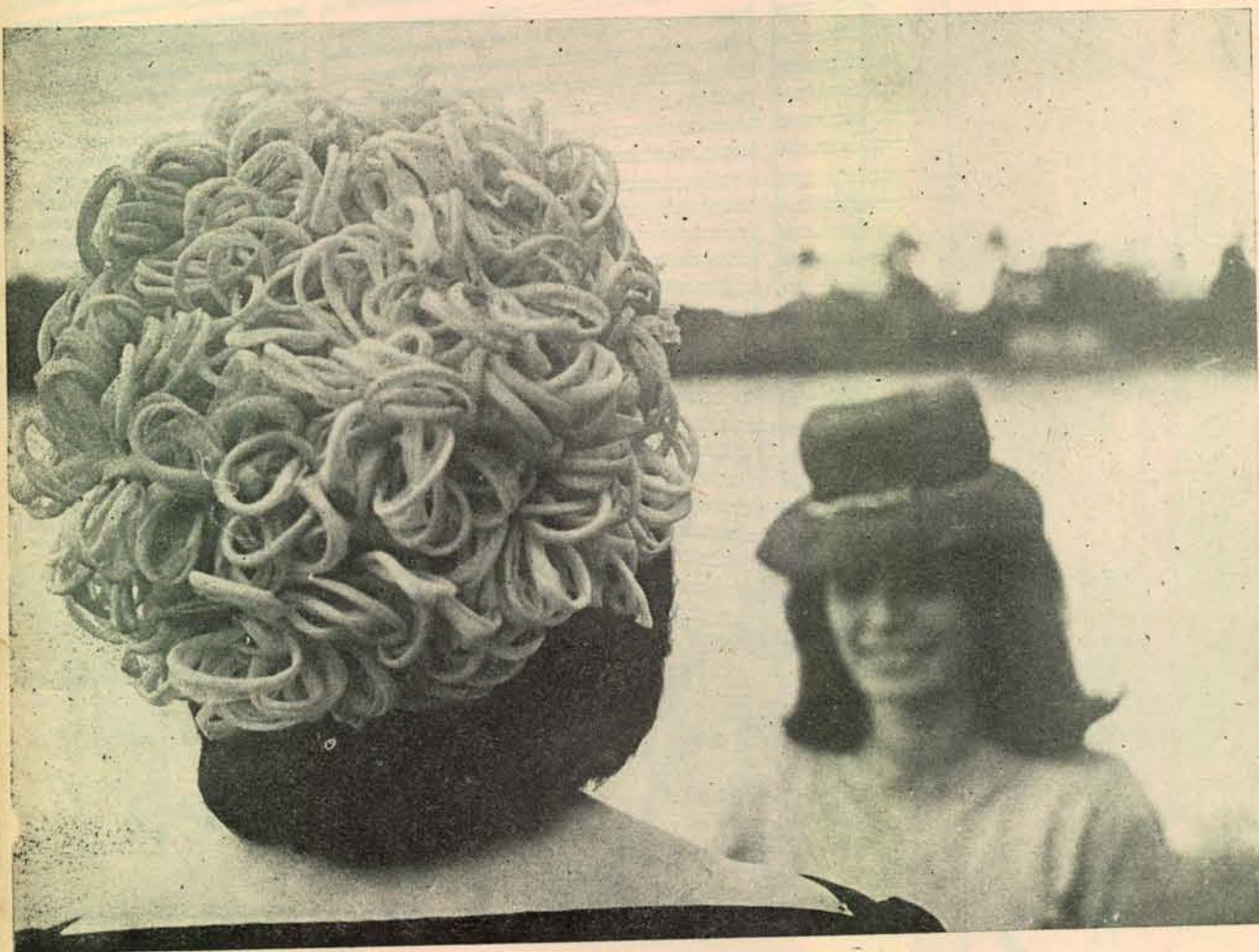
Rua Barão de Itapetininga, 124 - 4º -
Fones: 32-6041 e 35-1496

BELO HORIZONTE

Rua São Paulo, 848 - Loja B
Fone: 2-9092

PARIS

REABILITA CHAPÉU PARA A ELEGANTE - 63

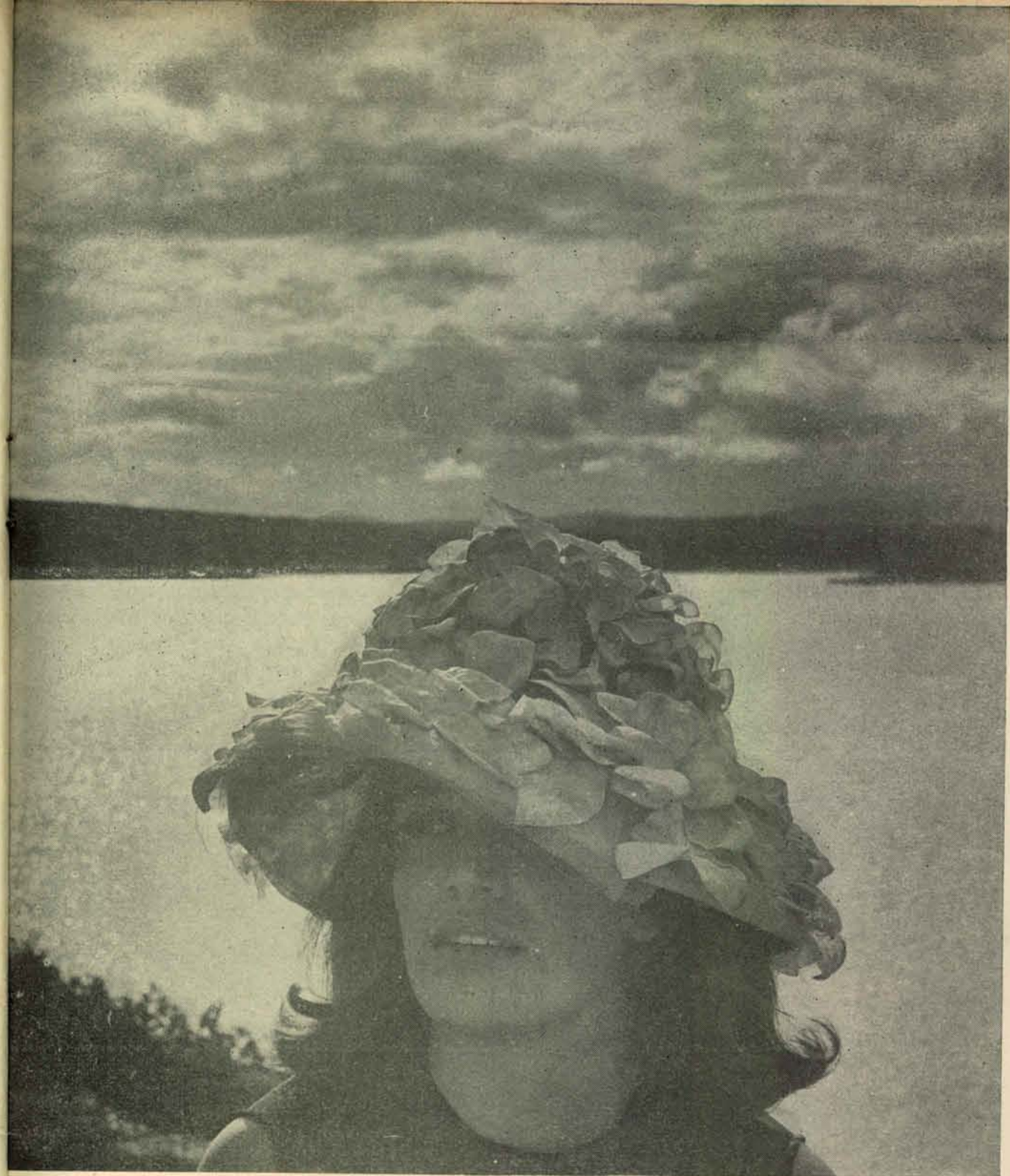


De Paris, os ditadores da moda mandam uma palavra de ordem para as cabeças femininas na temporada de 63: usem chapéus em todo tipo de reuniões e passeios, como casamentos, recepções, praias e piqueniques e durante tôdas as horas do dia, exceto à noite, a partir das 19 horas. Depois de uma temporada pouco brilhante, em que quase não aparecem por culpa dos penteados fofos, duros e armados nas cabeças grandes, que não davam lugar para êles, os chapéus recuperaram o seu prestígio. As novas criações — em flôres estilizadas, ou imitando perucas e toucas, ou ainda nos estilos clássicos dos «cloches» e «capelines» — são o complemento ideal para os penteados de cabelos semi-longos ou curtos que, por sua vez, substituíram os penteados altos. Suas formas são variadas, compondo cada qual um tipo de rosto: os «capeline», de abas largas e abertas, feitos de palha, sômente para as mulheres altas; o «cloche», sem aba, para os narizes gran-

Modelo esporte, apresentado por Nair, em ráfia branca, podendo ser usado desabado, ou com a aba levemente arqueada para baixo, na frente, e o resto para cima, como os chapéus masculinos. O manequim Maria Eugênia exhibe um modelo em crochet de ráfia — o «canotier» azulão para manhãs de sol. As criações são de Carlota.



Reportagem: Júnia Rios Neto.
Fotos: Pepito Carrera



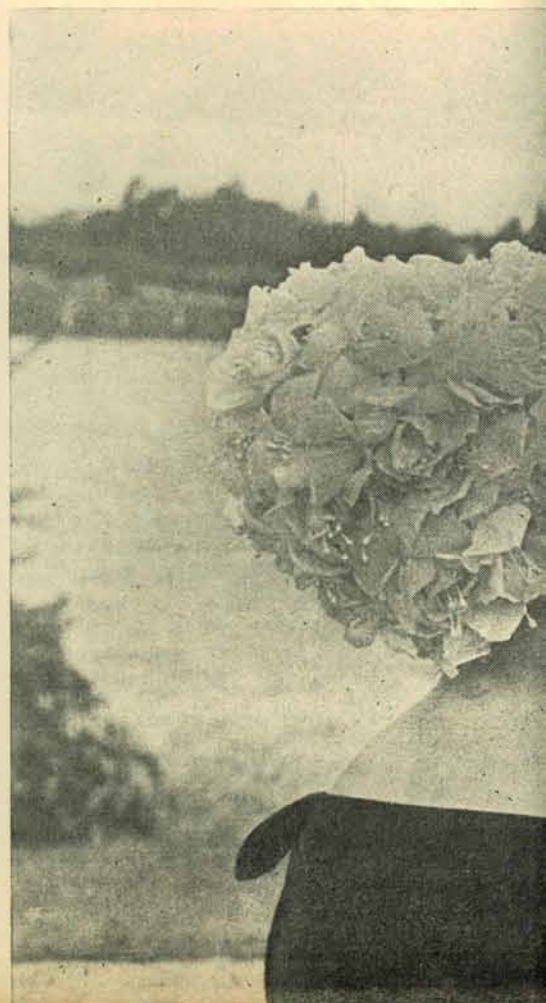
Em palha rosa, êste capeline tem como único detalhe uma rosa dourada, prêsa por uma fita larga. As abas são largas e viradas para baixo. O manequim é Maria Cristina, modelo de Júnia Rios Neto.



Flôres De Maio Inspiram Chapéus De Janeiro



des; e os de tipo peruca, que escondem todo o cabelo, para os rostos delicados, de queixo proeminente. Se no verão passado, a moda quase eliminou os chapéus, trocando-os pelos enfeites, na temporada de 63 os chapéus voltaram em grande estilo, mas ainda guardando discrição: são alegres, sem ser pedantes. A única exceção é para o modelo comprido e afinado na ponta alongada, inspirado nos chapéus da rainha egípcia Nefertite, pois ele tem de enfeite, pistilos que caem soltos como se fossem franjas. A coleção 63 traz como novidade o emprêgo de penas e da rafia na sua confecção, além das flôres e palhas, habitualmente usadas. Quando às cores, devem ser vivas como exigem os dias claros do verão: laranja, azul, rosa, vermelho e amarelo ficam muito bem em quaisquer modelos, sem esquecer o preto e o branco.



Modêlo feito de véus e folhas, usado em cima da cabeça. O outro, apresentado por Letícia, é todo trabalhado em rolotês de organdi, de tons amarelos. Torna o rosto mais feminino. Modelos de Hilda Magon.



«Cloche» em tule e
pétalas de vários tons
de azulão, dando um
ar de mistério à
fisionomia. Modelo
seguinte «canotier»
sem aba, todo
trabalhado em largos
vieses de organdi rosa,
que se arrematam
de um lado com
flôres. Modelo de
Hilda Magon.



Raquel mostra o
modelo surpresa do
verão: é feito de penas
francesas em tom rosa
nacarado, ao lado dos
materiais comumente
empregados.
Modelo de Júnia
Rios Neto.



SECULO VI

VESTE

AS ELEGANTES

Para a temporada de 63, a alta costura feminina dá uma volta ao passado e vai buscar inspiração na moda de 14 séculos atrás: o novo mandamento para as elegantes, vindo de Paris e Roma, é usar vestidos especialmente pintados para cada tipo de beleza. Você mesma, sabendo desenhar ou não, pode pintar seus vestidos, saias e lenços: basta ter cuidado e seguir as regras que Maria Josefina Barcellos e Lia Dickie, as duas maiores especialistas mineiras no assunto, aconselham: — Emilio Pucci, um dos mais famosos nomes da costura italiana, foi quem deu o «basta» à padronização dos tecidos, fabricados e estampados em massa nas fábricas e que igualavam as mulheres. Por muito tempo, desde o século VI, o homem se preocupou em aperfeiçoar a técnica de estamparia: os chineses usavam as plantas, os indianos placas superpostas. No século XIX vieram os rolos impressores, com a industrialização, e os tecidos estampados se tornaram acessíveis a todas as mulheres. — Emilio Pucci, que conhece a insatisfação das elegantes contra a uniformização da mulher, achou o caminho: suas freguesas se vestiriam diferente de todas as elegantes, porque, além dos modelos que criava, passou a pintar os tecidos. O êxito não demorou: Paris seguiu suas idéias e os modelos de Pucci são os de maior êxito no mundo da alta-costura. Os vestidos tubinhos, a última palavra da moda feminina para o verão, retos, secos e lisos, têm como único motivo de enfeite a pintura de Pucci. — A moda, agora, deu um passo adiante: a elegante que quiser vestidos «diferentes» não mais depende de importar tecidos de Roma ou de Paris; para não ter de recorrer aos especialistas brasileiros ou mineiros, como a srta. Maria Josefina Barcellos e a sra. Lia Dickie, pode, ela mesma, pintar os seus vestidos. Nem precisa conhecer desenho, mas apenas ter bom gosto na escolha das cores e seguir este conselho: — Coloque uma mesa ao ar livre. Uma recomendação: pinte só ao ar livre, pois a tinta que deve usar, Imprimex, é forte e pode ser tóxica se o trabalho se desenvolver em ambiente fechado. Depois, forre a mesa com mata-borrão e só comece a pintar após prender o tecido nas bordas, para não enrugar. Use a tinta diluída em emulsão na percentagem de meio a meio. Para as pinturas que tenham forma, pincéis de todos os tamanhos, tipos e grossuras; para as pinturas sem formas definidas qualquer material, que substitua os pincéis. — Maria Josefina Barcellos foi quem trouxe para Belo Horizonte, juntamente, com Lia Dickie, a moda de decorar vestidos. Prefere a pintura abstrata e as cores vivas, aplicadas com suavidade. Faz assim por projeção de sua personalidade, cujos traços predominantes são a doçura e a feminilidade. Nos instrumentos, entretanto, prefere ser revolucionária e pinta com qualquer objeto que tiver à mão: buchas de espuma, escovas, estopas e até o dedo. — Os estampados de Lia Dickie são alegres mesmo quando usa cores escuras. Ela aconselha as cores vivas, principalmente o amarelo, laranja e vermelho fortes, usados juntamente, lembrando o colorido atormentado de Van Gogh. Sugere também o emprêgo apenas de pincéis, além de dois detalhes importantes: quando for pintar o tecido, conheça primeiro a pessoa que vai usá-lo, e se for vestido de noite, faça a pintura à noite. Assim, diz ela, os tons não mudarão, pois só serão usados sob luz artificial.





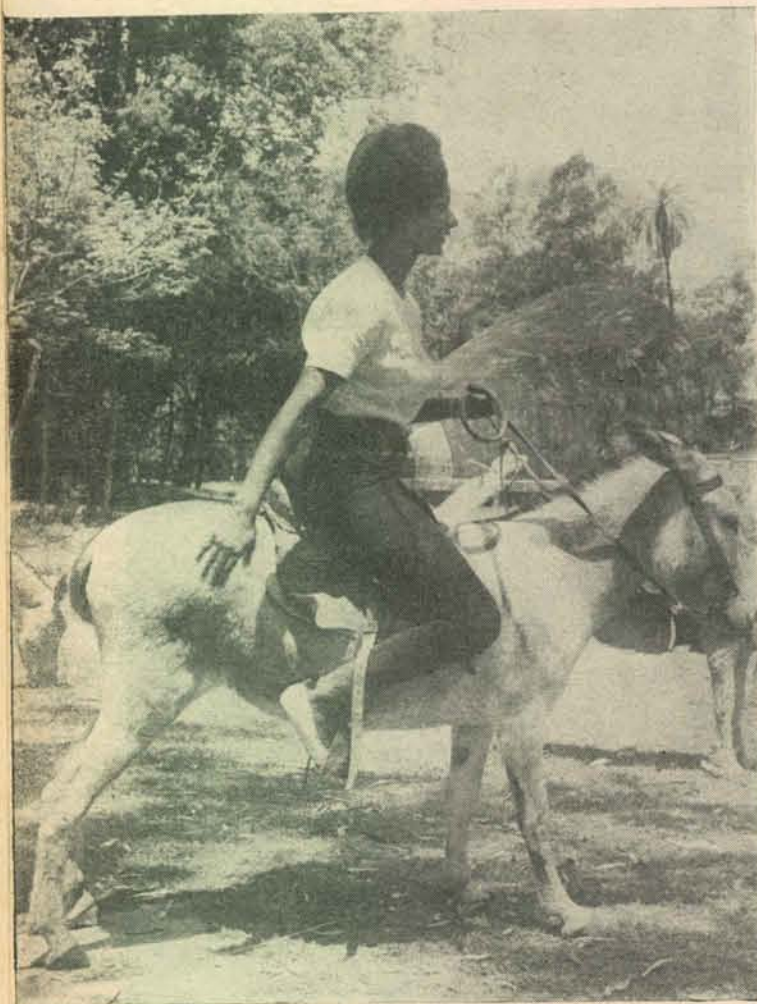
A nova moda de
pintar os próprios
vestidos se estende
aos lenços para
cabeça. O outro
modelo: tecido branco
com flôres em tom
claro na parte da
frente até a altura do
ombro esquerdo.



Os dois modelos
foram pintados
especialmente
por Josefina
Barcellos e Lia
Dickie: o
primeiro, em
flôres em tons
fortes e fracos; e
o segundo, em
listras negras.

LUISA, A

Luisa gosta de realizar os sonhos impossíveis na infância: colecionar bichinhos de pelúcia e montar num burro, como boa gaúcha.



Luisa Maranhão, a mulata gaúcha, filha de operários, que aos 25 anos viu a fama lhe sorrir ao tornar-se a mulher de Tião Medonho, no "Assalto ao Trem pagador", antes mesmo de ouvir o último aplauso a seu nome nos cinemas brasileiros, dá mais um passo no caminho da glória: ela ganhou o título de Sofia Loren brasileira. No físico, para os que conhecem as duas, Luisa é a irmã gêmea de Sofia. No cinema, têm o mesmo gosto pelos papéis dramáticos, pois, Luisa, como Sofia, só é grande quando triste. E enquanto Sofia está sendo apontada como Gabriela, Luisa será, a partir deste mês, Rosenda Rosedá no filme "Jubiabá", ambas filhas do mesmo pai, o romancista Jorge Amado. Mas, apesar, da fama que lhe chega no cinema, a Luisa, que ama intensamente nos seus filmes, continua um coração vazio à espera do amor.

NOSSA SOFLA



AS 5 FACES DA IRMÃ DE GABRIELA, CRAVO E CANELA



Em agosto de 1960, Luisa Maranhão desembarca em Salvador para uma temporada no rádio e tevê. Há três anos que tenta a sorte no rádio e há pouco fôra obrigada a mudar o nome artístico de Leila Silva para Luisa Maranhão, porque uma outra cantora, usando o mesmo nome, lhe fazia concorrência no rádio paulista. Numa das apresentações, enquanto cantava o seu samba-canção favorito, «A Felicidade», de Vinícius de Moraes e Tom Jobim para uma platéia de 300 pessoas, um rapaz a observava do fundo do auditório. Era, talvez, a única pessoa que não prestava atenção à música, mas, em compensação, não perdia um movimento da cantora: reparava no seu corpo bem feito de 60 quilos e 1,72 metros de altura, os seus gestos, olhares e palavras, com olhos de namorado que parece ter encontrado o primeiro amor.

Luisa arrumou as malas de volta ao Rio, mas demorou pouco: em menos de 30 dias, voava de novo para Salvador. Desta vez, no entanto tinha trocado o cenário boêmio do rádio e boates pelas praias cheias de coqueiros de Salvador. Os vestidos brilhantes e decotados, por outros, rasgados. E os saltos altos pelos pés descalços que afundavam na areia quente. Agora, em vez de cantar, falava, chorava e sofria. E, a cada momento, um punhado de homens e mãquias caminhavam para o seu lado ou um

rapaz a interrompia, mandando repetir gestos. Era sua estréia no cinema. O rapaz que dava ordens era o mesmo que a observara no auditório, o crítico de cinema baiano Glauber Rocha, que também se iniciava como diretor, fazendo o seu primeiro filme sério. Meses depois de concluído, Luisa deixava de ser cantora de sucessos alheios, para obter sua consagração no cinema: da Europa chegou a notícia de que «Barravento» ganhara um dos prêmios do Festival de Cinema da Tchecoslováquia.

Fêz, logo depois, mais dois filmes: «A Grande Feira» e «Assalto ao Trem Pagador», dirigido por Roberto Farias, que a consagraram definitivamente. Mas não foi a voz quente, parecida com a de Elizete Cardoso, que lhe deu fama. Como Sophia Loren, Luisa só é grande quando faz filmes dramáticos. Filha de mineiros, quando menina, no Rio Grande do Sul, tinha uma vida difícil com seus pais Domingos Idalino e dona Patrícia Gomes da Silva. Talvez, por isso, se sente à vontade nos papéis que interpreta. Em todos os seus filmes, é mulher de amores infelizes que se vê levada a escolher entre duas alternativas: renunciá-los ou mantê-los vivos, prejudicando os seus companheiros de destino, que dependiam de um ato de coragem seu para se salvarem da desgraça próxima.

Foi assim o amor de Cota, mulher revoltada contra a situação de miséria dos pescadores de sua aldeia, em «Barravento». A população da aldeia, inclusive seu pai, vivia da pesca, feita por meios primitivos e prejudicada pela crença em Iemanjá. Para conservar as boas graças da deusa, os pescadores levavam ao mar Aruã. Se ele não podia ir, não havia pescaria. Se perdesse a virgindade, os pescadores cairiam na desgraça. Cota amava um pescador, mas um dia a sua inquietação pelo bem estar da aldeia foi mais forte e decidiu sacrificar-se para salvar o seu povo: seduziu Aruã e destruiu o mito, mas depois correu para o mar e afogou nas ondas o desespero de também não ser mais virgem.

Em «A Grande Feira», o segundo filme de Luisa dirigido por Roberto Pires, Cota se transformou em Maria, a dona de uma barraca na Feira de Água dos Meninos, do Porto da Lenha, e «amante de fé» do ladrão Chico Diabo. O filme focalizou um problema real: o drama de dez mil feirantes, ameaçados de serem transferidos para um ponto distante, pelo perigo de explosão dos tanques de gasolina da Esso, perto da Feira. Quando Chico Diabo, simbolizando a revolta dos feirantes, resolve incendiar o depósito da Esso, Maria corre atrás dele e toma-lhe a bomba, mas não evita a desgraça: todos se salvam, menos ela.



A Luisa verdadeira
 não é menos infeliz no
 amor do que a Luisa do
 cinema, que só viveu romances
 tristes: ainda não sabe o que
 é amar de verdade.



No «Assalto ao Trem Pagador», que a tornou conhecida do grande público e lhe rendeu Cr\$ 230 mil, é Zulmira, a mulher preferida de Tião Medonho. Sua paixão pelo bandido, como nos outros filmes, vai até a morte, mas não chega a esse ponto por uma diferença: enquanto em «Barravento» e «A Grande Freira», Luisa toma a iniciativa de sacrificar o seu amor pelo amor ao próximo, no «Assalto» vive uma paixão resignada. «Zulmira ama Tião Medonho no silêncio, intranquã quando ele demora a voltar para casa, sorrindo quando o vê presentear os filhos com os milhões do roubo, chorando ao visitá-lo no hospital prêso e ferido à espera da morte, e desprezando a humanidade, ao dar as costas aos carros que passam levantando poeira, na cena final, quando Tião já morreu.

A quarta face de Luisa é a Luisa sem amor da vida real: um coração à procura do príncipe, que, enquanto espera, se entretém lendo Jorge Amado e Êrico Veríssimo, vendo os quadros de seus amigos Di Cavalcanti e Djanira, ou fazendo confidências aos bichinhos de pelúcia que coleciona num quarto isolado de seu apartamento em Copacabana. Também aqui o seu amor é maior do que o amor o que só pensa em si: Luisa ama o cinema nôvo, que vê crescer, ganhar prêmios em Cannes, mas que ainda é uma criança que não sabe caminhar. «O cinema

nôvo é coisa séria, adulta, reação contra a chanchada. Precisa apenas de ajuda oficial para que possa concorrer no mercado internacional», costuma dizer, num tom de voz em que se percebe também o medo de ver o cinema brasileiro voltar a fazer chanchadas. Se isto acontecesse seria como se Luisa perdesse um pedaço de sua vida: quando foi lançado o «Assalto ao Trem Pagador» ela estava em Recife, cantando em rádio e tevê. Cinco semanas depois, ao vê-lo, ficou tão emocionada que chorou nos braços da mãe num dos cinemas do Rio.

Antes de embarcar para a Itália, em junho, onde já tem contrato garantido para um filme, Luisa viverá, na Bahia, o seu quarto amor infeliz. Ela será a Rosenda Rosedá, personagem do romance «Jubiabá», de Jorge Amado e portanto filha do mesmo criador de «Gabriela». Leu «Jubiabá» várias vezes e já conhece bem Rosenda, a bailarina do «Gran Circo Internacional»: mulata sensual, que sonhava ser artista do Teatro Municipal, do Rio, por promessa de um amigo de seu pai que era porteiro lá, mas que acaba vagando solitária, pelo interior baiano, com o Circo. Até que encontra Balduino, ex-moleque do Morro do Capa Negra, chefe de quadrilha e malandro, em Salvador, trabalhador e assassino das plantações de fumo de São Félix e, finalmente, lutador do Cir-

co, que sonhava ter, depois da morte, o ABC de sua vida vendido nas feiras de Salvador.

Em «Barravento» e «A Grande Feira» Luisa morre, no «Assalto ao Trem Pagador» assiste Tião morrer, em «Jubiabá» é abandonada. Porque o amor do negro Baldo pela mulata Rosedá não podia durar. Na vida de Baldo havia um amor impossível que não o deixava dormir: a branca Lindinalva, filha de Comendador, em cujo palacete morou de favor, na infância. Além disso, em 26 anos, Baldo conhecera o mundo, a estrada do mar, e ouvira do Pai Jubiabá, nos terreiros do candomblé, os segredos da vida e da morte. Baldo construía seu ABC, mas Rosenda não entendia nada disso: só queria é usar colar nôvo e dançar no «Liberdade na Bahia». No dia em que Baldo viu Lindalva morrer, dando-lhe o filho para criar, no seu coração não houve mais lugar para Rosenda. Mandou-a embora e foi fazer greve com os operários do Cais do Porto: no lugar do malandro Baldo passara a habitar o operário Baldo. Numa noite de São João, Rosenda ficou de nôvo de coração vazio como Luisa Maranhão. Mas Rosenda não tinha destino e Luisa sabe para onde vai, porque, além do amor, tem um sonho desde que viu «Morangos Silvestres»: fazer um filme sob a direção do diretor sueco Ingmar Bergman.

O.G.

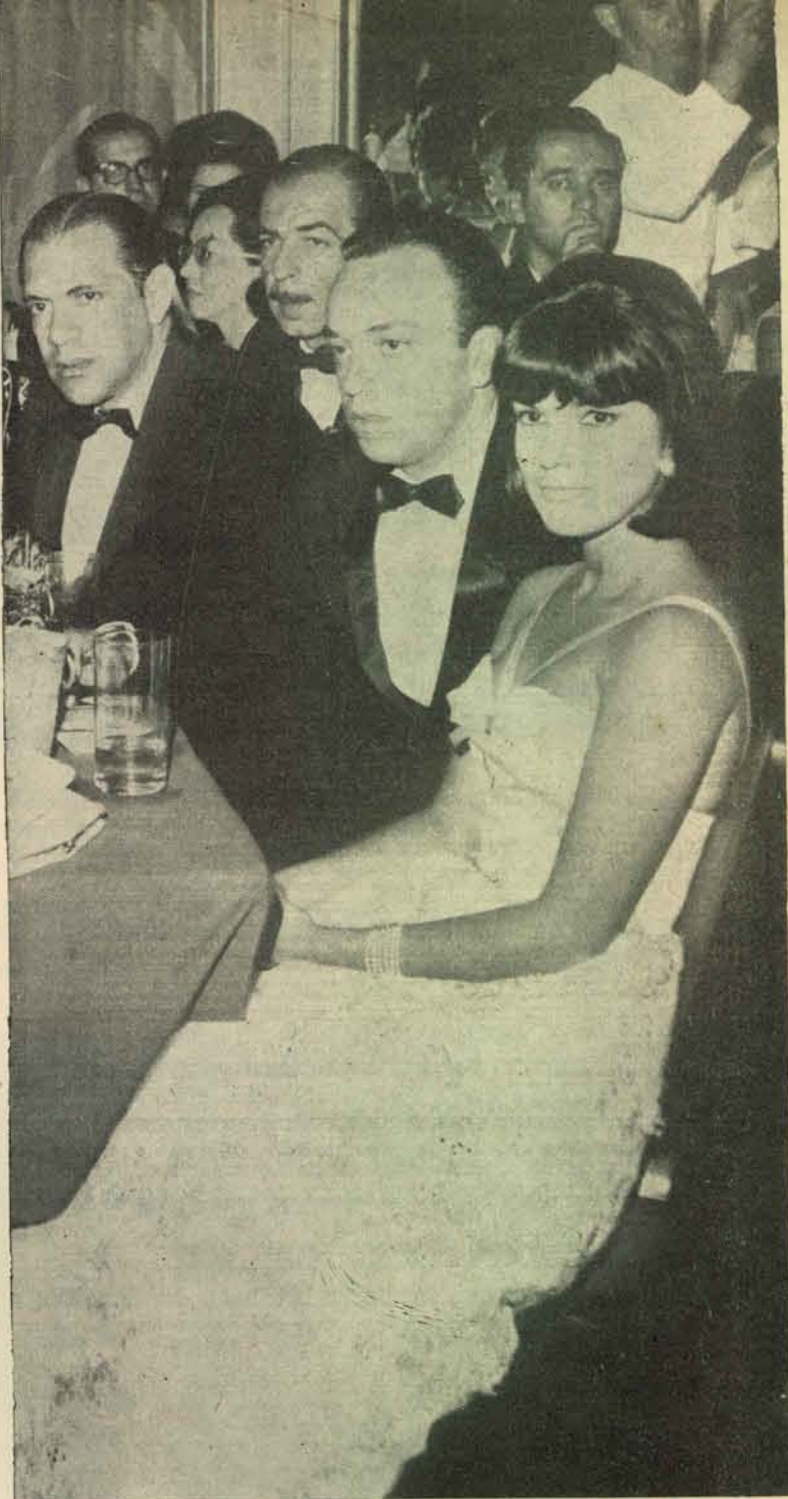
Society, Distração Sem Cifrão



Chamando a atenção
de um cavalheiro,
que olha atrás
da cortina, a Sra.
Jane Pimenta Soares,
uma das figuras
elegantes
da sociedade
belorizontina,
revela-se uma grande
cantora de música
popular. Já Ronaldo
Botelho, de calças
arregaçadas, foi
uma espécie
de Ronald Golias:
fêz rir.



Dar um drible à Garrincha na inflação para, assim, conseguir divertir-se sem gastar muito, eis a fórmula mágica descoberta pelo café society de Belo Horizonte através de uma de suas mais conhecidas figuras, Maria Aparecida Inecco. Sua idéia: em vez de pagar Cr\$ 100 mil por uma apresentação de João Gilberto, Juca Chaves ou Elizete Cardoso, organizar shows em que os artistas são pessoas famosas da sociedade, mostrando um talento só revelado até então para consumo próprio. O primeiro da série desses «shows» teve como palco a boite Príncipe de Gales, do Automóvel Clube, há poucos dias: de 11 horas da noite às 2 da madrugada a sociedade belorizontina, que fez as mesas compradas renderem Cr\$ 300 mil para o «Instituto Borges da Costa», de combate ao câncer, riu com as piadas de Ronaldo Botelho, uma espécie de Ronald Golias e aplaudiu, como não fizera nem a Maysa, à Sra. Gentile, que cantou músicas espanholas. O «showçaite», como foi batizado, mostrou ainda outros artistas-bem, como o casal Walter e Eda Bruneta: enquanto ela cantava fados, ele a acompanhava ao violão. A elegante Jane Pimenta Soares, uma das mais citadas senhoras do society, surpreendeu aos que a conheciam apenas por suas recepções ou presença em acontecimentos sociais, como dona de uma bela voz: ela cantou o rancho «Pedro das Flores» com a mesma classe de Rosana ou Elizete.



Um jovem par se diverte num dos shows do café society: o banqueiro Marcos Magalhães Pinto e a Srta. Eliane Pitanguy. Na mesma mesa aparece o incorporador Alair Couto. O twist, dançado por Sandra Borges, fez sucesso.



Enquanto a Srta. Eliane Bonetti mostra-se uma boa pianista e Edson Coutinho um bom bateirista, a elegante Clades Ferreira Pinto, ao lado do marido, Nelson Ferreira Pinto se distrai com os «artistas-bem».



O cronista social Mário Fontana, que se parece com Yves Montand, fez sucesso cantando em francês. Já a Sra.

Yêda Bernis, vestida de japonesa, cantou trechos de Madame Butterfly. O twist é defendido pelo cronista

José Maurício, e pela jovem geração: José Vinícius Medrado, Sandra Borges, Maria Clara Luciano e Paulo Gualberto Ribeiro.





A Sra. Elza Gentile, vestida como espanhola, encheu a noite da bela música de Espanha: foi das mais aplaudidas.

Geografia Musical *Foi* *Da França À Espanha*



O cronista social Mário Fontana surgiu, diante dos que sonham ver Yves Montand, como um consôlo: parecendo-se fisicamente com o cantor francês, Fontana foi muito aplaudido quando cantou «Que reste-il de mon amour». Mostrou a sua outra face e foi obrigado a cantar mais dois números, só que os fez em alemão e italiano. Enquanto o cronista Eduardo Courry fez as vezes de apresentador, com a mesma tranqüilidade mas com muito mais classe do que César de Alencar, João Maurício Vidal Gomes, que também faz crônica de sociedade, dançou «twist» e «chá-chá-chá» com a Srta. Sandra Borges da Costa.

Uma homenagem à colônia japonesa foi prestada pela Sra. Yêda Bernis, esposa do Sr. Ney Otaviani Bernis, diretor da Usiminas: vestida como seu número exigia, ela cantou uma ária de Madame Butterfly. Os comentários: — «É outra grande artista desconhecida». Enquanto Bernadete Gomes, ex-aluna de João Gilberto, mostrou a bossa-nova, sob os olhos admirados das Sras. Zilda Couto e Baby Maletta (foto acima, aparecendo ao lado o Sr. Francisco Longo) as alunas de Klauss Viana apresentaram o charleston e Eliane Bonete ao piano, Paulo Horta no contra-baixo e Elson Coutinho na Bateria, lembraram músicas de «belle-époque». À entrada do Automóvel Clube havia três senhoras: Zilda Couto, que entregava aos que chegavam o programa da festa, Lígia Borges da Costa, que recebia o pagamento e Clêa Dalva de Faria, que dava a cada um o botão de rosas. O sucesso do primeiro «showcaite» foi tão grande que a sociedade de Belo Horizonte promete repetir, para tristeza de João Gilberto, Elizete, etc., outras festas assim, com artistas da casa.





Bola De Cristal Inquieta 63 A Arte De Ser Astrólogo



Por causa de uma bola de cristal, Grace Kelly deve se sentir mais feliz do que nunca ao lado de seu Príncipe Encantado Rainier; o jogador Nilton Santos que teme a Deus nas alturas e um avião, mesmo sem levantar vôo, há de estar preocupado; Brigitte e todas as estrêlas louras da França, andando, por certo, buscando amparar-se no amor; Ted Kennedy, o irmão mais novo do Presidente e que, como rico, já ri à toa, não tem mais sorrisos para distribuir a seus tranqüilos eleitores. Essas são algumas das personagens escolhidas pelos astrólogos para, de forma direta ou indireta, viverem tragédias e alegrias, que vão desde a morte de uma estrêla loura francesa até o desaparecimento de um grande time de futebol brasileiro, podendo ser o Santos ou o Botafogo. E' válido ou não acreditar nos homens das bolas de cristal? Talvez sim, porque muito do que eles estão prevendo qualquer um poderá prever, sem auxílio de nenhuma força oculta, desde que descubra os cinco segredos do bom astrólogo. Vire a página, leia com atenção e... feliz previsões para 63.



Charles Chaplin, o jovial Carlitos que ainda agüenta nadar, apesar dos cabelos brancos e Sir Winston Churchill, com mais de 80 anos, são alvos das previsões dos astrólogos: poderão se transformar apenas em saudades em 1963.

Kruschov terá tempo
para brincar
com o neto, mas
os stalinistas
lhe farão muitas
críticas. Mao Tsé
Tung também
lhe dará trabalho.

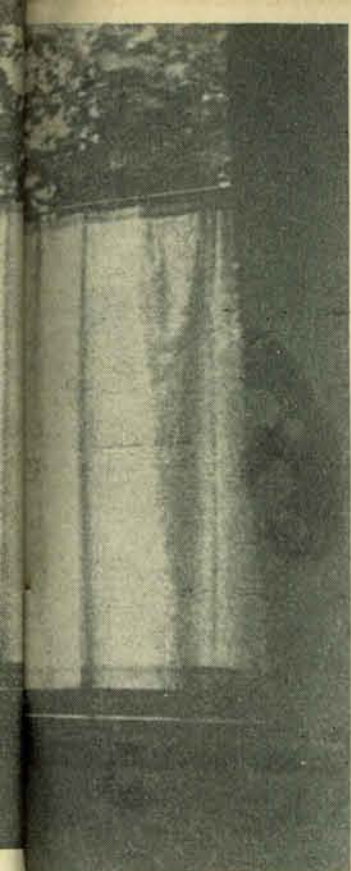


Martine Carol está na
lista da morte: os
astrólogos anunciam
que uma estrêla
loura francesa terá
«dramático fim» e pode
inquietar tanto à
intérprete de «Os
Amores de Carolina»
como Brigitte Bardot,
Michèle Morgan ou
Mylène Demongeot.

Conhecer psicologia, quase tanto quanto um psiquiatra, é um segredo dos mais importantes, para os que ganham fama anunciando tragédias e sorrisos: a bola de cristal será apenas para inglês ver, como o faz, aliás, o famoso astrólogo britânico Hamilton-Raleigh, cujas previsões para 63 ganharam as páginas da imprensa mundial. Ao prever para Ted Kennedy, o irmão mais novo do Presidente dos E.U.A., que acaba de ser eleito senador, o lugar de «grande revelação do ano» como político, o Prof. Hamilton não faz nada além de uma análise psicológica. Ora, Ted Kennedy, que é culto e inteligente, precisa afirmar-se, por duas razões: 1 — Foi acusado de eleger-se apenas por ser um Kennedy; 2 — Seu mandato é só de dois anos e, se ficar apagado, não conseguirá o bis que pretende. Por isso Ted sabe que seu desejo de afirmação só será alcançado com uma excelente atuação. E quando o francês Pierre Thibaud, outro astrólogo de fama mundial, anuncia decepções e novos fracassos amorosos para Soraya, a «Princesa Triste», enquanto diz que Farah Diba conquistará grande simpatia entre o povo do Irã, nada mais está fazendo do que um estudo psicológico. A explicação: amando o Xainxá do Irã, que a deixou, apesar de amá-la, só porque não lhe deu um filho, Soraya tenta desesperadamente esquecê-lo. Mas suas reações — bebida e mudança brusca de amores — é de quem não sabe, nem quer amar outro: com seus romances ela não visa nada além de vingança. Sempre fracassará. Já Farah Diba, que é também bela, simpática e que sabe não ser a primeira no coração do mesmo Xainxá, se compensará buscando agradar o povo do Irã.

Estar tão bem informado como um grande repórter, eis outra condição para o bom astrólogo. O Prof. Hamilton Raleigh ainda é exemplo: ele afirma que um desastre de avião matará famoso time brasileiro (o que ninguém pode dizer se ocorrerá ou não). Sabe o Prof. Hamilton que: 1 — O Brasil é bi-campeão mundial de futebol; 2 — Por isso, seus times, sobretudo Santos e Botafogo, são os que mais fazem viagens aéreas no mundo; 3 — E' no Brasil que têm ocorrido — e os jornais de todos os Países revelam isso — alguns dos maiores desastres aéreos. Conclusão: o Prof. Hamilton faz o que se chama «jogar no bicho». Pode e não pode dar certo. Pela boa informação é que o Prof. Hamilton Raleigh coloca, pela segunda vez, o Brasil em lista de suas tragédias: ele prevê calma no Sul e no Centro e «agitações no Nordeste». E' fácil explicar: sem se industrializar e vivendo sob o mais atrasado regime agrário, que fez nascer as Ligas Camponesas, o Nordeste poderá marcar a primeira explicação num País — sabe o Prof. Hamilton — subdesenvolvido de uma América Latina disposta a não ser «prima pobre» de mais ninguém. Por estar a par dos acontecimentos — é bom para todo astrólogo seguir os passos das pessoas famosas — Pierre Thibaud pode revelar, com possibilidades de êxito, que a Rainha Fabiola, da Bélgica, conseguirá um filho. Todos sabem que os maiores médi-





As duas faces da vida: felicidade para Farah Diba e o Xá do Irã, tristezas para Soraya, a que perdeu o amor e não sabe amar a outro.

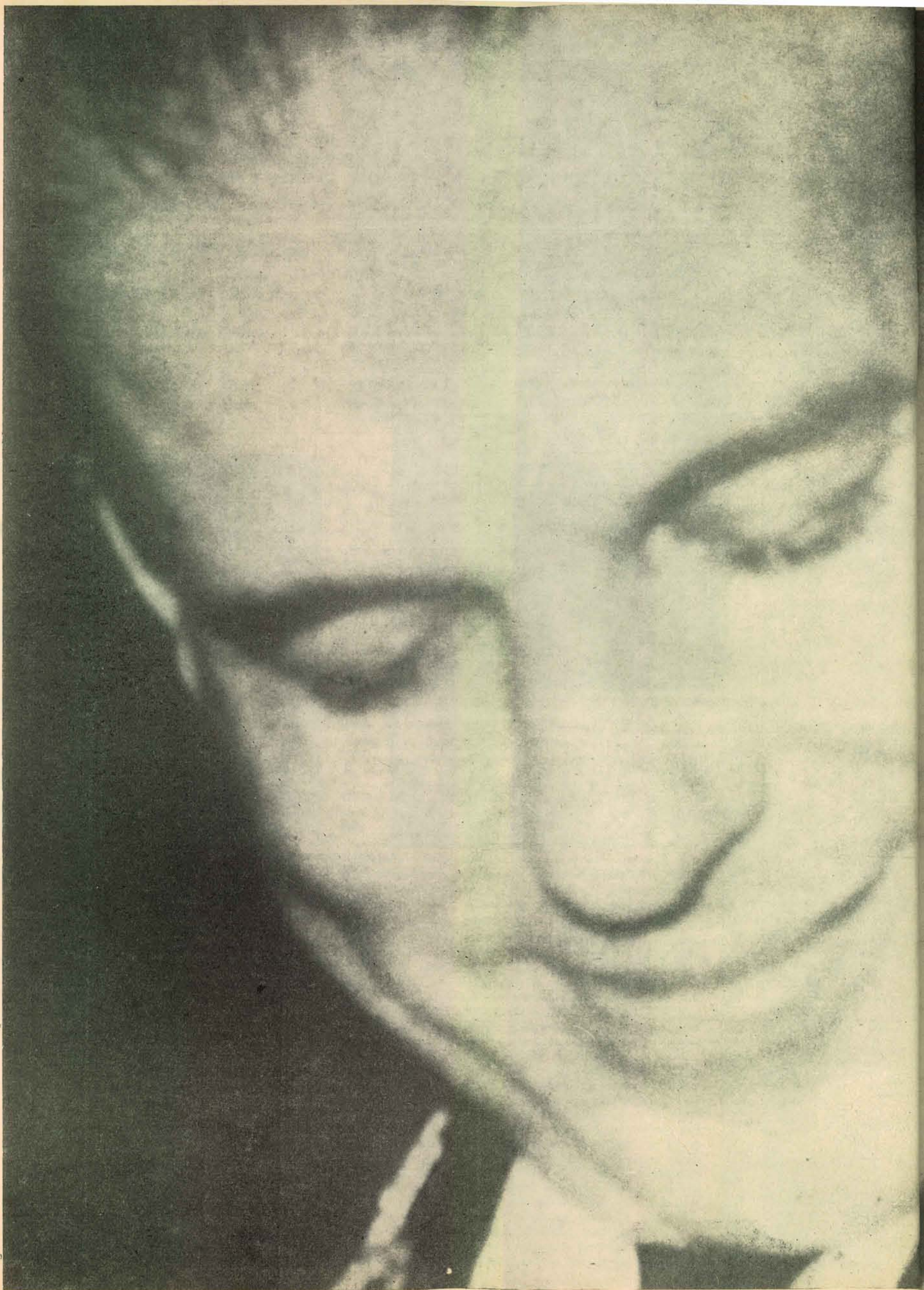
Cinco Segredos Para Fazer Previsões Certas

cos do mundo cuidam de torná-la mãe. Mais: Fabiola está disposta a deixar a vida por um herdeiro.

Aliando matreirice à boa informação, os astrólogos — e aqui volta Hamilton Raleigh, o maior de todos — enxergam na bola de cristal coisas assim: — «Um estadista de fama mundial morrerá em 63». A bola de cristal não diz qual dêle, mas os velhos são além de Churchill, Adenauer, De Gaulle e Nehru. Em particular Adenauer. E' bem possível que um dêles desapareça: De Gaulle, em 62, sofreu vários atentados. Nessa mesma linha, os astrólogos podem dizer: um gênio do cinema morrerá em 63. E' possível: Chaplin, o grande Carlitos, está com 73 anos, idade em que a vida vale menos. Pura esperteza é a afirmação de que «uma estrela francesa, loura, desaparecerá». Isso não é de todo impossível porque há muitas artistas louras, como Brigitte, Martine Carol, Mylène Demongeot, etc.. Uma que desapareça — e eis a previsão confirmada. O próprio Papa João XXIII é envolvido pelos astrólogos, que garantem: — «O Vaticano terá um novo Papa, que não será italiano». João XXIII está muito mal e, na Igreja de todos os Países, há um sonho secreto, mas que não pode ficar despercebido: fazer um Papa não italiano. O Cardeal de barbas longas que o Prof. Hamilton aponta como o futuro Papa não é outro senão Agagianian, ex-Patriarca dos Armenos.

Desvendar os segredos da política internacional e, naturalmente, identificar os fatores que levam seus personagens a agir, é outra coisa que o bom astrólogo precisa saber. Todos eles asseguram que 63 não será, ainda, o ano da 3a. Guerra Mundial. Mas um repórter internacional que saiba interpretar os fatos pode afirmar o mesmo, porque, após a crise de Cuba, há um alívio das tensões. Ainda: a guerra atômica não é bom negócio nem para a URSS, nem para os E.U.A., porque não fará vencedores. Sabe-se, também, que a economia soviética e americana não lucrará nada com uma guerra atômica. Mas uma e outra podem vender armamentos para uma pequena guerra como no Laos, na Índia e China, etc.. Hamilton Raleigh garante ainda o que o analista da situação internacional pode dizer também: Kruschov sofrerá críticas no P.C. soviético, mas vencerá a situação. Naturalmente que, decidindo prosseguir na luta anti-stalinista, Kruschov terá pequenos choques com antigos stalinistas, mas levará a melhor porque: 1 — O povo russo o apóia; 2 — A maioria do P.C., ídem.

Outras «previsões» espalhadas pelos astrólogos contam que Peron poderá voltar ao poder na Argentina. Pode-se ir além: assim como é possível a volta de Peron numa Argentina afogada numa crise econômica, social e política, é possível também que ali surja uma segunda Cuba. Todas as tragédias ficariam bem à Argentina, dominada por um bando de militares que enxergam pouco. Outras coisas que se podem garantir: — 1 — O Santos será tetra-campeão em São Paulo; 2 — O Botafogo tri.





E AGORA JOÃO?

Este homem, cujo coração aos 42 anos, já não bate tão depressa como ele marcha na política, chega em 63 com maior responsabilidade que um Presidente da República já enfrentou no Brasil: por sua causa o país parou 365 dias e 15 milhões de eleitores foram chamados a dizer se o queriam ou não governando sozinho. Diante dele o destino lança, agora, um desafio: fazer nos próximos três anos as reformas de base, baixar o custo de vida e acabar com a inflação, o que quatro ex-presidentes tentaram sem êxito durante 17 anos. Mas, para conseguir isto, seu coração, que já quiz parar no México, quando voltava da visita a Kennedy, terá de resistir, dessa vez, a pressões mais fortes: cada erro que cometer tornará mais difícil o caminho porque, agora, é o único responsável pela vida de 75 milhões de brasileiros.

Goulart

Viverá Drama

Como

Vargas e Jânio

Quando João Vicente, de 5 anos, souber através da professora no «jardim da Infância», que seu pai é Presidente da República de verdade, o Sr. João Goulart estará vivendo, atrás de seu sorriso tranqüilo, as primeiras horas de um drama que vai durar três anos. Desde o dia 6 de janeiro, por causa desse drama, sua vida modificou: já não tem tempo de passear com Dona Maria Tereza; as bombachas gaúchas que gostava de vestir para caçar em sua fazenda de Goiás estão guardadas. E suas atenções reduziram-se a uma só, que lhe solicita 24 horas por dia: a de assinar papéis e dar ordens.

Durante um ano foi uma cópia sem corôa da Rainha Elizabeth: sua função era sorrir, porque, como Presidente, tinha as mãos amarradas pelo regime parlamentarista. Com a volta ao presidencialismo, ao seu sorriso se mistura um gosto amargo: o peso da responsabilidade. Goulart sabe, agora, que não tem um Primeiro Ministro para pôr a culpa do que fez ou do que não fez. Nem um Congresso poderoso a quem o povo possa perguntar pela reforma agrária que não sai e pela inflação que não acaba. Em cada noite de sono um fantasma dorme ao seu lado: o custo de vida, que nos últimos tempos sobe 5% cada mês.

Tornou-se um homem só para enfrentar um exército de problemas. E eles começam quando olha para os prédios de seus ministérios e pensa que, na escolha dos novos auxiliares, não poderá ser tão livre como foi seu amigo Niemeyer na escolha de suas linhas. Para se sair bem na presidência terá de fazer um governo que, ao lado de homens de sua confiança, reflita as tendências de centro, direita e esquerda. Se antes tinha as mãos amarradas pelo regime parlamentarista agora depende de composições políticas para governar: no regime presidencialista, o Presidente que não tiver maioria no Congresso nada consegue e é sempre o culpado pela sorte do governo. Não pode prescindir do apoio pelo menos do PSD que é a maior bancada do Congresso.

Mas, aliando-se ao PSD, além do risco de formar um Ministério de inimigos que, no momento das definições, fique contra ele como o de Jânio, a partir do dia 15 de janeiro terá de enfrentar outro obstáculo: a eleição do Presidente da Câmara que, na falta do vice-presidente será o substituto do Presidente da República. O PSD apresenta o nome do Sr. Amaral Peixoto como condição para um acordo, mas o PTB não o aceita. O próprio Jango não se sente à vontade para deixar o governo, sabendo que em seu lugar ficará um político de idéias conservadoras.

No plano dos governos estaduais, as dificuldades começam dentro da casa. No Palácio Piratini mora hoje, um conservador, que não pode cortejar por causa de seu cunhado: Meneguetti foi eleito governador como candidato dos partidos que desejavam liquidar Brizolla, no Rio Grande do Sul. O Governador Magalhães Pinto não vê com bons olhos o namôro de Jango com o PSD e com





o Sr. Tancredo Neves, a quem pesa a acusação de ter trabalhado contra Minas como Primeiro Ministro. Precisando de crescer politicamente, Jango não pode contar com isto pelo menos a curto prazo: se jogar com Jânio estará alimentando um concorrente; se preferir Ademar, o desgaste seria ainda maior, porque Ademar só joga na direita como Mané Garrincha e Carlos Lacerda.

A política exterior independente foi o grande êxito de 62. Agora Jango toma o lugar de Presidente, justamente na fase de maior pressão para que o Itamarati abandone a sua nova linha. Bob Kennedy não veio ao Brasil para trazer votos de Boas Festas aos brasileiros, mas para dizer que Kennedy está cansado de promessas. Ele quer que o Brasil deixe de flertar com os socialistas e não repita o que aconteceu, agora, na Conferência do Desarmamento, em Genebra, onde votou contra os Estados Unidos. Que providencie a indenização da Companhia Telefônica do Rio Grande do Sul, encampada por Brizzola. Inicie uma política de austeridade financeira, para por fim à inflação e modifique a linha de apoio à autodeterminação de Cuba.

Bob Kennedy abandonou a visita a uma escola de guerrilheiros no Panamá para vir a Brasília. Mas não tem escola nem fôrça para sustentar uma luta de guerrilhas contra John Kennedy que disse não ver «saída para o Brasil». Em outras palavras, Kennedy coloca a mudança da linha de política internacional como condição para o empréstimo de dólares do Fundo Monetário Internacional e da Aliança para o Progresso. Se não quiser seguir o caminho aconselhado por seu cunhado Brizzola, para quem a solução não é nem URSS nem Estados Unidos, mas Europa, terá de se definir no meio de dois fogos: de um lado a direita, liderada por Lacerda, que se prepara para iniciar uma campanha de denúncias contra o governo, e de outro, as esquerdas, unidas aos setores progressistas, como a burguesia industrial que quer o comércio com todos os povos e a proteção que lhes deu a lei de remessa de lucros. A última esperança de driblar Kennedy sem fazer concessões, é San Tiago Dantas, que vai a Washington, provavelmente como Ministro da Fazenda.

Depois de tudo, um problema explosivo agitará os meios políticos, quando o novo Congresso tomar posse: a reforma da Constituição prevista pelo Ato Adicional, para atenuar os poderes presidenciais e abrir caminho às reformas de base. Jango não pretende abrir mão dos poderes que lhe dão o direito de nomear e demitir ministros, de controlar a política externa e a vida financeira do país, que PSD e UDN reivindicam para o Congresso, a fim de enfraquecê-lo politicamente: PSD e UDN vão fazer frente única nessa questão. Por outro lado, necessita da reforma da Constituição no artigo sobre desapropriação para que possa fazer as reformas de base. Precisa de poderes para desapropriar sem necessidade de indenização prévia, e em condições mais razoáveis, e nes-

se ponto, a sua vitória é quase impossível: o Congresso, formado na maioria de proprietários rurais e urbanos, não abre mão desse princípio, que consideram sagrado para existência da livre iniciativa.

O que pode fazer agora é apenas trocar a coragem de gaúcho pela paciência de mineiro que não fala, só espera quando está em situação difícil. Não há argumentos para explicar os Cr\$ 6 bilhões de notas de Cr\$ 500 que o «Cap Frio» desembarcou na Guanabara há duas semanas, ou as reservas de ouro que acabam de embarcar para os Estados Unidos, a fim de garantir dívidas antigas. Este dinheiro que vai se juntar ao Cr\$ 200 milhões postos em circulação, em 62, aumentará a inflação e fará subir, ainda mais o custo de vida. Os motivos que tem para otimismo não passam de esperanças: Jango espera um ano sem «filas da fome», porque, segundo os técnicos, a safra de gêneros de 63 será a melhor dos últimos anos. E que não haja excedentes de café, como prevêem os técnicos, pois da safra prevista de 23 milhões, 18 milhões de sacas devem ser exportadas e 5 milhões gastas no consumo interno.

Na sua mesa de despachos, no Palácio do Planalto, além dos processos comuns, há, desde algum tempo, um



volume de 450 páginas datilografadas, em espaço dois. Por um ano, o que ele contém, só existiu na imaginação do Presidente. De 6 de janeiro para cá, o volume, que é o Plano Trienal de governo, elaborado pelo Ministro Celso Furtado, tornou-se o assunto mais discutido entre Jango e os auxiliares. O plano prevê a inversão de Cr\$ 3 trilhões em obras, se aumentar um tostão da dívida externa de 3,5 bilhões de dólares, em três anos. Pede a reforma agrária, a reforma tributária, dobra a produção de aço, aumenta a de eletricidade, e cria o Banco Central, o reaparelhamento do Exército.

Jango joga com ele o seu futuro político e a saúde de seu coração, que não costuma acompanhar o ritmo da política, como aconteceu na volta dos Estados Unidos.

Se o mosquito
o desacata...



Fumetas
a fumaça que mata



deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, pontos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma cutis suave, apresentando um viço permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LASCORATÓRIO ALVIM & FREITAS



Goulart, se quiser rir
por último, não
poderá dar as costas
às reformas de
base: executá-las é
a única maneira
de Governar o País.

Que Sabe Você sôbre Reformas De Base?

As reformas de base, que surgiram pela primeira vez em praça pública através do ex-Presidente Jânio Quadros se tornaram, nos últimos anos, o ponto central dos acontecimentos mais importantes da política brasileira. Responsáveis pela queda de Jânio, pelas três crises do parlamentarismo, foram as principais teses políticas que comandaram as eleições, a propaganda sôbre o plebiscito e serão o assunto mais importante que agitará o nôvo Congresso. Afinal, o que significam e porque são tão reclamadas as reformas de base?

E' verdade científica que os destinos de uma sociedade se devem, não exclusivamente, mas principalmente, às funções preenchidas pelas instituições básicas, como o Congresso, a Universidade, os Bancos, o Exército, a Imprensa, a indústria e o comércio. As instituições básicas, no Brasil, criadas para atender às necessidades de um país de economia primária, entraram em crise, a partir do momento em que o país entrou na fase da industrialização, com a criação de Volta Redonda, em 1930. Como resultado disso, as instituições ficaram desaparelhadas para atender às novas necessidades daí decorrentes, como a mão de obra profissional, e as exigências alimentares e de habitação das populações concentradas nos grandes centros urbanos.

O fato é que, apesar de reivindicadas, as cinco reformas mais faladas — a agrária, urbana, universitária, tributária e bancária — continuam no terreno da polêmica. Envolvendo modificações profundas nas instituições, as classes que disputam o poder não conseguem vencer o impasse que surge quando se reúnem para discuti-las. Os grandes fazendeiros, que ainda dominam o Congresso, não as aceitam em termos radicais, enquanto a burguesia industrial, representada no poder por Jango, embora também defenda êsse princípio, eventualmente, assume posições contraditórias. E' o caso da reforma agrária: à burguesia industrial interessa a reforma agrária porque precisa ampliar o mercado do consumo para a sua produção, o que conseguirá aumentando o poder

Goulart Pode Perder O Sono Se Não Reformar

aquisitivo do homem do campo. Por isto, para forçar os grandes proprietários a cederem, se alia aos setores de esquerda. O mesmo acontece com respeito às posições nacionalistas, por eles defendidas, juntamente com os esquerdistas, para neutralizarem a concorrência dos capitais estrangeiros, no Brasil. Tais interesses é que explicam, por exemplo, o apoio do industrial José Ermírio de Moraes à candidatura Arrais, em Pernambuco, aparentemente um absurdo, mas que tem sentido dentro dessa análise.

A terceira força, representada no Congresso pelo Grupo Compacto de Almino Afonso e Sérgio Magalhães, no PTB, e de fora, pelo deputado Francisco Julião, das Ligas Camponesas, e os comunistas, as reformas têm de ser uma revolução, palavra a que — admitem — pode faltar, algumas vezes, o conteúdo explosivo que carrega, mas é sempre uma transformação social profunda. Para os socialistas só povo pode fazer as reformas ideais. As elites dirigentes pelo simples fato de que ninguém faz nada para se prejudicar, não podem fazê-las. Portanto, para eles, a burguesia industrial quando se coloca contra a burguesia rural, está apenas adotando uma posição tática, prevendo vantagens futuras.

Do choque dessas tendências surge o impasse que vem impossibilitando o acordo sobre as reformas, cujos projetos se acumulam nas gavetas do Congresso: a lei de diretrizes e bases, por exemplo, ficou dez anos paralisada, antes de ser aprovada, por causa das lutas dos grupos, que defendiam ou atacavam o ensino particular. Como resultado, a reforma foi feita, mas através de uma lei de composição, em que se manteve o ensino particular, proibindo-se a subvenção oficial às escolas particulares.

De todas, a mais urgente é a agrária, por causa da crise de gêneros que se repete anualmente e pela inquietação camponesa, que começa a ameaçar a tranquilidade social. A instituição agrícola, no Brasil, baseada nas grandes propriedades, se manifesta sob uma dupla forma, das quais ne-

nhuma beneficia o camponês: uma é a superprodução em alguns setores. A outra, a crise de produção. Enquanto a agricultura de exportação — o café — é favorecida pelos interesses estrangeiros e até pelo governo, que compra os estoques excedentes, sem colocação no mercado, a agricultura de subsistência não consegue produzir em quantidades suficientes para o consumo.

À agricultura de exportação não falta o crédito, o espaço para armazenamento, a facilidade de transporte e as subvenções oficiais. À agricultura de subsistência tudo falta. No entanto, um outro fator contribui para agravar o problema: é o conflito entre o latifúndio e a pequena e média propriedades. Com uma população rural de 38 milhões de habitantes, só existem no país 2.065 mil propriedades agrícolas. E mais ainda: desses 2 milhões e 65 mil proprietários, 70 mil dominam mais de 62% da área total ocupada pelo país. Daí resulta que a reforma deve ser feita, mas sem confundir a mudança no regime da propriedade rural, com mera lei agrária: a reforma aparece sob a forma de lei, mas nem toda lei é reforma agrária. Nenhuma medida será a reforma agrária de que o Brasil necessita se não houver uma radical transformação nas formas atuais de exploração das propriedades rurais.

A reforma universitária: tem o objetivo de substituir a escola do velho Brasil por outra que possa servir ao novo Brasil industrializado. Sua finalidade é perseguir um ensino funcional, de mentalidade tecnicista, em busca do desenvolvimento. Esta procura vem sofrendo até os nossos dias a resistência por parte do ensino acadêmico do velho Brasil. Bastante politizado, o movimento estudantil quer passar de uma universidade acadêmica para uma outra que se volte para a cultura popular.

A reforma urbana, por sua vez, asseguraria a todos a possibilidade de adquirir a sua habitação. Quase um terço da população da Guanabara vive nas favelas. Em São Paulo, as condições de existência nos bairros pobres comoveram a opinião pública,

através do «Quarto de Despejo», da escritora-favelada Carolina Maria de Jesus. Em Recife, 400 mil habitantes vivem nos mocambos, no Rio, quase 700 mil. Isto significa que o desenvolvimento vai se fazendo apenas para uma classe, e que a crise habitacional deve ser perseguida por urgente reforma urbana.

Uma pergunta sem resposta é se a lei de remessa de lucros foi uma reforma de base. Talvez, tenha sido projeto melhor acabado de reforma de base, no Brasil atual. No entanto, só será um projeto realizado, no momento em que impedir, sem exceções, as grandes remessas de lucro para o exterior, sob todas as formas. E quando a sua aprovação for acompanhada por outras leis de reforma, porque um projeto de reforma de base, sozinho, é vazio.

Duas outras reformas estão na ordem do dia: a bancária e a tributária. A última, o próprio governo tomou a iniciativa de fazer com o objetivo imediato de aumentar a receita para compensar os «deficits» orçamentários, sem recorrer a empréstimos externos: o seu plano, feito pelo Ministro Miguel Calmon, é que servirá de base para a reforma definitiva a ser implantada pelo novo Congresso. Mas a nova lei tributária será uma lei de composição dos interesses do governo com os interesses econômicos privados, razão porque não se acredita nela.

A convicção geral é de que o novo Congresso, fará as reformas de uma forma ou de outra. Até agora, elas não saíram porque não havia condições materiais — econômicas, sociais e políticas — para sua eclosão. Em segundo lugar, o povo ainda não havia adquirido consciência de sua maioria e não se havia organizado. Finalmente, porque não se sabia que, sem elas, qualquer desenvolvimento é falso, pois partirá de uma perspectiva de minorias e privilégios. Mas, os políticos já tomaram consciência de que as crises políticas dos dois últimos anos não se originaram de simples atos de vontade dos governantes, mas têm suas raízes profundas na crise institucional.

J.M.M.



A FACE OCULTA DE JACKIE

A coragem de andar de automóvel a 100 quilômetros por hora, ao lado de Kennedy, e o privilégio de ser a Primeira Dama dos Estados Unidos, ao mesmo que uma das mulheres mais bonitas do mundo, não foram as duas únicas façanhas que fizeram de Jackie o nome mais famoso de 1962. Ao escolherem um homem de idéias novas para seu Presidente, 150 milhões de norte-americanos não sabiam que estavam levando para a Casa Branca, não um, mas dois revolucionários. Pois atrás da beleza que conquistou o neutralista Nehru e fêz parar os apressados italianos das praias de Ravello, a face oculta de Jackie esconde uma personalidade incomum — com a mesma disposição que enfrentou a opinião pública de seu país, indo à missa numa Igreja Católica durante a campanha eleitoral, foi que mandou entrar na Casa Branca, pela primeira vez na história americana, um menino preto para brincar com a sua filha Caroline.

A Jacquie De Verdade Nunca Aparece Em Fotografias



Jacquie e John II: êle, que fêz dois anos, serve de desculpa para que ela não ajude, como pode, o marido na política. Mas a verdadeira razão é que Jacquie não gosta de políticos.

A Jacquie que aparece nas fotografias, andando a cavalo ou tomando um avião para uma visita de relações públicas, não é a verdadeira Jacquie. É certo que seja uma mulher sem tempo nem razão para chorar, porque, além de ter sempre vivido em berço de ouro — primeiro, o berço dos Bouvier, depois o berço de aço dos Kennedy — os deveres de Primeira Dama a obrigam sempre a sorrir. Mas isto não diz tudo sobre a sua personalidade.

Uma das grandes qualidades de Jacquie é o caráter de mulher que não tem medo de enfrentar a opinião dos outros para revelar o que pensa. Durante a campanha eleitoral não fêz segredo de que é católica, religião que só 20 milhões de americanos aceitam: enquanto Kennedy viajava e aparecia na televisão, continuou, normalmente, a assistir missa com a filha Caroline, na igreja perto de sua casa em Massachussets.

Mantém essa linha, como Primeira Dama, permitindo que os fotógrafos tirem fotos suas e do marido, saindo da missa de domingo, na capela da Casa Branca. Muito mais ousado foi o partido que tomou nos conflitos do Mississippi, em setembro: ignorando que o preconceito racial podia derrotar Kennedy nas eleições de outubro, não só apoiou a intervenção federal no Estado, para garantir o lugar do negro James Meredith na Universidade, como também passou a consentir que Caroline levasse meninos negros para brincar na Casa Branca.

Na política, aceita tôdas as posições do marido, que, nos Estados Unidos são consideradas «perigosas» e sofrem ataques da maioria conservadora. Jacquie não gosta de política, mas acredita que lá também «é tempo de mudar» e se esforça por substituir definitivamente a velha mentalidade que dominava o País pela Nova Fronteira que tem coragem de dizer «não» ao grupo do aço com a mesma franqueza que o diz a Kruschew. A Casa Branca vive sempre cheia de intelectuais como Artur Muller, Steinbeck e o poeta Robert Frost, que nos Estados Unidos, são acusados de comunistas pelos «macartistas». Na campanha, quando esperava o segundo filho, John, trabalhou até na hora de votar, escrevendo artigos em espanhol, francês e italiano para jornais e fazendo palestras.

Aos 33 anos, idade em que as outras ainda são moças, pode-se dizer uma mulher madura: na coroação da Rainha Elizabeth, no momento em que o «Post and Times Herald» necessitou de mandar um repórter para a cobertura das cerimônias, a escolhida foi Jacquie, a única mulher da redação. Como Primeira Dama, ela se encarrega sôzinha de dirigir tôdas as campanhas de assistência social que o governo promove, e ainda substitui o marido em conferências, recepções e inaugurações.

Talvez por ter sido repórter é, sobretudo, dinâmica. Ao chegar à Casa Branca não su-

portou viver no ambiente cerimonioso que caracterizava a época de Mamie Eisenhower e de Bess Truman. Já quando morava em Massachussets, no tempo em que Kennedy foi Senador, fazia sempre questão de ter à mesa os amigos do marido ou parentes: muitas vezes ajudou a preparar refeições para 40 convidados. Na Casa Branca mandou fazer um «playground» para Caroline brincar com as amigas e promove, constantemente, reuniões com pintores, médicos e escritores. Um dos comentários mais ouvidos nas cidades americanas é que «Jacquie, em dois anos, já deu mais festas do que Mamie Eisenhower em oito». O mais novo museu americano — o Museu da Casa Branca, que guarda coleções de quadros de artistas famosos e objetos de uso pessoal dos ex-presidentes — foi criado por iniciativa sua.

Como reflexo desse dinamismo não lhe sobra lugar para o medo: na crise cubana, em nenhum momento perdeu o sorriso e, nas primeiras 48 horas em que não se sabia qual a reação soviética ao bloqueio, permaneceu acordada ao lado do marido, ou esperando-o de volta das longas reuniões com os assessores pela madrugada. A única vez que Jacquie sentiu medo não foi diante de um grande problema, mas de um perigo a que não escapa nenhuma mulher: na visita à Índia, ao ver uma inofensiva cobra que saía do cesto, encantada pela flauta de um músico do palácio de Nehru, correu e abraçou-se ao Primeiro Ministro, buscando proteção.

Nos últimos anos, a moda européia e, em particular, a americana, além da italiana, depois que Jacquie passou as férias de 62 em Veneza, viveu de seu prestígio. Os cabelos mais compridos, os chapéus, e os vestidos de maior êxito quase sempre foram inspirados na sua beleza latina, de olhos e cabelos negros e rosto delicado. Isso aconteceu não só porque uma mulher de 33 anos se tornou a Primeira Dama do país mais importante do Ocidente, mas também porque Jacquie é vaidosa. Ela sabe que é bonita, mas se preocupa em seguir a moda: os vestidos que usa são feitos especialmente para ela, em Paris e Nova Iorque. Para passar as férias na Itália, de vinte dias, levou uma coleção de maiôs, chapéus, e vestidos esporte.

Seu orgulho se estende à família, a começar pelo marido: vê em Kennedy a pessoa mais importante para ela. Quando foi eleito presidente, Jacquie ficou tão emocionada que, ao pintar o quadro que ia lhe dar de presente no aniversário, colocou na sua cabeça um chapéu de Napoleão, comandando o barco que arrastava pela vida a família dos Bouvier e do Kennedy. Trata Caroline como a Segunda Dama. Leva-a aos passeios, nadam juntas na Itália, vão à missa de mãos dadas e faz questão de dizer: «Se não me preocupar com a educação de Caroline e John, nada mais que fizer ter importância».

R.D.

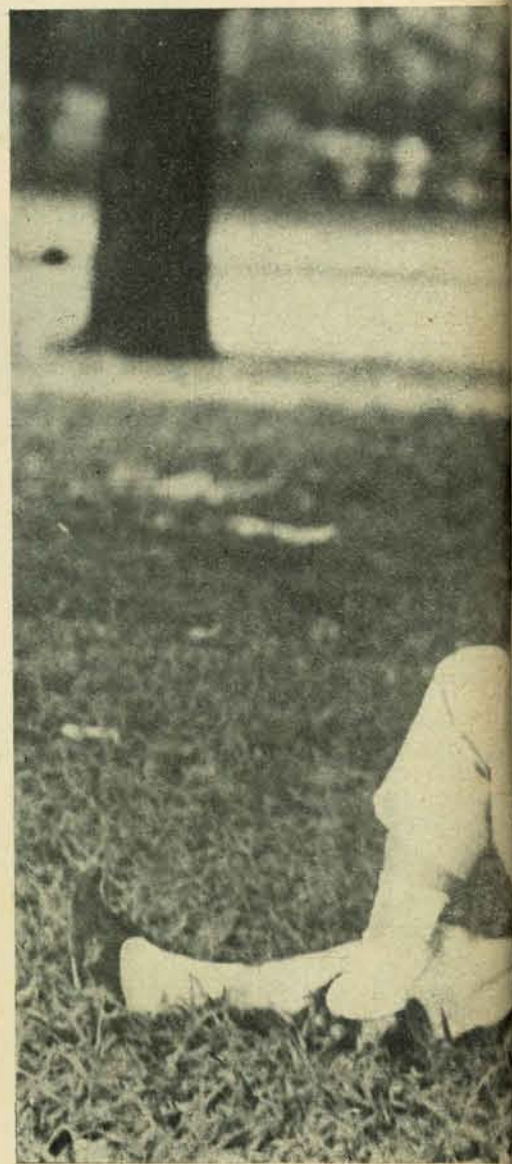
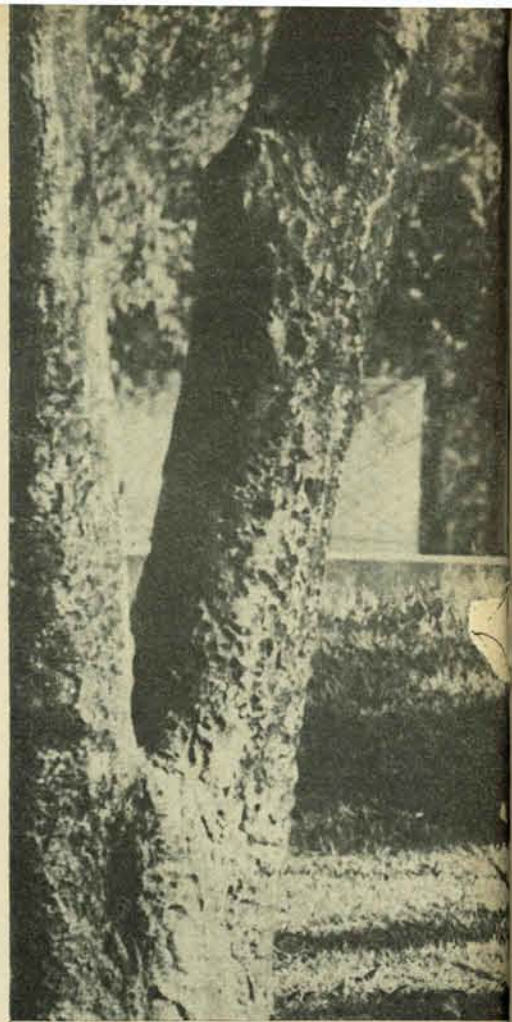


Jackie sem preconceitos:
ela não se importou em ser
fotografada de braços dados com o
Premier Nehru, um dos líderes
do bloco neutralistas.

No Amor Dos Simples, Uma Nova Missão Da Imprensa

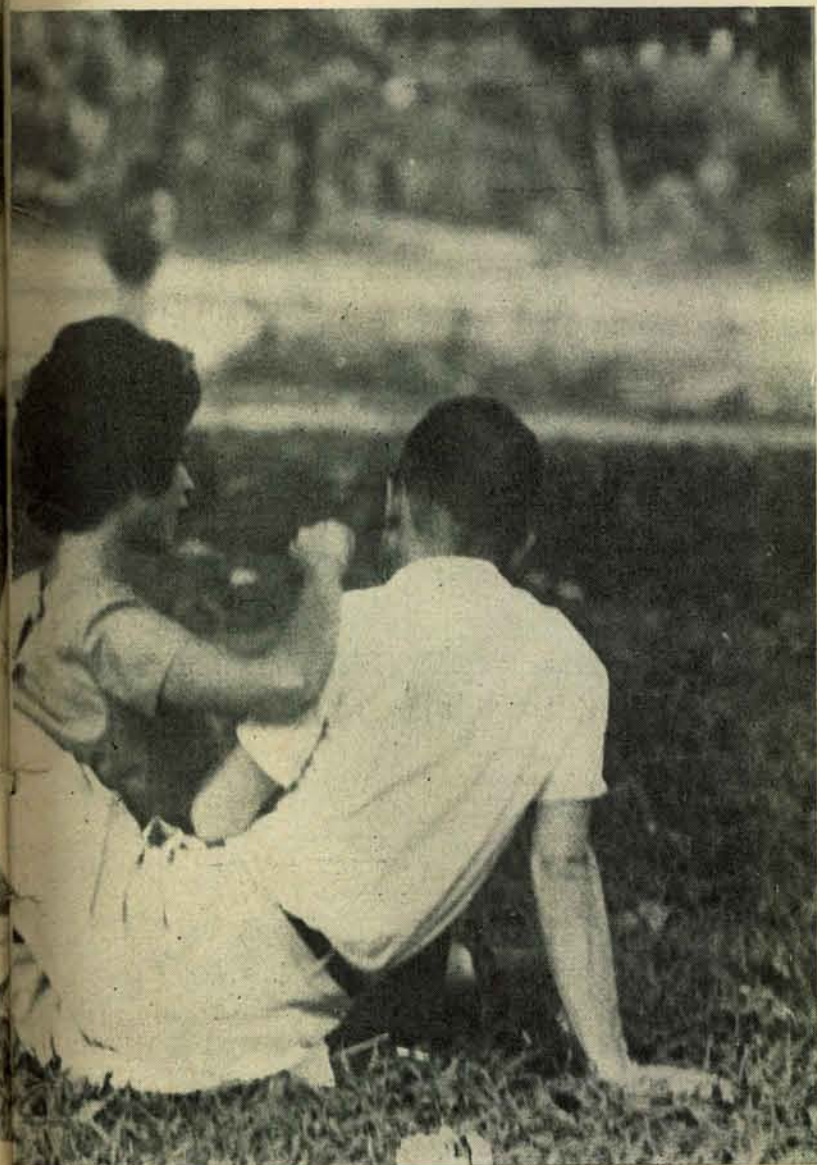


Eis uma nova missão, também importante, da imprensa: tornar mais confortável o amor dos simples que não querem sujar a roupa na grama, nem enxergar a luz do dia, quando tudo convida ao sonho e é melhor viver sob as trevas fabricadas por um jornal qualquer. Como a ocasião faz o ladrão, há sempre tempo para o beijo roubado que, segundo alguns estudiosos, é muito mais sincero e emotivo. Sobretudo o Romeu e a Julieta buscam, na solidão de um parque, quebrar a monotonia dos que não se acostumam a viver numa floresta de edifícios e trazem sempre consigo aquela saudade do homem que nunca se acostuma a ter que morar numa cidade grande. Mas há outro aspecto do amor dos simples: é que o rapaz deixa de lado a sua condição de protetor para ser, como uma criança, o protegido.





Um recanto protegido pelas árvores forma o pequeno mundo do casal para o qual a presença de qualquer outra pessoa é incômoda porque vem desmanchar os castelos, quase de areia.

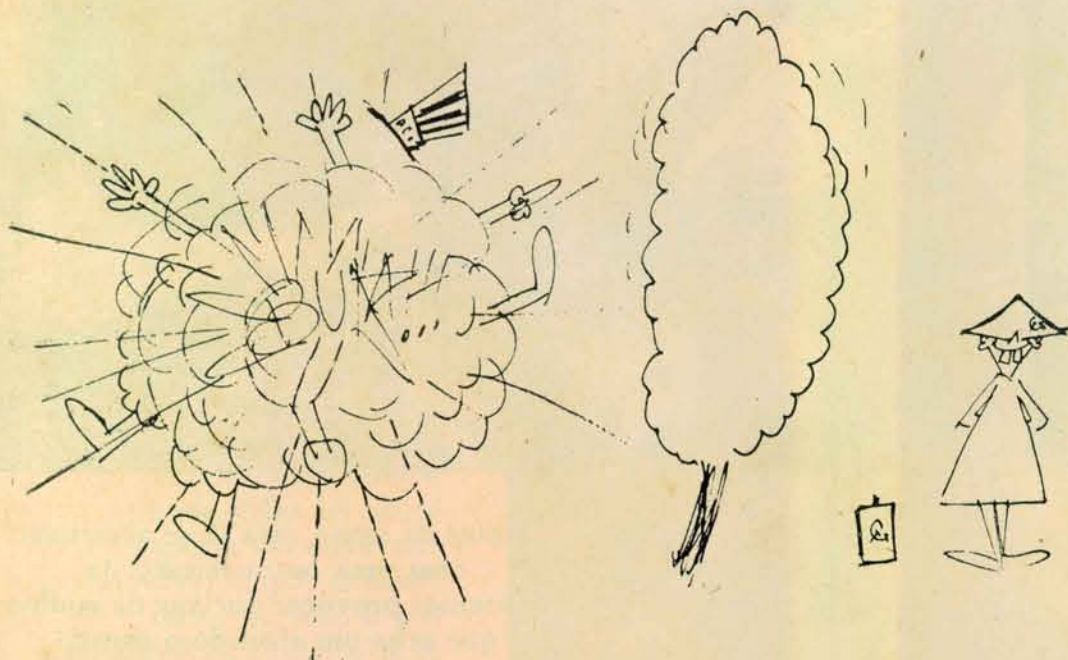
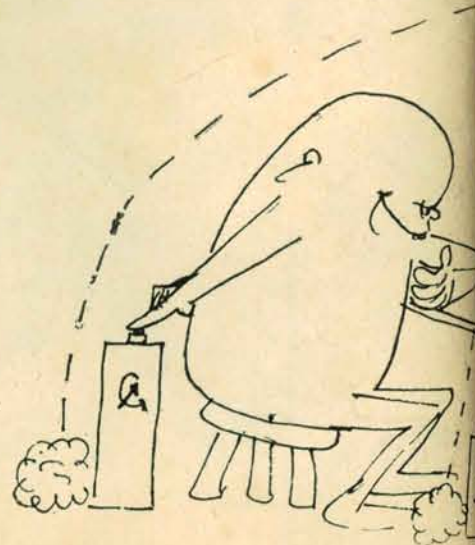
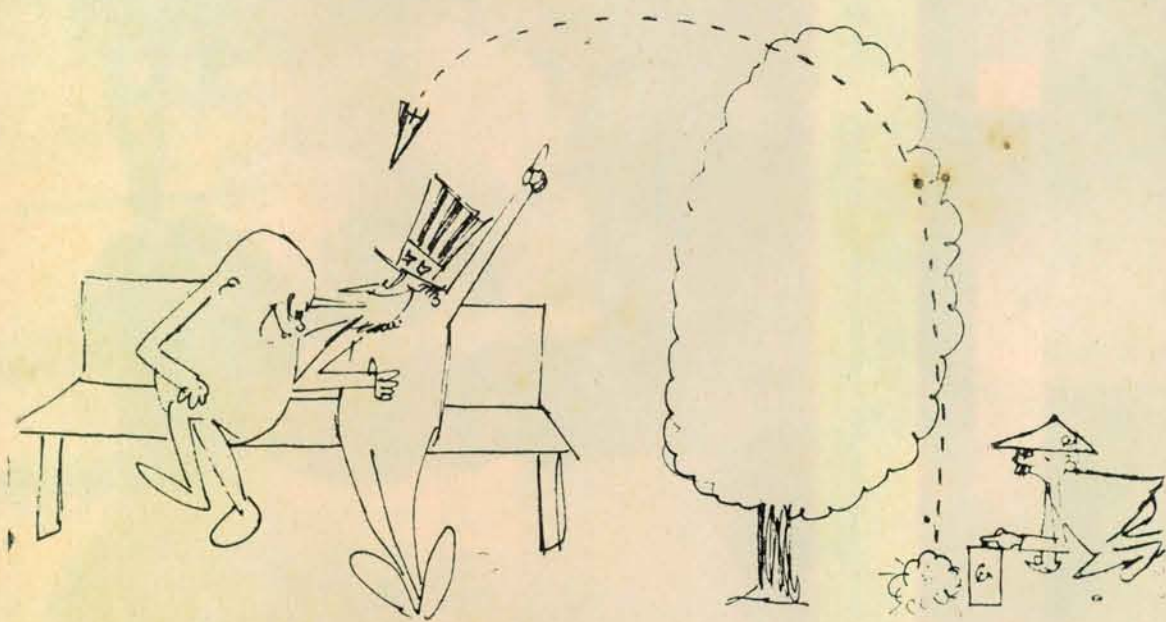


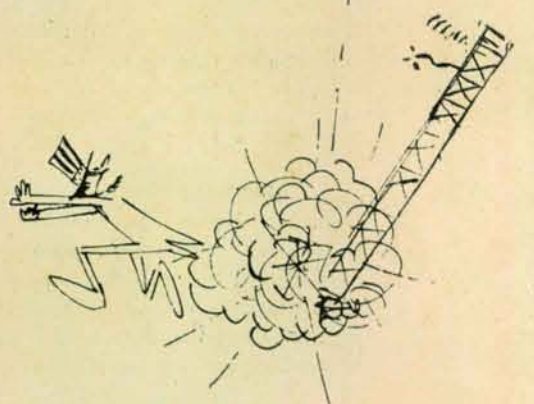
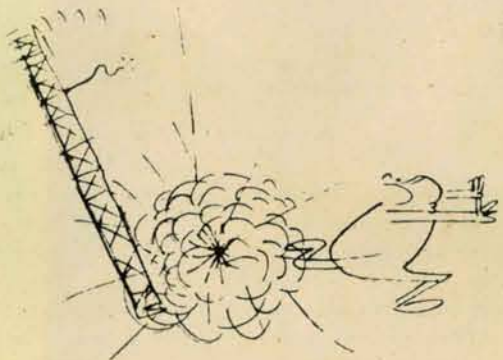
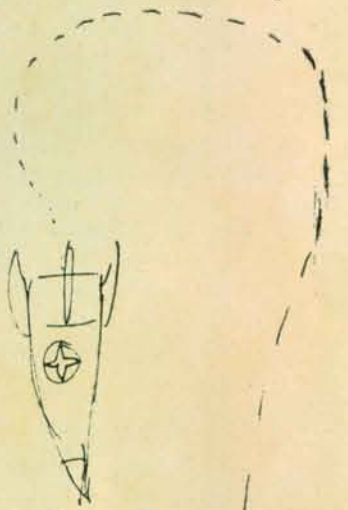
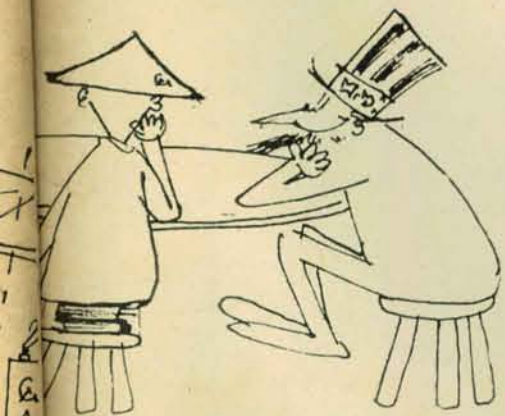
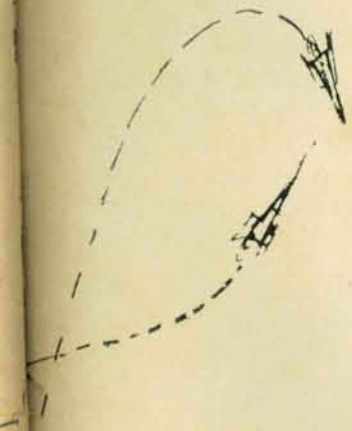
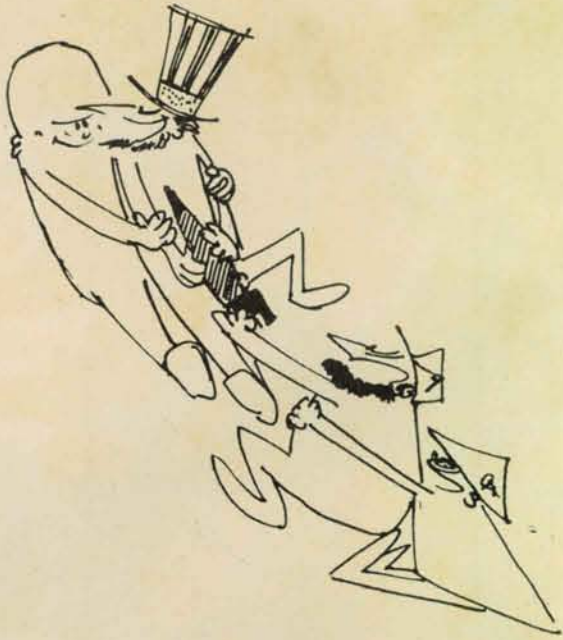
Ela fala, ele abaixa a cabeça, depois ficam em silêncio no diálogo mudo que mais fala aos que descobrem uma certa palavra (muito misteriosa) chamada amor.



Antes de casar, esta já se acostuma com uma outra missão da imprensa: provocar queixas da mulher que acha um absurdo o marido chegar à noitinha e abrir o jornal para ler, antes mesmo de conversar.

Henfil
A BOMBA DA PAZ





Mulher

Só

Ivan Ângelo

Antes mesmo de pensar qualquer coisa, sentiu medo. A certeza — sem base, feita só de medo — de que era inútil, agora, até mesmo sofrer. O ouvido mais atento começou a pegar detalhes: 27 pessoas mortas, morto o piloto, morta a aeromoça, morto um ator de teatro (já ouvi esse nome em algum lugar), muitos mortos ainda sem identificação. Avião das oito, de São Paulo para o Rio. Uma coisa horrorosa, só você vendo. Pelo que ouvi no rádio, parece que o Scandia ia levantando vôo e trombou com um Cessna, um desses aviõezinhos vagabundos, sabe qual? Os dois homens afastaram-se aos poucos, falando no desastre, deixando-a desamparada e com medo e infeliz e quase gritando e absurda no meio da rua.

Só.

Estava andando há muito tempo, desde a tarde, antes do jantar. A felicidade era grande demais para caber na casa, sobravam pedaços de felicidade pelas janelas e pelas frestas da porta, uma coisa incontrolável, os vizinhos espreitando... O avião chegaria à noite, oito e meia, e até lá era impossível — impossível, compreende?, dizia-se, procurando conter aquela felicidade, ou dar-lhe uma direção em que ela fôsse menos arrebatadora, menos veloz, compreende? — até lá era impossível esperar. Escreveu o bilhete («Oscar, meu amigo. Estou feliz demais para poder explicar. Procure compreender e não deixe Oscarzinho odiar-me. Adeus, Helena»), saiu para a rua sem levar nada, nada que lembrasse a casa antiga, e ficou andando, esperando a hora (nove) de encontrar Vicente.

Feliz.

Andou, pensando na inevitabilidade, na corrente de coisas irreversíveis que iniciara com aquele amor: à tarde, o telefonema de Vicente, avisando que estava resolvendo e partiria às oito da noite. Depois aquela felicidade. Depois o bilhete. Depois Oscar chegaria (Sete horas. Será que já chegou?) e leria o bilhete. Depois seria impossível volta. Tudo tão definitivo, pensou, sem nenhum receio. Sabia que teria, muitas vezes, de ser mais forte que Vicente, antipática e forte como certas mulheres, e levantá-lo quantas vezes ele caísse. Sabia e continuava.

Decidida.

O medo só começou às oito e meia. Uma palavra pronunciada por um homem na rua. Nem foi ela quem ouviu: a palavra veio vindo, assim como quem não quer nada, encontrou seu ouvido, foi entrando com a maior naturalidade e instalou-se lá num cantinho da memória, até ser percebida: bum! Foi então que o medo começou. E aquela certeza física, isso, física, de que estava tudo terminado.

Quis perguntar ao homem, detalhes, fatos, provas, mas ficou parada, os olhos fixos num ponto do cérebro, onde o medo se instalara.

Destruída.

Precisava saber. Além daquela certeza, era necessário que ela soubesse, visse o nome escrito. Até lá, deveria ser racional, antipática e forte. Telefonar imediatamente para casa, chamar Celestina, perguntar se o patrão estava (podia ser que não, quem sabe?) e voltar a tempo de rasgar o bilhete, evitar tudo. De casa informar-se, ter certeza. Sofrer de lá, na segurança. «Doutor Oscar mandou avisar à senhora que tem reunião e só volta lá pelas onze» — informou a voz de Celestina. Olhou o relógio: quase nove. Havia tempo de sobra, era só pegar um carro, em vinte minutos chegaria a Copacabana, destruiria o bilhete, estaria salva. Trombando nas pessoas, chamou um táxi.

Infeliz.

Pensava: amanhã. Hoje tomo um comprimido, durmo. Amanhã saberei de tudo, pelos jornais. Amanhã. Inútil ficar preocupando, sofrendo assim. Acabo doida, meu Deus, não agüento, juro que não agüento. Sou apenas uma mulher, sei que não agüento.

Chorando.

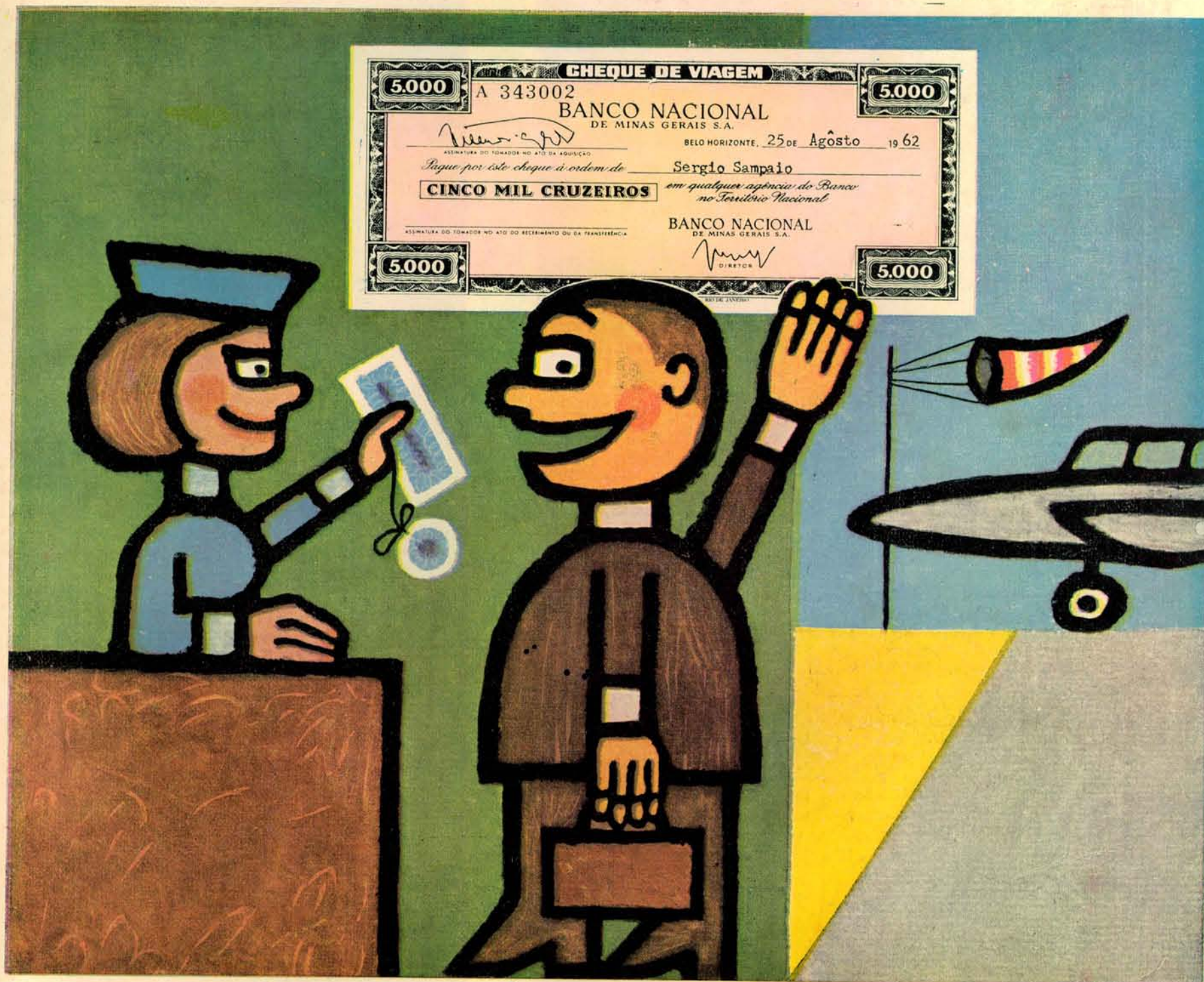
Pensava: inútil? Então é inútil a única coisa que posso fazer por ele neste momento: sofrer? Não, estou errada, tenho de estar. Sofrer é o que me justifica neste momento, não sou nada a não ser meu sofrimento, não tenho nada a não ser essa dor. É a única coisa que me liga a ele agora!, mesmo que tenha morrido, mesmo que tenha. Não posso fugir, tenho de me entregar totalmente a essa dor, provar a ele que não tenho medo, que o medo não me mete medo. Falou: chofer, volte para a cidade. Que ponto, madame? Qualquer lugar. Não!, para o aeroporto! Ele achou até engraçado quando a mulher repetiu delicada (no fundo se impondo uma disciplina) como uma pessoa educada que acabasse de entrar no táxi: chofer, por favor, me leve até o aeroporto.

Lúcida.

Lá, assentou-se e ficou esperando. Olhou o relógio: nove e vinte. Se Vicente estiver vivo, deverá vir em qualquer avião. Decidiu esperar até... um determinado minuto de sua solidão. Se até lá Vicente não chegar eu me mato. Mais racional, resolveu ir até o balcão e perguntar. Avião de São Paulo? Vem sim senhora. Telefonar? Pode, pode. Do jornal disseram que ainda não tinham a relação das vítimas. Dentro de uma hora, no máximo, poderiam informar. Ela agradeceu e foi esperar no banco. Os olhos secos, o coração seco, o corpo seco.

Imensamente só.

compram de tudo em tôda parte...



CHEQUES DE VIAGEM

Onde você chegar, poderá pagar praticamente tudo com Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais. Lojas, hotéis e companhias de aviação os aceitarão como dinheiro vivo. E em qualquer agência do Banco, você transforma seus Cheques de Viagem em moeda corrente, sem qualquer despesa. Não há taxas nem comissões. É como levar "dinheiro no bolso"... mas dinheiro que só pode ser usado por você, pois, só vale com sua assinatura.



* garantidos pelo

BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.

